

PAULO B

Um perfil em mosaico,
um glossário em aberto

ÂNGELA MARQUES
BRUNO SOUZA LEAL
ELTON ANTUNES
(ORGANIZADORES)

TRAJETOS



PPGCOM • UFMG

PAULO B

Um perfil em mosaico,
um glossário em aberto

ÂNGELA MARQUES
BRUNO SOUZA LEAL
ELTON ANTUNES
(ORGANIZADORES)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Bruno Souza Leal
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal
Nísio Teixeira

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Libero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P331	<p>Paulo B [recurso eletrônico] : um perfil em mosaico, um glossário em aberto / Organizadores Ângela Marques, Bruno Souza Leal, Elton Antunes. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2020. 235 p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86963-08-3</p> <p>1. Vaz, Paulo Bernardo Ferreira — Biografia. 2. Comunicação — Pesquisadores — Biografia. I. Marques, Ângela. II. Leal, Bruno Souza. III. Antunes, Elton.</p> <p>CDD 920</p>
------	--

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFGM, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFGM
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça



IMAGEM CAPA
Artista: Daisy Turrer
Fotógrafo: Icaro Moreno

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFGM, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

| Sumário

APRESENTAÇÃO	11
<i>Ângela, Bruno e Elton</i>	
PREFÁCIO	15
<i>Rennan Mafra</i>	
AMIZADE	19
Amizade na academia: congressos, pessoas, livros, projetos, viagens	
<i>Christa Berger</i>	
ARTE	27
A arte e as artes de Paulo B	
<i>Márcio Souza Gonçalves</i>	
ASTÚCIA	33
Pequena história de cobiça e gratidão: os preciosos livros de Paulo B e suas astúcias acadêmico-fabulativas	
<i>Ângela Marques</i>	
CAPA	41
Sem título	
<i>Daisy Turrer</i>	
CAOS	43
Somos Ecos: a constante da imagem na metodologia do caos	
<i>Renné Oliveira França</i>	
CIÊNCIA	49
O cientista das imagens	
<i>Gracila Vilaça</i>	

CUMPLICIDADE	57
Na cumplicidade de uma amizade	
Para Paulo B	
<i>Vera Casa Nova</i>	
ELEGÂNCIA	61
Fragmentos da história de um adorável mágico	
<i>Carla Mendonça</i>	
ENCONTRO	67
Meu colega, meu amigo Paulo Bernardo	
<i>Vera França</i>	
ERUDIÇÃO	73
Braços descruzados e erudição são coisas que eu guardo no (meu) coração (e no da pesquisa)	
<i>Frederico de Mello Brandão Tavares</i>	
ESBANJAMENTO	83
Um esbanjador incorrigível	
<i>Calebe Bezerra</i>	
FLÂNEUR	89
Um livro para Paulo B	
<i>André Mintz</i>	
GENTILEZA	95
O apressado gentil	
<i>Carlos Alberto de Carvalho</i>	
HUMOR	103
Carta de F. Miranda a Paulo B	
<i>Flávia Miranda</i>	
IMAGENS	109
A iconologia dos recortes de Paulo Bernardo	
<i>Laura Guimarães Corrêa</i>	

MÉTODO	121
O método paulobvaz de orientação	
<i>Vanessa Costa Trindade</i>	
OLHAR	129
“O casaco de Marx”, cada um tem o seu	
<i>Carlos Magno Camargos Mendonça</i>	
PARTILHAS	139
Para Virgílio	
<i>Carlos de Brito e Mello</i>	
PASSAGENS	147
“Não arrefecer!”	
<i>Bruno Guimarães Martins</i>	
PRESENÇA	155
Paulo, sempre Paulo B!: trajetória humana e universitária de um mestre presente entre Belo Horizonte, Paris e o mundo (1999-2020)	
<i>Ricardo Fabrino Mendonça</i>	
<i>Sílvia Capanema P. De Almeida</i>	
P & B	161
paulo b em p&b	
<i>Diego Belo</i>	
PROFESSOR	173
Paulo B nunca foi meu professor	
<i>Elton Antunes</i>	
SENSIBILIDADE	181
Frutos na terra ou a educação pela sensibilidade	
<i>Bruno Souza Leal</i>	
SERTÕES	191
Passagens e travessias transatlânticas – em homenagem ao Professor Paulo Bernardo Vaz	
<i>Moisés de Lemos Martins</i>	

VAGALUMES	199
Num piscar de olhos	
<i>Ana Gruszynski</i>	
VENTANIA	205
De livros e ventos: breves notas sobre um percurso acadêmico	
<i>Angie Biondi</i>	
REFERÊNCIAS	211
POSFÁCIO	221
Carta-resposta de Paulo B	

| Apresentação

[...] *nous savons que nous sommes
toujours en partance.*

JEAN-LUC NANCY
Partir – le départ

Partir é iniciar um começo. Estar de partida é um processo perturbador, desafiante, que requer ajeitar recordações e memórias a fim de reunir forças para seguir adiante. Traçar novo horizonte, projetar outras rotas e novos pousos. Mensurar a alternância entre as descobertas e *dolências* que compõem uma experiência. Uma *dolência*, como nos conta Didi-Huberman em artigo da revista *Serrote*, está ligada ao luto, ao lamento da perda, mas também aos recomeços, às insurgências que instauram devires, aos afetos que impulsionam adiante.

Daisy Turrer, em uma conversa sobre as possíveis significações da espera, do posicionamento nosso em um limiar entre um antes já familiar, e um depois ainda sob a forma de pura promessa, nos apresentou um belo livro de Jean-Luc Nancy. Na série “Pequenas Conferências”, da Editora Bayard, esse filósofo nos conta que o verbo partir pertence à mesma família de “partilha” (*partage*) ou “divisão” (*partition*). Assim, quando partimos de algum lugar, partilhamos com os outros algo de nós, que permanece com eles onde quer que os deixemos.

Acreditamos que este livro revela os dons partilhados por Paulo B com cada um dos autores que aceitou participar de sua escritura. Cada seção revela, de maneira muito pessoal, os afetos que marcaram a convivência com Paulo durante sua trajetória como professor da UFMG. Uma grande parte dessa trajetória é marcada, como verá o leitor, pela construção singular de múltiplas redes de amigos, trocas tecidas com imagens, bom humor, leveza, inteligência, elegância, astúcias e muita criatividade.

Partir não implica saber de antemão o que nos espera, como será a vida daqui em diante, mas certamente é preciso expressar ao Paulo e ajudá-lo a perceber o que está sendo deixado em alguns lugares, junto a algumas pessoas que ele cativou. Conhecer as palavras que constituem seu legado é carregar as luzes que poderão servir de norte, de amparo, para enfrentar o desconhecido, o inquietante percurso do recomeço.

Iniciar um novo caminho, uma outra experiência no decurso da vida certamente é avançar rumo à incerteza, e não é fácil fazer esse movimento. Mas, como nos alerta Nancy, *“quand quelq’un ne part plus du tout, ne change plus, ne quitte plus ses habitudes, il se dessèche, il se rabougrit”* (p. 23). Então, para não nos atrofiarmos ou ressecarmos as folhas vivas de nossa história, partir é um começo.

Partimos o tempo todo, mas não sabemos bem se já chegamos, se vamos chegar ou se já passamos do ponto onde deveria ser nosso destino. O certo é que Paulo B chegou até cada um de nós e até cada um dos autores dessa obra. Sua chegada sempre foi marcante, como o leitor descobrirá a cada capítulo, e mais marcante ainda sua passagem, que se prolonga no tempo e não se encerra jamais.

Paulo B está sempre passando por nós, sempre retornando a nossas trilhas, se fazendo presente em nossas aventuras e desventuras. Caminha por perto, presença vibrante e inesquecível, tornando-nos sensíveis ao que é belo, essencial, perene.

Receba, querido Paulo, estas palavras que tentam partilhar com você os afetos semeados em tantos percursos, encontros e tramas.

Este livro nasce a partir da decisão, tomada por Paulo B em agosto de 2020, de encerrar suas atividades acadêmicas voluntárias junto à Pós-Graduação na UFMG, tendo ele já se aposentado oficialmente anos antes. É uma sincera homenagem e um modo de agradecer sua trajetória e seu papel na vida de tantas pessoas. Para contribuir com a elaboração deste livro, fizemos uma lista extensa de colegas e interlocutores do Paulo B ao longo de sua carreira acadêmica. Não conseguimos convidar todo mundo. Das pessoas com quem fizemos contato, alguns e-mails retornaram, outros se perderam. Mesmo entre aquelas e aqueles que se dispuseram a colaborar em este “perfil em mosaico” houve quem não pudesse fazê-lo, por diversas razões, entre elas as condições peculiares que vivemos com a pandemia do coronavírus em 2020. Cada autora ou autor teve plena liberdade na construção de seu texto. Não alteramos nada neles, com exceção dos livros citados, reunidos ao final e cuja referência foi padronizada. Variando em tom, estilo e uso de imagens, cada seção deste livro nos permite ver o Paulo, acontecimentos e interlocuções sob ângulos únicos, formando então uma espécie de atlas textual diverso e inconcluso. Através do “glossário incompleto” que emerge dessa rede de afetos, histórias, palavras e imagens, esperamos que todas e todos que conviveram com o Paulo B ao longo de sua vida profissional se sintam, então, representados.

Ângela, Bruno e Elton.

| Prefácio

Termino de ler, extremamente emocionado, o livro *Paulo B: um perfil em mosaico, um glossário em aberto*. Cumprir o prazeroso gesto de prefacear essa obra faz meus olhos encherem-se de um mar quente, enquanto os dedos trêmulos tentam escolher as letras nas teclas frias de uma manhã de junho de 2020, dia de São João. A pandemia do Novo Coronavírus segue tumultuando nossas rotinas e emoções, nossos projetos de presente e de futuro, acessando passados empilhados, mal-digeridos, num tempo que nunca parece passar e que nos aprisiona num presente amplo, como bem sinaliza Hans Ulrich Gumbrecht, com um futuro atrofiado e difícil de ser projetado para além de qualquer instante seguinte ao do agora.

Nas neblinas dessas pilhas e mais pilhas de passados, eis que emerge a imagem de um professor elegante, esguio, engraçado, bonito e cheio de vigor e graça, nos corredores de uma Fafich emborrachada no chão, com cheirinho de café forte, brisa fresca e sol da manhã. Urgência e delicadeza, vitalidade e dormência, astúcia e calma caminham em minha direção. Recebo um abraço rápido, e um olhar demorado deita-se sobre mim, junto com um livro, uma lembrança, uma pergunta, um

interesse concreto de alguém que, em seu próprio atravessar, pausa e repousa-se no micro-instante desse encontro, e se eterniza. Uma sirene inaudível dispara e Paulo B se despede, lépido e fagueiro, sumindo sem deixar rastros, mas fixando seu movimento e produzindo uma memória elétrica e suave para sempre.

Nesse momento, sinto-me parte desses afetos, depois de me deliciar com cada texto. Impossível reproduzi-los nesse espaço – contrariando aqui minha vontade de destacar cada singularidade pronunciada pelxs autorxs, muitxs dxs quais conheço por partilhar não apenas a vida acadêmica, mas as redes que entrelaçam nossos corpos em abraços demorados, nas salas de congresso, nas confraternizações e nas pistas de dança, nos copos e mais copos dos líquidos gelados que desatinam os sentidos e os recolocam, depois, no fluir da vida (e das ressacas). Sem qualquer desejo de extrair a vitalidade dos arranjos linguístico-discursivos, das imagens e das gostosas histórias, cabe a mim reverenciá-lxs e, profundamente, curvar meu corpo em agradecimento eterno e profundo.

Se é que me resta algo a dizer, só posso aqui também reverenciar o Selo PPGCOM pela criativa e ousada iniciativa de publicar uma obra tão estimulante, fomentadora de uma abertura de horizontes em meio a um contexto que tanto se propõe a retirar as forças, o prazer, a alegria, em direção à castração do desejo acessado por nossos mundos e pesquisas. Para muito além dos resultados frios, matemáticos e fomentadores das opressões de um mercado que insiste em nos fazer acreditar na incontestável falência de seu projeto, as humanidades são campos férteis a um fazer científico que explicita a instabilidade de nossos mundos (inclusive de nossas produções, de nosso lugar, de nossas práticas e de nossas crenças) e restitui a possibilidade da utopia. A publicação de um conjunto de textos escritos por pesquisadorxs e profissionais reconhecidxs pelas comunidades científicas como forma de homenagear a trajetória de um pesquisador tão competente é gesto que escancara nossas subjetividades, a cozinha de nossas práticas, a afetação de nossos lugares como sujeitos, a construção de uma atmosfera própria – de uma usina criativa que entremeia composições em torno da produção de nosso trabalho. Ignorar essa atmosfera é uma forma de aceitar o fim de um projeto concreto, a morte do desejo e da potência, a batuta violenta de

uma brutalidade de Estado que enxerga na tristeza e no festival público da calúnia a possibilidade de nos controlar e de nos fazer obedecer as regras de um assédio injusto e criminoso, tutelado por uma política anti-vida.

Findada a leitura do livro, potencializa-se, em mim, meu afeto *por* Paulo B - meu professor na graduação, no mestrado e no doutorado em Comunicação Social na UFMG - e meu afeto *com* Paulo B - uma parte dele que fica em mim, e se espraia hoje numa metodologia do caos (sim! como me dei conta de que Paulo B me apresentou esse devir louco e rigoroso), na crença na Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade como espaço de transformação, na prática de uma pesquisa respeitosa e comprometida, antes de tudo, com a escuta de nós mesmos – pedaços ambulantes, vestígios de uma cultura viva, amontoada e sintomática de processos sociais amplos e complexos. Mas, para muito além de minha própria experiência, o livro ativa os desejos de todxs nós, pesquisadorxs das humanidades, que pagamos o preço de existir sendo atravessadxs pelas próprias contradições que investigamos; bem como detona, junto àqueles que desejam nossa mortificação, a sutil e estonteante força de nosso trabalho, morada do rigor, do compromisso público e da alegria – sim, da vital e invencível alegria. Paulo B, mais do que ninguém, é vitalidade inquieta e autônoma, prova de que nenhuma pessoa, viva ou morta, poderá sequestrar a potência de nossos rostos e corações.

Rennan Mafra
Professor e pesquisador em Comunicação

AMIZADE

Amizade na academia: congressos, pessoas, livros, projetos, viagens

CHRISTA BERGER

Professora e pesquisadora em Comunicação/Jornalismo

*No final da vida sentimos nostalgia do tempo perdido –
mas terá o tempo se perdido de fato?*

SÁNDOR MÁRAI

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens... personagens realmente encontradas no decorrer da vida, ou frequentadas ‘por tabela’, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase em conhecidas... Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança.

MICHAEL POLLAK¹

1. Terminado o texto, pensei nas epígrafes. Gosto das epígrafes em geral, são sinais, fumaça para anunciar o que virá. Lembrei dos dois autores que associei a nós (tantos outros poderiam ter aparecido, mas foram estes que minha memória selecionou). Vou aos livros que tenho em casa do Márai, e é de *Rebeldes* que eu trago a citação. Vou aos textos do Pollak, e em *Memória e Identidade Social* encontro que a memória é constituída por acontecimentos, personagens e lugares. As variáveis que escolhi para o estudo de caso confirmam que o lido permanece invisível, mas não esquecido, em nós.

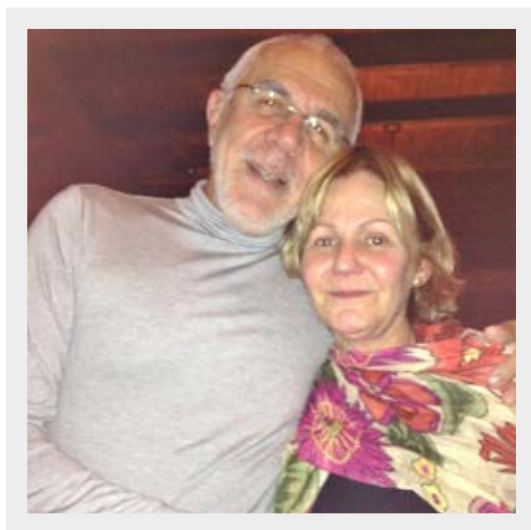


FIGURA 1. Paulo B e Christa Berger.
FONTE: arquivo pessoal de Christa Berger.

Não tenho lembrança do nosso primeiro encontro. Pode ter sido na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde participávamos de bancas. Pode ter sido em algum congresso da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) ou da SBPjor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo) que frequentávamos em seus eventos anuais.

Despontam imagens e fragmentos de conversas, porém embaralhados e sem respeito à ordem cronológica dos acontecimentos. É assim que lembro de uma conversa em que eu falava de um autor importante para a pesquisa que eu desenvolvia sobre a memória da ditadura brasileira, porque ele mostrava a disputa entre a memória oficial e as memórias subterrâneas, inaudíveis, silenciadas. Eu dizia que estas eram as memórias que me interessavam, por isso o achado precioso do Michael Pollak. Paulo B, como se não tivesse importância, conta que eles tinham

sido amigos quando ele foi estudar em Paris, e que Pollak tinha vindo diversas vezes ao Brasil. Lamentei não ser amiga do Paulo B naquele tempo e lamentamos juntos a morte precoce (em 1992) do amigo do Paulo B, que eu admirava pelo seu jeito de pensar e escrever sobre memórias.

Outra imagem que guardo é a de um Congresso da SBPjor, em Florianópolis, em 2005, quando conheci o então orientando de mestrado do Paulo B, Frederico de Mello Brandão Tavares. Nós três andamos pela Ilha percorrendo sobre jornalismo, capas de revistas e o desejo do Fred de fazer doutorado. O desejo se concretizou e Frederico foi meu orientando, assumindo a função essencial de mediador na articulação entre pesquisadores da UFMG e da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

Formamos, desde então, um trio de leitura, de fala pública e de escrita conjunta, que nos fez cúmplices, conselheiros, confidentes e amigos acadêmicos. Fred, já doutor e professor na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), coordenador do primeiro programa de pós-graduação em comunicação da Instituição, nos convida para a aula inaugural. Lá estávamos os três, outra vez compartilhando nossa compreensão sobre a comunicação, agora na relação com o tempo, provocados pela área de concentração do Programa – Comunicação e Temporalidades.



FIGURA 2. UFOP, Mariana, 15/4/2015.

FONTE: arquivo pessoal de Christa Berger.

Celebramos nosso encontro que se expandia através da conversa dos textos lidos um do outro e na defesa da Universidade Pública – a UFOP abrigava mais um Mestrado na área. Andar por Mariana, Ouro Preto, circular com Paulo B por onde turista não vai, e chegar perto da memória subterrânea, de que falava Michael Pollak, se transformava em uma aula sobre o Brasil, o barroco mineiro e as diferenças históricas entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Vejo com nitidez a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde nos sentamos para admirar o quase indizível.

Em outro congresso (não consegui lembrar qual, acho que em 2008), ao saber de um edital da Capes no âmbito dos convênios de cooperação acadêmica, reunimos pesquisadores de quatro programas de pós-graduação em Comunicação (Unisinos, UFRGS, UFMG e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)) e propusemos um projeto que se intitulou “Tecer: jornalismo e acontecimento”. O objetivo era o de trabalhar o conceito de acontecimento, conhecer a abordagem das disciplinas das ciências sociais, para então conceber uma epistemologia do acontecimento jornalístico².

O projeto foi aprovado, e, nos quatro anos de duração, fomos formando pares e criando cumplicidades. Na sua concepção prometemos mais do que o necessário, mas agora tínhamos que realizar o prometido, e assim, fizemos: em quatro anos, quatro encontros. O primeiro na Fabico/UFRGS em Porto Alegre, depois na UFMG em Belo Horizonte, depois na UFSC em Florianópolis e, por fim, para avaliar e fechar o projeto e discutir o último livro, passamos três dias em um convento em Garibaldi, no Rio Grande do Sul. Nossa atividade intelectual era intensa e a disputa entre os falantes seguia na caminhada até o restaurante que sempre nos brindava com a boa comida da região. Em quatro anos, quatro encontros e quatro livros: no primeiro, *Mapeamentos Críticos*, realizamos um levantamento dos campos de conhecimento que tratam do acontecimento e de como pode ser articulado com o pensamento

2. Os professores que participaram do projeto TECER/Procad são: Beatriz Marocco (Unisinos); Bruno Souza Leal (UFMG); Christa Berger (Unisinos); Daisi Vogel (UFSC); Eduardo Meditsch (UFSC); Elton Antunes (UFMG); Flavio Porcello (UFRGS); Gislene Silva (UFSC); Marcia Benetti (UFRGS); Paulo Bernardo Vaz (UFMG); Ronaldo Henn (Unisinos); Virginia Pradelina da Silveira Fonseca (UFRGS).

do jornalismo. Dez textos, alguns produzidos em conjunto e, também, junto com nossos orientandos. Da revisão das teorias no volume um aos *Percursos Metodológicos* do volume dois, a proposta de associar teoria e metodologia. Neste volume, os textos dedicam-se a apreciar percursos metodológicos, pois refletem criticamente sobre as metodologias de pesquisa em uso e mostram possibilidades de ir a campo para estudar o acontecimento jornalístico. No terceiro volume, *Diante da Morte*, a decisão foi por escolher um tema recorrente da cobertura jornalística – escolhemos a morte. Cada um de nós devia produzir seu próprio registro cotidiano: um diário de leitor de jornal e de leitor da morte nos jornais. O resultado foi um diário coletivo da morte nos jornais entre os meses de janeiro e março de 2012. Tema doído, difícil de lidar. Paulo B escreveu “Lições de morte nos jornais”, tomando como referência o ensaio de Freud sobre a morte em tempos de guerra, para, na forma mesma de diário, reconhecer nossas mortes, “na guerra pela sobrevivência do homem ordinário em sua vida cotidiana”. A lição que Paulo B ensina, ele trouxe de Freud: “Em tempos como os nossos diríamos antes: se queres suportar a vida, prepara-te para a morte. No meu texto, “O gênero que mata: memória de punição”, registrei em diário os feminicídios do período em estudo para contrapor a um tempo em que a morte de uma mulher ainda não se chamava feminicídio. Na guerra pela sobrevivência do Paulo B, eu incluía a sobrevivência das mulheres em guerra na sociedade patriarcal.

Finalmente, no quarto e último volume da série *Jornalismo e Acontecimento*, escolhemos o título *Tramas Conceituais*. A proposta foi a de cada um de nós revisitar sua trajetória de pesquisa para tentar ordenar e sistematizar posições epistemológicas sobre o acontecimento jornalístico, situando-a dentro de uma rede conceitual estendida. São relatos de percursos de pesquisa que apontam para aquele conceito que, numa reflexão final, se apresenta decisivo para a problematização do pensamento sobre o acontecimento no jornalismo. Terminamos o livro e o projeto com indagações sobre faltas, falhas e pontos de interrogação ao acontecimento jornalístico que cada um de nós levou para suas pesquisas individuais ou novos projetos de outras combinações coletivas.

Em 2014, no congresso da Alaic (Associação Latino-Americana de Investigadores de Comunicação), em Lima, Peru, Paulo B, Frederico e

eu apresentamos no GT Estudios de Periodismo, o texto *Sobre a celebração informativa de uma morte anunciada: o falecimento de Hugo Chaves nas revistas brasileiras*. Revista, capas das revistas, jornalismo e morte, sujeito político. E estávamos lá, com nossas especificidades combinadas pelo trabalho do projeto Tecer.

O outro texto escrito a seis mãos foi *Um golpe anunciado: Lula, Dilma e o discurso pró impeachment na revista Veja*, publicado na revista *Pauta Geral* em 2016. Revista, golpe/morte, sujeitos políticos. O fio condutor do texto, novamente, vinha do projeto Tecer e reforçava a crítica que a revista *Veja* merece dos pesquisadores.

Sigo com as lembranças de viagens e pessoas. Uma vez, em que fui para uma banca ou para um evento na UFMG, que terminava em uma sexta-feira, Paulo B se oferece para me levar, ir comigo à casa de uma colega, que também conheci pelo trabalho na Universidade. Beatriz Bretas é um exemplo de amizade acadêmica, que vem de uma profunda admiração pela sua produção intelectual combinada com um jeito de ser que dá alegria de conviver. Lastimo que os encontros foram menores do que eu apreciaria.

Então fomos, Paulo B e eu, ao encontro da Bia. Meu retorno ocorreria só no domingo, pois a visitaríamos em sua casa na serra. Mal sabia eu que a serra do Cipó era tão linda (o local ainda não era destino turístico), que sua casa era tão acolhedora, que havia tanto para apreciar – da vegetação e do artesanato –, e que haveria tantas coisas boas para comer e cachaças para experimentar e que eu teria saudade daqueles dias, para sempre. No domingo, Paulo B me deixou no aeroporto e nem sei se agradei aos dois, tão intensamente, como faço agora ao lembrar.

Congressos, eventos, bancas em outras Universidades nos tiram do nosso ambiente por uns dias e propiciam o encontro com nossos pares, mas, também conosco. Quantas noites passadas em hotéis se transformam em noites mal dormidas, porque no dia seguinte vamos nos expor em público. Lemos e releemos o texto, e, na manhã seguinte, o pudor de expormos nossos sentimentos impede de dizer que estamos assim, tensos e inseguros. Paulo B acolheu meu desabafo algumas vezes, e sua risada – fazendo de conta que não acreditava em mim – tinha o poder de fazer desaparecer o medo.

A ficção e as ciências sociais são intercambiáveis, nós dois sabemos disso e do prazer que a literatura traz, somos leitores obstinados, e isso também faz parte das lembranças de nossas conversas. O que estás lendo? Pergunta recorrente em nossos encontros, assim como a alegria quando dividimos um mesmo autor com a mesma admiração. É o caso do Sándor Márai. Com que prazer lembramos de *As brasas*, o primeiro romance dele traduzido no Brasil que trata de amizade, das palavras e dos sentimentos não ditos, e tão magistralmente escrito que se torna inesquecível. Na viagem que fizemos juntos ao Peru, Sándor Márai voltou à conversa e Paulo B me fez comprar em espanhol, pois eu precisava ler e, logo, porque Paulo B tem urgências, o *La amante de Bolzano*. Comecei a ler e reconheci que já tinha lido em português, mas o título era tão diferente (*Jogo de cena em Bolzano*). Nesse momento, eu gostaria de reler *Rebeldes*, romance da juventude do autor que conta a luta contra o autoritarismo, a desigualdade, o fanatismo religioso, a traição e a inveja. Vou propor para Paulo B esta leitura e combinar um encontro literário entre nós.

Temos, ainda, o gosto pelas biografias. Ouvimos atentos as recomendações um do outro e sugeri ao Paulo B que, aposentado, escolhesse alguém para biografar. Não sei se o convenci. Oxalá, sim.

Este pequeno estudo de caso, em que o método não foi aplicado com rigor, sem querer louvar o passado, faz a retrospectiva do encontro entre dois professores-pesquisadores que encontraram no campo universitário, um ambiente exigente e estimulante, condições de desenvolver suas carreiras acadêmicas, formar parcerias de trabalho e afeto. Tivemos projetos aprovados pelas agências de fomento, trabalhamos na criação de programas de pós-graduação, orientamos dissertações e teses, participamos de bancas presenciais, fomos a eventos da área, lutamos por autonomia acadêmica e mais recursos para a educação. Fomos formados professores na continuidade dos professores que nos formaram e que escolhemos como exemplo, e sei que outros darão continuidade à nossa prática docente vivida e abençoada.

E, se de agora em diante não for mais assim? Ameaçados, desrespeitados, acusados, perseguidos, sem congressos, bancas pela tela do

computador, exauridos pelo trabalho não reconhecido, as novas gerações terão as nossas condições para arquitetar a amizade acadêmica? Sei que cada geração é marcada pelo seu tempo e responde aos desafios que suas épocas impõem. Mas, creio que desencanto e medo não impedirão amizades acadêmicas de florescer, porque os ambientes hostis se encarregam de unir os que resistem e lutam.

Paulo B é meu amigo acadêmico com características muito peculiares, das quais sou encantada: é um homem culto e insubmisso. Combinação perfeita para um professor, um pesquisador, um amigo. Um passageiro consciente da aventura que é viver.



FIGURAS 3 E 4. Paulo B lendo.
FONTE: arquivo pessoal de Christa Berger.

ARTE

A arte e as artes de Paulo B

MÁRCIO SOUZA GONÇALVES

Professor e pesquisador em Comunicação/Produção editorial

Conheci Paulo Bernardo Vaz no GP Produção Editorial da Intercom há muitos anos, não sei quantos. Posteriormente, fiz um pós-doutorado sob sua supervisão na UFMG, quando ficamos mais próximos. Aprendi e aprendo muito com Paulo Bernardo (doravante Paulo B), tanto em termos acadêmicos quanto não acadêmicos. Não vou falar aqui do Professor. Presto minha homenagem ao Amigo, falando de aspectos pessoais.

Paulo B tem uma arte de viver que me ensinou e ensina várias coisas. Recuperar essas coisas é minha forma de expressar meu carinho, amizade e admiração.

A arte de desaparecer e a invisibilidade

A monótona rotina da vida acadêmica é escandida anualmente por congressos, seminários, encontros, eventos em suma, para os quais pesquisadores de diferentes lugares se deslocam, às vezes em caravana. Essas reuniões são reuniões de trabalho, durante o dia, e de confrater-

nização, durante a noite. A última sessão da tarde se prolonga em um choppinho (sempre mais de um), que leva ao jantar, e a outro chopp, e a outro e a outro. No dia seguinte, as caras amassadas, a pele esverdeada, os costumeiros atrasos de dez minutos revelam, à luz do sol, os excessos “confraternísticos” (cf. a parte 5 do presente texto, a seguir) da noite anterior. A sessão matinal de trabalho, o almoço, a sessão vespertina desopilam os fígados e preparam os espíritos para que tudo recomece no final da tarde. E tudo recomeça. O dia final dos eventos normalmente encontra os participantes cansados e desgastados. E todos se prometem (em um claro autoengano) dormir mais cedo no próximo encontro e não participar da última saideira depois do jantar.

As confraternizações noturnas, outro ponto importante para o que nos ocupa, se fazem sempre em bando. Pequenas hordas de pesquisadores, a pé ou ocupando alguns carros de praça, se deslocam, em cidades desconhecidas, em direção a algum lugar que “alguém disse que é legal”, o que nem sempre é verdade. Os pobres bares e restaurantes têm certa dificuldade para montar uma mesa capaz de abrigar tanta gente subitamente desembarcada.

Paulo B nos eventos... O que segue não necessariamente é verdadeiro, trata-se apenas do que acho corresponder melhor à realidade.

Paulo ou não participa dos grandes deslocamentos em bando ou ocasionalmente participa.

Quando não participa, substitui a sociabilidade do bando por um grupo menor, o que acarreta algumas consequências. Em primeiro lugar, em um grupo menor, os deslocamentos são muito mais fáceis, seja a pé, seja através de algum meio de transporte. A pé, em um grande grupo, a parada de qualquer um dos membros contagia os outros criando depois uma inércia que dificulta o recomeço da caminhada, o que não acontece em um grupo pequeno; de táxi ou *uber*, o deslocamento de um veículo é bem mais rápido do que o de vários, um dos quais sempre atrasa, segurando os outros, com o possível desencontro de membros da horda.

Em segundo lugar, com um conjunto pequeno de pessoas, a organização de uma mesa no restaurante ou bar é muito simplificada. Em vez da interminável espera por um arrasta e junta de mesas, assentos rápidos e bem localizados. Além disso, na maioria dos casos, os locais menores têm um serviço melhor e comida/bebida mais interessantes.

Sem contar o fato de que a acústica, nos pequenos, geralmente permite uma conversa que se mostra impossível nos grandes. Ou seja, a mesa é mais rápida e tudo é melhor.

São motivos fortes para justificar o abandono do bando em favor de um grupo menor.

O que é interessante, e que dá nome a esta seção de meu texto, é que o bando só dá conta de que Paulo B não está lá muito depois de seu discreto desaparecimento. Cadê o Paulo? Sumiu!!!

Mas acontece, e é raro, pois acho que o excesso de pessoas e de complicações o desagrada, de Paulo B sair com o bando. As longas decisões de transporte, de quem vai com quem em que carro, de escolha do destino, de quem disse que o que era bom... tudo isso é suportado com um estoicismo imperial. Assim como a enorme mesa, a demora para se sentar, a demora no pedido e tudo mais. Depois de comer e beber e bater papo, os talentos mágicos entram em ação. Paulo B desaparece, discretamente, invisivelmente, imperceptivelmente. Cadê o Paulo? Sumiu!!!

Essa arte da discrição, da invisibilidade, da imperceptibilidade tem em Paulo um mestre, seja quando abandona a horda antes do início das atividades noturnas, seja quando participa.

O que permite que ele acorde cedo e desfrute de experiências de congresso que todos os outros, a não ser que virem a noite, não podem ter. As paisagens, muito cedo, são diferentes, não são as mesmas quando estão soterradas de pessoas. Viva a invisibilidade.

Arte de valorizar o positivo

Paulo B tem a generosidade de ver sempre o melhor mesmo quando o melhor não é muito bom, uma arte de valorizar o positivo. Academicamente, é praticamente um antidepressivo, capaz de levantar o moral de qualquer um. Suas leituras dos textos alheios são sempre singulares, pessoais, e ao mesmo tempo exatas: Paulo sabe pegar em cada texto e em cada pessoa (Deleuze dizia que todo mundo tem algo de interessante) a pequena coisa legal, a originalidade, a intuição, a escrita, seja o que for, e mostrar a positividade disso. Ou seja, vê sempre o copo meio cheio, nunca o copo meio vazio.

Tenho a impressão de que a prática diária dessa forma de ver o mundo termina por produzir uma forma de alegria gratuita, ou alguma forma de transmutação interior. O mundo no final é sempre o mesmo, mas nós não.

Essa prática estética afirmativa diária é comprovada mesmo na impossibilidade de sua execução: melhor evitar certas coisas se não é possível vê-las positivamente e fazer algo de bom com elas, se são realmente impossíveis de valorizar. Tem-se então uma alienação superior, escolhida, valorizada, como forma de manter a positividade mesmo quando não há positividade possível.

Arte da elegância

Paulo está sempre muito bem-vestido, sobretudo quando usa bermuda e camiseta. Suas roupas são sempre originais, têm algo de diferente, e ele as combina muito bem. Consegue sustentar uma elegância absoluta com roupas totalmente descontraídas e confortáveis, algo essencial para que se possa viver com alegria.

Mas a elegância de suas roupas é a face visível de outra elegância, uma elegância interior ou espiritual. Com isso, quero dizer um modo de existir, de sentir, de pensar, delicado, sutil, exato. Paulo está sempre, nas roupas e em tudo mais, na medida certa, nem mais, nem menos. Esse traço espiritual, mental, subjetivo, se atualiza nas roupas, como dito, mas também na comida, na moradia (seu apartamento), nas leituras, no esporte.

Não comer muito nem pouco, comer o exato, mas comer bem, com gosto... daí um corpo fino e abstrato, leve, incorpóreo, é o caso de dizer contraditoriamente, nos seus quase setenta e um anos. Daí, também, uma atitude para com a vida igualmente precisa, direta, sem complicações, uma atitude... elegante.

A elegância das leituras de literatura (não científicas) do Paulo mereceria um texto à parte, cuja competência me escapa.

Arte do riso

Paulo B tem uma ótima gargalhada, que, pelo que vi, é usada sem moderação. Esse gargalhar tem uma força imensa de desmitificação,

desnaturalização, de desempedramento. É capaz, desse modo, de produzir um distanciamento e uma liberdade totais em relação a qualquer coisa. Quando rimos, vencemos, não há derrota possível.

Mas a gargalhada do Paulo, além dessa dimensão quase terapêutica da alma, é, para mim, a expressão da mais profunda alegria de viver, do dia a dia, do céu ser azul, de poder fazer natação de manhã cedo, de ler a literatura de que gosta... uma alegria, para usar uma palavra estranha neste contexto, virginal.

A arte da escrita

Obviamente, depois de tantos anos como professor e pesquisador, e como uma decorrência natural da vida profissional, Paulo B tem um Lattes repleto de publicações. São textos públicos, destinados à comunidade acadêmica, acessíveis em impresso ou na internet. Sempre muito cultos, bem escritos etc.. Mas, como eu disse acima, não vou falar do Paulo Bernardo Vaz público, deste que está presente nesses textos acadêmicos... falo aqui do Paulo B amigo.

O Paulo B amigo manda diversas mensagens não profissionais, mensagens de amizade, e muitas vezes uma mistura de coisas profissionais e coisas pessoais. De todo modo, mensagens que não são destinadas a uma leitura pública mas apenas à leitura deste que aqui escreve.

Quando o conheci, eram mensagens por e-mail. Paulo não tinha celular em uma época em que todo mundo falava no celular. Minha ida para o pós-doutorado contava, entre os apetrechos essenciais, uma lista de telefones, todos fixos, onde achar Paulo B em caso de necessidade.

Posteriormente veio o telefone celular, o que para mim foi uma novidade chocante, e fiquei muito apreensivo e com medo de que o tempo do Paulo fosse totalmente capturado pela telinha pequena (o que acontece com todo mundo). Com o celular, veio o whatsapp... e desde então, além do e-mail, que continuou existindo muito bem, Paulo tem à disposição o zap.

O motivo dessa longa arenga é o estilo de escrita dessas mensagens de e-mail ou Whatsapp privadas. Paulo é simplesmente um dos melhores escritores mineiros que já vi, e isso sabendo que Minas é um celeiro de gênios.

A escrita dessas mensagens joga com surpresas, cortes bruscos, humor fino, neologismos, frases rebuscadas de uma maneira que o sentido vai e vem em um deslizar delicioso.

Assim, um “*au revoir*” se transforma em “ô revoá-da!”. Outro exemplo maravilhoso: “digito do jeito que aprendi no curso de datilografia do Sr.Jadir Vilela de Souza em Divinópolis há cerca de 56 anos passados, quando ele cobria o teclado...intaum adescurpa os meus errus qui vai ser muitcho pois não consigo firmar as vista”; e por aí a coisa vai... Infelizmente perdi muitas mensagens dessa biblioteca de preciosidades literárias.

Há toda uma arte oculta de escrita nas mensagens que Paulo B trocou e troca com pessoas próximas. As caixas de e-mail e Whatsapp de seus amigos estão, assim, recheadas de pequenas e cotidianas pérolas, às quais os parcos exemplos acima certamente não fazem justiça.

A Arte e etc...

Pode-se fazer decorrer essas cinco primeiras artes de uma arte mais geral que a todas daria origem, *a arte de viver*. De tão geral é praticamente impossível falar dela, pois engloba tudo.

Mas, por outro lado, várias outras microartes decorrem dessas cinco indicadas. São delas combinações, decorrências, aspectos, modalidades. Uma arte da contemplação (me lembro de uma visita que fizemos juntos a uma exposição em BH de Ronaldo Fraga), uma arte da conversa simples (tive a chance de levar Paulo ao Museu da Chácara do Céu no Rio de Janeiro, saindo de uma banca sobre a Sociedade dos Cem Bibliófilos, para vermos exemplares da coleção por essa sociedade patrocinada; os livros que vimos, assim como várias gravuras do acervo, eram maravilhosos; mas o que me marcou foi que Paulo cativou completamente a monitora do Instituto, que terminou os minutos de conversa totalmente interessada na Sociedade e suas edições), só para indicar duas.

No limite, a vida de Paulo é tocada, em todas as faces, por essa arte ou essas artes que procurei delinear acima. Conviver com isso é para mim um privilégio.

Esse pequeno texto é uma homenagem e testemunho de meu carinho e amizade.

ASTÚCIA

Pequena história de cobiça e gratidão: os preciosos livros de Paulo B e suas astúcias acadêmico-fabulativas

ÂNGELA MARQUES

Professora e pesquisadora em Comunicação

Paulo B foi meu professor de graduação. Mas não era e nunca foi um professor qualquer. Há em torno dele um magnetismo que nos arrebatava desde o primeiro instante que com ele começamos a conversar: irreverente, culto, debochado, extremamente inteligente, refinado e muito, muito ligado aos livros, suas imagens e grafismos.

O livro o interessa não só como fonte de conhecimento, mas como objeto raro, preciosidade de colecionador. Nos idos tempos de 1997 a 1999, eu passava pelo corredor onde ficam os gabinetes dos professores do Departamento de Comunicação, ansiosa por encontrar a porta da sala dele aberta. Sob o pretexto de uma orientação, eu tentava espiar as estantes e armários para apreciar os livros, fotos, cadernos, material de desenho, blocos, tesouros únicos e tão cobiçados. Com vergonha, eu não pedia para ver, mas tenho certeza de que ele notava essa ansiedade em ter os livros em minhas mãos. Tanto que, por várias vezes, ele me emprestava algum título. Nas estantes cuidadosamente arrumadas, estava um acervo especialmente catalogado e identificado: Paulo identificaria de um só relance caso um livro estivesse faltando.

Foi somente quando passei no concurso para professora adjunta do Departamento de Comunicação e me tornei colega de Paulo, dividindo o mesmo gabinete com ele e os professores Elton Antunes e Joana Ziller, que a cobiça pelos seus livros voltou a me tentar! Passei a abordá-lo explicitamente e pedir alguns volumes de “presente”. Minha ousadia rendia, na maioria das vezes, uns xingos e várias negativas. Mas, de vez em quando, aparecia sobre minha mesa, um exemplar em francês de livros antigos ilustrados... Magnífico souvenir que só me fazia querer mais e mais obras.

Um gigantesco ciúme tomava conta de mim quando presenciava cenas de Paulo B doando livros para a Vilma, chefe da biblioteca da Fafich, ou para Fabrício Silveira, hoje professor da ECI-FAFICH. Descontente por ele ter preferido oferecer peças únicas de seu tesouro a outras pessoas, eu ia atrás dele “cobrar” também minha cota de dádivas. Paulo ria e zombava dizendo que eu não tinha tempo para o que era bom, apenas para a pesquisa e para a aridez dos textos acadêmicos.

Ele me fez pensar... e, como sempre, estava cheio de razão. Disposto a me mostrar que não valia a pena trocar a arte literária pelo “fúror acadêmico” da pesquisa, Paulo passou a me indicar constantemente obras que poderiam reacender a inspiração que havia tomado conta de mim nos tempos em que ele havia me orientado no TCC (vou contar essa história na sequência). Uma das indicações me foi entregue por ele, em 2011, sob a forma de um livro de Manuel Mujica Lainez, chamado *El Unicornio*.

Paulo queria que eu olhasse na p.15 desse livro, porque lá, segundo ele, tinha um conselho “fabuloso” para que eu não ignorasse o poder mágico da literatura e sua vital necessidade na criação de possibilidades outras de ver e viver o mundo: “nada basta em um século como o atual, em que os professores devem aprender tantas coisas difíceis e inúteis que não lhes sobra tempo para as que são fundamentais”.

Cobiçar os livros de Paulo é também cobiçar sua sabedoria, sua forma de olhar a vida e seu jeito despachado de lidar com aquilo que ele vê, melhor do que nós, como desnecessário...

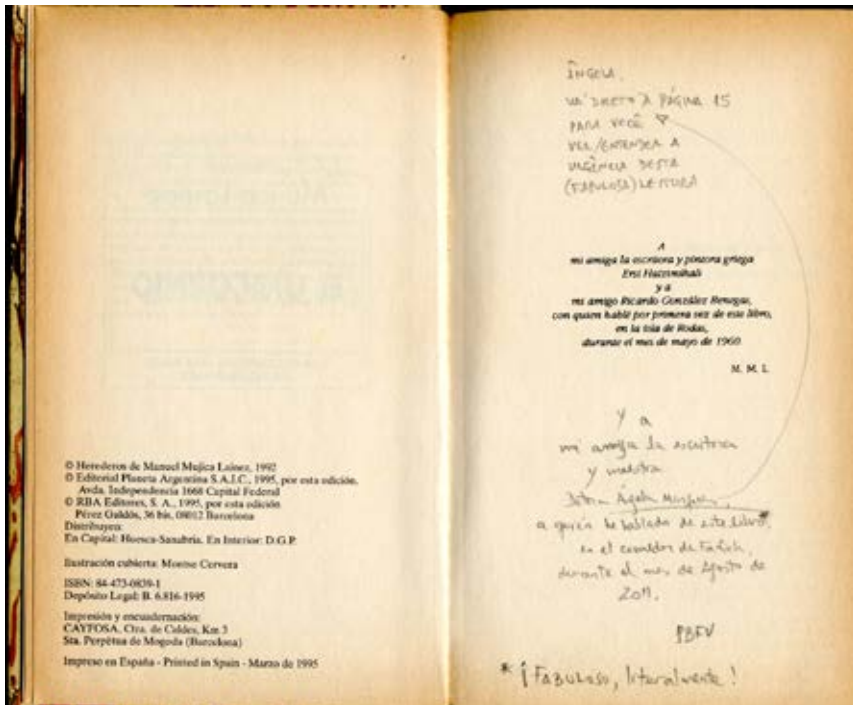


FIGURA 1.

FONTE: arquivo pessoal de Ângela Marques.

As memórias que tenho do Paulo B estão fortemente conectadas com as disciplinas de graduação em Comunicação Social e com o trabalho de final de curso (TCC) que escolhi desenvolver junto a quatro colegas fantásticos: Débora Sarmento, Hernani Miranda, Patrick Lomez e Rodrigo Porto. O bom humor e a energia incansável de Paulo em sala de aula eram um alívio e uma alegria para nós, que buscávamos no curso brechas para criar, ousar, inventar e surpreender. Quando chegou a época do TCC não tivemos dúvidas: convidaríamos Paulo B para ser nosso orientador! Com muito entusiasmo, ele não só aceitou como nos sugeriu que entrássemos em contato com ex-orientandos que poderiam nos ajudar, uma vez que haviam trabalhado com tema semelhante.

Foi por meio dele que conhecemos Joana Ziller (hoje minha colega de Departamento); Carlos de Brito e Mello (o Trovão, escritor prestigiado e colega admirável) e Roberto Reis (amigo e parceiro de escritas e reflexões no âmbito do PPGCOM). Eles haviam elaborado uma revista impressa original e pioneira em Belo Horizonte: dedicada a moradores de condomínios fechados, a revista *Morada* foi fonte de grande inspiração para o projeto de nossa própria revista para crianças. Decidimos criar a revista eletrônica “Sapecando”, voltada para o público infantil na faixa etária de seis a dez anos.

Uma das etapas mais instigantes de elaboração da revista “Sapecando” consistiu na escolha da personagem principal, a criação do design da página e a escolha das fontes tipográficas. Paulo B sempre nos inspirou e sabiamente nos aconselhou, retomando conosco não só as discussões feitas em sala de aula, mas também nos oferecendo textos, livros e ideias incríveis para aperfeiçoarmos nosso trabalho. No meu caso, de modo mais específico, propus ao grupo e ao Paulo, elaborar imagens que fossem resultado de bordados. Desde o início da graduação eu tinha vontade de ilustrar livros infantis e vi no TCC uma oportunidade única de produzir imagens que tivessem texturas e materiais mais diversos e diferentes.

Paulo B é um ilustrador incrível e o fato de tê-lo próximo, de vê-lo compartilhar comigo seus renomados trabalhos e obras me deixou muito animada para realizar o projeto de ilustrar a revista. Paulo não só se entusiasmou com a ideia como também me sugeriu técnicas, me apresentou aos bordados de Leonilson, me deu de presente vários livros sobre Arthur Bispo do Rosário. Atencioso, trazia sempre em nossas reuniões de orientação, imagens e catálogos de artistas brasileiros que trabalham com bordados. Atavés dele, conheci a família Dumont e os maravilhosos bordados que criam para a ilustração de livros infanto-juvenis.

Devo dizer que o incentivo de Paulo e suas astúcias acadêmico-fabulativas foram fundamentais para que eu não abrisse mão do desejo de me enveredar pelo universo mágico da literatura infantil e do desenho para crianças. A profa. Daisy Turrer (Escola de Belas Artes, UFMG), amiga de Paulo e minha professora de Artes no segundo grau, foi muito



FIGURAS 2, 3, 4 5. Personagens bordados da revista “Sapecando”.

FONTE: arquivo pessoal de Ângela Marques.

importante nessa etapa da confecção do TCC. Daisy me sugeriu dicas preciosas para a confecção dos bordados. Daisy e Paulo também me sugeriram fazer um curso com a escritora Ângela Lago que, naquela época, estava buscando, junto a alunos da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG, desenvolver novas técnicas de criação digital para crianças em websites. Sou muito grata a eles por essa oportunidade única de aprendizados e descobertas. Nessa mesma época, entre 1998 e 1999, eu havia feito um estágio no Grupo Giramundo (Teatro de Bonecos), atuando na parte de restauração do acervo. Ganhei de presente do grupo, duas sacolas de retalhos de pano com estampas extremamente coloridas e alegres. Foram esses belos tecidos que acabaram sendo utilizados para a composição das imagens bordadas.

Ao lado de Paulo B, os professores Beatriz Bretas e Elton Antunes tiveram participação especial na produção da revista. Bia foi nossa co-orientadora, e nos auxiliou em toda a parte de planejamento para as mídias digitais: naquela época, pouco sabíamos do funcionamento do mercado editorial online e pouco entendíamos acerca de como faríamos a revista alcançar um público tão específico e que estava começando a conhecer a leitura em sites disponíveis na Internet. Bia nos ajudou a pensar estratégias e a traçar um plano que nos soava exequível. Além de sua gentileza e doçura em todo o processo, ela vibrava com os bordados e também me impulsionava a não desistir da literatura infanto-juvenil.

É incrível o modo como o prof. Elton Antunes caminhou ao nosso lado na etapa de produção dos textos para a revista: sua atenção e solicitude tornaram possível não só o aperfeiçoamento das matérias, mas também sua adequação ao público que almejávamos alcançar. Acredito que Paulo, Elton e Bia foram fundamentais para que, alguns anos depois desse projeto ter sido concluído, eu ter decidido retomar a escrita e a ilustração para crianças.

Paulo sempre me trazia livros, revistas, recortes de jornal sobre o universo da literatura infanto-juvenil. Ele, com uma trajetória sólida nessa área, me incentivava a ler, a escrever, a desenhar, a alimentar a imaginação e o imaginário fabulador que, muitas vezes, a opção pela pesquisa acadêmica teima em esmaecer e fragilizar.

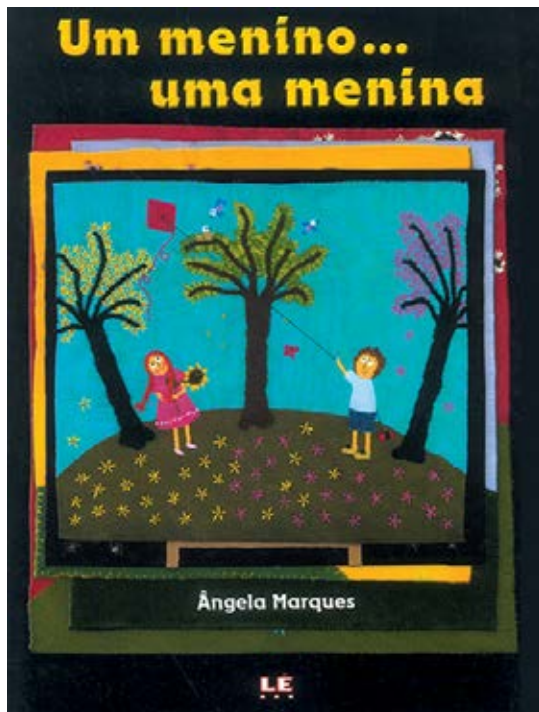


FIGURA 6. Capa do livro “Um menino... Uma menina”, com projeto gráfico de Paulo B, publicado pela Editora Lê

FONTE: arquivo pessoal de Ângela Marques, 2008.

<http://www.le.com.br/leitor-fluente/um-menino-uma-menina>.

Estando eu já no doutorado em Comunicação da UFMG, decidi escrever e ilustrar com bordados uma história de amizade entre um menino e uma menina. Mostrei tudo ao Paulo que, como sempre, festejou o fato de eu ter dado continuidade ao plano de escrita e, com muita leveza e segurança, disse que eu deveria levar o livro e as imagens na editora Lê. Ele me recomendou que conversasse diretamente com Alencar e Lourdinha, editores responsáveis pela Lê. A conversa foi excelente e, ao sair de lá, eu tinha um enorme sorriso no rosto e uma felicidade inenarrável de quem tem um sonho realizado! Posso dizer, com toda a certeza, que Paulo foi um “padrinho mágico” nessa história e nunca vou me esquecer de suas palavras, dos e-mails carinhosos, dos bilhetinhos

cheios de bom-humor, das risadas, dos conselhos e do estreitamento de nossa amizade durante o processo de produção editorial do livro.

Paulo me concedeu a alegria e a honra de assinar o projeto gráfico da obra. Ele recheou o livro com suas referências, seu imaginário, suas letras, linhas e cores. Contribuiu com ótimas ideias, aprimorou a relação entre textos e imagens, e esteve presente em todas as etapas de produção. Desde então, a admiração que sinto por ele aumentou, como também nossos vínculos de amizade se estreitaram em torno da literatura, das imagens, da escrita e dos livros.

Pela intervenção astuciosa de Paulo, conheci pessoas extraordinárias, como as professoras Angie Biondi e Ivone de Lourdes Oliveira. Colegas que hoje partilham comigo textos, pesquisas, narrativas e amizades. A presença de Paulo é e sempre será constante na Fafich, na sala de aula, nos almoços, nos congressos e nas invenções fulgurantes dos desenhos que povoam meus cadernos de textos ainda não escritos.

Obrigada, querido Paulo B, pelas preciosas e iluminadoras conversas e pelos inúmeros presentes, dicas e risíveis historietas! Acima de tudo, obrigada pela generosidade e pelo entusiasmo pela vida que podemos inventar com as letras, as imagens e as astúcias que, como centelhas, forjam caminhos ímpares na Universidade.



FIGURA 8. Paulo B, Angela Marques e Angie Biondi.

FONTE: arquivo pessoal de Ângela Marques.

CAPA

Sem título

DAISY TURRER

Artista plástica, pesquisadora e professora



FIGURA 1.
FONTE: autora.

As caixinhas com os pós de grafite me lembram o meu encontro com Paulo B. Foi o primeiro professor a me acolher na UFMG (1996) em sua disciplina da pós em torno dos livros, das letras, da tipografia.

CAOS

Somos Ecos: a constante da imagem na metodologia do caos

RENNÉ OLIVEIRA FRANÇA

Professor e pesquisador em Comuniação/Cinema

De pé, em frente ao altar da Igreja S. Domingos em Recanati, Pier Francesco, Duque de Bomarzo, encara um retrato de seu pai pintado por Lorenzo Lotto. Olhando a pintura, ele se questiona sobre como o pai que via ali era diferente do pai de suas lembranças. A partir daquela obra de arte, Orsini reflete sobre sua vida e suas memórias. E sobre a própria natureza daquela imagem.

O que significava aquele retrato? Que me ensinava ele? De pé diante do altar me esforçava para interpretar seu símbolo. Queria ele dizer que, para além da verdade que julgamos possuir como única, existem outras verdades? Que, para além da imagem que formamos de um ser (de um ser ou de nós mesmos), se elaboram outras imagens, múltiplas, provocadas pelo reflexo de cada um sobre os outros, e que cada pessoa — como aquele pintor Lorenzo Lotto, por exemplo —, ao interpretar-nos e julgar-nos, nos recria, visto que incorpora em nós algo da sua própria individualidade [...] Cada um de nós será todos, se somos feitos de repercussões que os outros trazem consigo? Andaremos por este mundo entre espelhos postos frente a frente e deformadores, sendo nós próprios tais espelhos? (LAINEZ, 2010, p. 267).

A digressão de Orsini veio com anotações e número de página da citação acima em um bilhete cuidadosamente colocado dentro do livro *Bomarzo*, de Manuel Mujica Lainez, com o qual fui presenteado por Paulo Bernardo Vaz. À época meu orientador de doutorado, Paulo B fazia seu pós-doutorado na cidade de Braga, em Portugal, onde eu também estava em período sanduíche na Universidade do Minho. A indicação do livro de Lainez havia sido apenas mais uma entre as várias referências culturais que ele indicava para o meu trabalho.

O que um livro sobre um duque italiano do século XV podia ter a ver com capas da revista *Veja*, tema da tese sobre a qual me debruçava? Nada e tudo. E isso é fundamental para se compreender a dinâmica do pensamento e os métodos acadêmicos de Paulo Bernardo Ferreira Vaz. Além de *Bomarzo*, juntaram-se à *Veja* a *Ilíada*, *O Eleito*, *A Dama das Camélias*, e até *Alice no País das Maravilhas* (não o livro ou a animação, mas o filme do Tim Burton). Pois aí reside o método Paulo B: uma enxurrada de informações e sentidos que se digladiam e se articulam em algo que gosto de chamar de Metodologia do Caos.

A ordem no caos

Foi durante minha iniciação científica no GRIS – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG que iniciei minha parceria com Paulo Bernardo. Mas ela ocorreu de forma bastante inusitada.

Eu gosto tanto dela
Que prefiro esconder de mim
O meu mudo amor por ela

Como uma ideia na cabeça
Que voa como um mosquito
Persiste minha tristeza
Em vão vivo, em vão resisto

Eu a acho tão bonita e quero
Ser mais que um amigo
Seu joelho é tão sensual

O trecho acima é de uma versão para a letra de *Apenas Mais Uma de Amor*, de Lulu Santos, que fizemos em conjunto para o e-zine das turmas de Comunicação Social da UFMG, chamado *Carol*. Escrevemos uma série de textos sobre um amor não correspondido de um colega, atleticano com fetiche por joelhos, que incluíam até mesmo um poema de autoria de Paulo B.

Foram-se minhas penas (galô)
em turbilhonante vento (soprô)
rumoroso burburinho esvaiu-se (pelo corredô)
noutras minhas quimeras (sonhô)
ah, quem me dera, mais me dera (ooooooooô)
numa noite dessas topar (meu mudo amô)
dolorido silêncio eternamente (resguardô)
até se extinguir a chama do meu escondido
amô.

A parceria, surgida em meio a reuniões que discutiam textos acadêmicos, já revelava essa faceta do caos produtivo: com Paulo Bernardo é tudo ao mesmo tempo agora. Foucault e Lulu Santos andam lado a lado, habitam o mesmo *ethos*, significam e ressignificam um ao outro e todos à volta na rica dinâmica cultural que os produz e os acolhe. Os sentidos são sempre múltiplos, e nunca unos. Uma coisa não se separa da outra.

Não é possível estudar o simbólico e o social sem perceber a confusão que os permeia. Retomando a reflexão do Duque de Bomarzo ao encarar a pintura de seu pai:

Cada pintor retrata-se a si mesmo, porque cada pintor recolhe e sublinha no modelo o que se lhe assemelha e o que, chamado pela sua paixão, se activa e brota à superfície. Cada um de nós vê-se a si mesmo nos outros. Somos ecos, jogos de espelhos, reverberações mutáveis (LAINEZ, 2010, p. 268).

A noção de ecos e reverberações funciona bem para se pensar esta Metodologia do Caos, uma vez que compreendemos a cultura como algo fluido e abrangente. Segundo Stuart Hall (1997), cultura é compartilhamento de significados, e é na linguagem onde esses significados são

produzidos e trocados que damos sentido às coisas. Buscando perceber como a linguagem constrói significados, ele a compreende como um sistema de representação no qual usamos signos e símbolos para representar para os outros nossos conceitos, ideias e sentimentos. Linguagem seria, então, um dos meios pelos quais pensamentos e valores são representados na cultura. Entendendo a cultura como sentimentos, emoções e ideias, podemos pensar os significados culturais como aquilo que organiza e regula práticas sociais.

Paulo B parece perceber, melhor do que qualquer um, que a fluidez da cultura só pode ser compreendida se abraçarmos o caos. Que se abra a torneira e deixe jorrar Thomas Mann, Woody Allen, Homero, Visconti, Pasolini, Verdi, Kubrick, Guy Ritchie, Tim Burton, Portinari, Ronaldo Fenômeno, Proust, Flusser, Michelangelo e vinho verde.

Mas a aparente bagunça está calcada em uma rigidez exemplarmente metódica, que confunde para depois ordenar, deixando assentar os sentidos e referências que se impõem e os organiza em categorias, calendários, tabelas ou transcrições detalhadas. O caos não como balburdia, mas como método.

Trata-se de uma concepção que compreende as capas da *Veja* – e qualquer outro texto ou imagem – como ecos. Tudo é resultado de reverberações que, por sua vez, irão também reverberar. O caldeirão cultural em que estamos inseridos não pode ser ignorado, abandonado, do processo de análise. Pelo contrário, deve ser assumido.

A Metodologia do Caos compreende a imagem como um frame congelado da explosão de ecos que reverberam pela sociedade. E por isso mesmo a entende como local privilegiado de análise. A imagem fixa o que é por natureza dinâmico e ao fazer isso, permite que se observe o complexo circuito de sentidos que se tensionam.

A imagem é a constante do caos. É como o enquadramento de Mouillaud ou o assentamento da memória ou o acontecimento expli-

cado¹. A imagem é fruto do caos cultural e por isso mesmo o explica e o revela. Através dela compreendemos aquilo que a formou ao mesmo tempo em que ela mesma irriga o caos do qual faz parte².

Estudar a imagem na perspectiva Paulo Bernardo Vaz é compreendê-la em uma dinâmica que ultrapassa os limites do dispositivo e se expande de tal forma que a cultura e a sociedade em seus valores e contradições se revelam de maneira desordenada e imprevisível.

Na Metodologia do Caos, a imagem então fala também sobre normas e instituições, história e leis, regras e objetivos que engarrafam o caos e o moldam para que se apresente como um quadro, uma fotografia, a capa de uma revista, um anúncio publicitário, um filme.

Desta forma, uma técnica de pintura, um enquadramento de uma câmera ou formas do design publicitário são normas historicamente e socialmente estabelecidas que tentam ordenar o caos, envelopá-lo, vendê-lo. Perceber a imagem como complexo de reverberações de sentidos é também compreender as amarras institucionais que a produzem na tentativa vã de apagar estes ecos. A tentativa de ordenar o caos.

A riqueza da Metodologia do Caos é trabalhar dentro de uma perspectiva analítica que, longe de negar o subjetivo e o imponderável na ciência, o abraça. E ao fazer isso, produz sentido, revela significados. O método Paulo B deixa que o objeto fale com todas as referências que possam ser encontradas para, em seguida, perceber como estas mesmas referências foram domesticadas pelo dispositivo que as prendeu. A dinâmica cultural e sua potência caótica é percebida neste modelo de análise

1. Maurice Mouillaud compreende o acontecimento jornalístico, por exemplo, como um enquadramento, que emoldura um fragmento da experiência, separando-a de seu contexto e, com isso, permite sua conservação e seu transporte. Um real “domesticado” em suas palavras.

2. Retomando a concepção de cultura de Hall (1997), o autor busca uma abordagem discursiva para a compreensão da representação, pois acredita que no discurso pode-se perceber não apenas como a linguagem e a representação produzem significado, mas também como um discurso particular conecta-se ao poder, regulando condutas e construindo identidades e subjetividades, definindo a maneira como certas coisas são representadas, pensadas e estudadas. Na perspectiva aqui abordada, entende-se a imagem técnica disponibilizada pelos meios de comunicação como produto discursivo visível já regulado pelas forças que se impõem na sociedade.

ao mesmo tempo em que as técnicas de produção que buscam ordenar ou apagar o caos são reveladas.

Imagens múltiplas

Retomando a reflexão de Orsini, nossa própria imagem é múltipla, repleta de significados diversos. Este texto em si é uma tentativa caótica de perceber os sentidos de uma pessoa. É a Metodologia do Caos empregada para uma das várias imagens de Paulo Bernardo Vaz: a do orientador, professor da UFMG, pesquisador do Grispress.

Paulo B enquanto a constante, a imagem acadêmica do turbilhão Paulo Bernardo Vaz. Como uma identidade não tão secreta, a alcunha Paulo B resume e recorta o Bernardo Ferreira Vaz: significante visível de um significado muito mais complexo. Simplifica para permitir sua ação no mundo.

Como Duque de Bomarzo questionando a representação do pai em um quadro, Paulo Bernardo parece se perguntar e se questionar sobre toda e qualquer representação, sendo Paulo B sua própria representação de si mesmo: “para além da imagem que formamos de um ser (de um ser ou de nós mesmos), se elaboram outras imagens, múltiplas, provocadas pelo reflexo de cada um sobre os outros”, pensa o duque em Recanati. E o que seria então Paulo B?

Aplicando a Metodologia do Caos e percebendo-o como imagem com a qual me deparo, ele é o encontro. Identidade privilegiada em que se realiza a convergência de *Carmina Burana* com Dan Brown, Guimarães Rosa com *Game of Thrones* e Paul Ricoeur com *Crepúsculo*. Paulo B é a imagem que traduz a dinâmica desornada e contraditória da cultura apresentando-a de forma a ser compreendida. A parte visível de um mergulho complexo e rico chamado Paulo Bernardo Vaz.

Este texto não é uma tentativa de análise do conceito de imagem. Este texto é em si um método caótico de buscar compreender melhor um professor e orientador de maneira muito particular, como não poderia deixar de ser. Um mentor que, no caos, ajudou a colocar ordem na minha trajetória, que segue repleta de seus reflexos. Como as imagens, reverberamos as mais diversas influências e as mantemos no círculo infinito da dinâmica cultural, onde habita Duque de Bomarzo. E também habitam Homero, Pasolini, Verdi, Mann, Proust. E Paulo B. Somos ecos.

CIÊNCIA

O cientista das imagens

GRACILA VILAÇA

Pesquisadora em Comunicação

Reconhecendo rostos

Conheci Paulo Bernardo Ferreira Vaz, o Paulo B, em sala aula, quando ainda era aluna da graduação, cursando o segundo período do curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O semestre era 2008/01 e a cena ficou fortemente gravada na minha memória porque seu rosto era muito familiar para mim; muito parecido com o do companheiro de uma das irmãs de minha mãe que, como descobrimos mais tarde, era seu irmão. Recordo-me com carinho do entusiasmo com que aquele Professor discutia imagens. Foi ele quem me apresentou a Piet Mondrian e, por isso, desde então, todas as vezes que encontro as obras do pintor ou referências a elas é a imagem de Paulo B que emerge na minha mente. Naquela época, foi ele quem trouxe para o nível da consciência, sobre pano de fundo teórico, a tendência humana de reconhecer rostos nas imagens à nossa frente. Sejam nuvens, manchas ou quaisquer outras conformações imagéticas espontâneas ou manipuladas pela ação dos seres vivos.

Com o passar dos anos, o rosto daquele Professor foi se tornando reconhecível a cada vez que me lembrava dele quando incorporava imagens, de maneira que minha mente foi convidada a um certo entrelaçamento entre nossos tempos e memórias. Esses são importantes momentos para a conscientização a respeito do meu próprio imaginário. Paulo B compôs, ao lado de Joana Ziller e Carlos Mendonça – meu Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação –, a banca que cumpriu o ritual de encerramento da minha passagem pela graduação em Comunicação Social. Mais uma vez, o Professor me encantou com suas abstrações e derivações devido à leitura cuidadosa que havia feito do meu TCC, semeando novas possibilidades e dimensões que minha proposta havia provocado ou poderia provocar à imaginação. E assim, como um inventor de percursos – avesso a caminhos pré-concebidos e pontos finais definitivos – ele marcou de maneira significativa o meu primeiro trânsito pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) e as transformações da Fafich em mim.

A segunda caminhada, que institucionalmente se deu entre 2018 e 2020, quando nos encontramos como Orientador e orientanda, ocorreu no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFMG. As trocas cada vez mais diretas, transformadoras e generosas com Paulo B nutriram e estimularam a descoberta de uma investigação em devir tão dinâmica quanto a vida e os fenômenos ao nosso redor. Os encontros com meu Orientador foram e são sempre oportunidades de vivenciar o pensamento com/nas/por imagens, num sentido warburguiano de episteme. No nosso caso esses encontros eram em si extrapolações do próprio ambiente acadêmico porque aconteciam em um café-livraria na Savassi. Estar com Paulo B é energia para se conhecer o mundo por meio de imagens que viajam pelos tempos – prenhes de atravessamentos sociais, históricos e psicológicos – se encarnando em estilos pictóricos dos mais diversos, cujas escolhas materiais exprimem a ética em disputa em um dado contexto. Desse modo, com este Orientador vivi uma pesquisa afetada pelo toque em seu profuso e sempre receptivo museu imaginário e por experiências estimulantes com suas metáforas visuais.

Museus Imaginários

Paulo B demonstra um encantamento pelo movimento, pela imprevisibilidade e pela simplicidade complexa do conhecimento e da vida, contagiando as pessoas ao seu redor e fortalecendo nelas uma autoconfiança humilde diante da possibilidade de diálogo com um mundo cada vez mais vasto, em consonância com o que há de particular em cada um de nós. Para ele, “[...] a expansão da experiência é enriquecida pelo próprio de cada leitor” (VAZ, 2010, p. 200). Lê-lo, vê-lo e ouvi-lo é uma oportunidade de se inundar com a beleza de sua prosa. Uma prosa que não se conforma – e parece não querer se conformar – com o que tradicionalmente se entende como acadêmico, a não ser no que se refere ao questionamento do que seriam suas pedras de toque e institucionalizações epistêmicas.

Arranjos, constelações, fluxos, processos e outros termos que transportem noções desestabilizadoras estão presentes em muitas de suas produções sobre a Comunicação Social, de modo geral, e sobre as imagens, de modo específico, já que elas parecem exercer sobre ele um fascínio especial. Pelo seu olhar, elas parecem mais democráticas em relação às suas possibilidades de leituras, entendendo que nelas os sentidos estão em menor grau sujeitos à intencionalidade de quem as produziu e dependem menos de uma educação formal para que possam ser incorporadas. Ser sua orientanda foi uma experiência de estar em tensão com meu museu imaginário e, assim, uma experiência de fortalecimento do meu ponto de vista enquanto pesquisadora, ao passo em que reconhecia minhas limitações e impossibilidades de totalizações de sentido, percebendo como isso poderia se tornar uma habilidade.

Ao longo de minha experiência com Paulo B – e a cada novo contato – a conceituação das imagens parece se alargar e se sofisticar, como se nem mesmo as palavras fossem capazes de alcançar tal noção. Com seu direcionamento, passei a me observar em relação às imagens que me inundam, tendo no horizonte conceituações teóricas e metodológicas quase poéticas. Deparei-me com imagens que são como uma memória que podem vir a ser dispostas em representações e signos; imagens que são uma lacuna com grande capacidade criativa, de maneira que a distinção entre elas e símbolos parece nebulosa. Nessa linha de racio-

cínio, imagens não morreriam, nem tampouco estariam plenamente vivas. Elas são mortas-vivas que trazem as sombras do passado para o presente, projetando-as para o futuro; imagens são como fantasmas. Elas curto-circuitam e colocam em conflito tempos e espaços e de uma só vez coletivizam e individualizam a memória. Segundo o Professor,

[...] o poder de reconstrução varia de conformidade com o repertório iconográfico de cada sujeito interceptado pela imagem. Repertório não só imagético, posto que o leitor traz consigo suas próprias características psicológicas, seu pertencimento às próprias ambiências sociais e culturais, sua formação, seus sentimentos, afetos, emoções (VAZ, 2010, p. 195).

Nesse sentido, imagens fluem e concorrem pelos meios, passando do imaterial para o material. Essa transposição não-linear coloca pessoas em contato e, por isso, imagens participam da vida social. Nos meios se dá “a difusão do material signifiante que estrutura as interações como interações discursivas” (ANTUNES; VAZ, 2006, p. 56). Paulo B é, então, um importante explorador da viagem multimodal das imagens, semeando-as na mente de suas interlocutoras para que germinem de acordo com o repertório próprio de cada uma; uma forma profícua de constante cultivo de museus imaginários.

Em diálogo com importantes autores preocupados com as imagens, como Aby Warburg (2010), Georges Didi-Huberman (2018), Giorgio Agamben (2010) e outros, Paulo B foi meu guia em relação às inúmeras possibilidades investigativas da atualização contemporânea do fenômeno que tensiona publicidade e feminismos. A campanha tomada como expoente desse fenômeno foi a da Skol para o Dia Internacional das Mulheres de 2017, intitulada *Reposter, redondo é sair do seu passado*, escolhida em função da relevância da marca e da curiosa associação desse ator social, que tradicionalmente se orientou pela construção de masculinidades, com constelações feministas.

Central tanto para a campanha quanto para a investigação estavam as imagens dos cartazes da cerveja. Enquanto a Skol delegou para oito ilustradoras a pretensão de atualizar seu imaginário, associando-o menos com seu passado sexista e mais com imaginários sociais condizentes

com o dito empoderamento feminino – o que me pareceu uma nova embalagem para o feminismo feito *commodity* –, a pesquisa se ocupou da visualização da viagem temporal e espacialmente curto-circuitada das imagens. Se por um lado tal deslocamento extrapola a intencionalidade da campanha, por outro permite (re)conhecer a rede textual que habilita uma atribuição de sentidos a ela. Isso porque, de acordo com Martin Warnke (2010), as imagens não estão fixadas em contextos, mas a cada nova constelação, há novos significados em jogo.

Assim, o método de pesquisa construído ao lado de meu Orientador e em função do que nos suscitou a empiria composta por 16 cartazes me colocou em uma posição de desconforto com meu próprio museu imaginário. Optamos pela montagem de oito painéis – um para a cada uma das ilustradoras contratadas pela Skol para a campanha – que visavam a exposição de certa porção da minha coletânea de imagens. Na prática, isso foi feito afixando com ímãs os cartazes impressos e laminados de *Reposter* em um quadro metálico preto em meio a outras imagens colecionadas em minha memória e transpostas para o impresso. Ou seja, os painéis possibilitaram a visualização da minha leitura, nunca insular, mas sempre provisória, dos sentidos daqueles cartazes. Eles compuseram um atlas de inspiração warburguiana. E, nesse sentido, a conformação daquele atlas foi como uma aposta de “[...] que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade – ou melhor, o recurso inesgotável – de uma releitura do mundo” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 27).

Em vários momentos fui confrontada com o aspecto político inerente ao gesto de selecionar e expor aquelas imagens vibrantes e viventes no meu imaginário que, por sua vez, passou por um processo de tensão e expansão mais consciente para responder ao método de pesquisa. Ao longo do percurso de catação (para usar um termo do vocabulário vaziano) e seleção das imagens viajantes, pude visitar e percorrer algumas das inúmeras galerias expostas por/em meu Orientador. O que encontrei ali foram ricas e generosas abstrações. De acesso fácil e democrático, o museu imaginário movente de Paulo B abarca leituras de seu querido Marcel Proust, grafites urbanos, passa por séries televisivas sinestésicas de culinária japonesa, Caravaggio, poesias e músicas.

O belíssimo sincretismo imagético que o Professor expõe permite um vislumbre de sua genialidade mundana. A dissertação defendida em janeiro de 2020 conta com algumas incorporações imagéticas em função do diálogo com Paulo B.

Um pouco antes da defesa da minha dissertação, meu Orientador esteve em Recife para alguns merecidos dias de descanso. De lá, ele me enviou algumas fotografias que o lembravam de mim e da minha pesquisa. Não só me senti muito querida e fortalecida para o rito de passagem que estava cada vez mais próximo, como lisonjeada e emocionada de me deparar com aquelas imagens que ele associava a mim. Eram retratos de intervenções urbanas com mensagens feministas que enfatizavam o enfrentamento ao patriarcado capitalista orientadas por um imaginário brasileiro.

Em retribuição, inspirada pelo aprendizado da pesquisa e pela convivência com Paulo B, reuni em um painel que exponho a seguir algumas imagens que ilustram o encontro entre nossos museus imaginários em função do percurso que caminhamos juntos. Se na dissertação, atendendo às diretrizes formais da pesquisa, as imagens e os painéis foram individualmente comentados para que o gesto teórico-metodológico fosse explicitado, neste relato de experiência que compõe um vislumbre imaginal de Paulo B – talvez cada capítulo deste livro possa ser entendido como um painel e o conjunto da obra, quem sabe, como um atlas –, tomo a liberdade de me abster de comentários. Faço isso como provocação para que muitas outras leituras diversas e plurais possam se somar a minha; um convite para abstrações que escapem às minhas próprias intencionalidades, ultrapassando o contexto de produção do painel e do relato. Com isso, pretendo ampliar e dar vigor à experiência saudosa de viver o fluxo de mestrado orientado por Paulo B e semear imagens para que minhas leitoras também se encorajem para expor as suas, seja em relação ao Professor, seja em relação a outras pessoas e experiências que lhes forem caras.

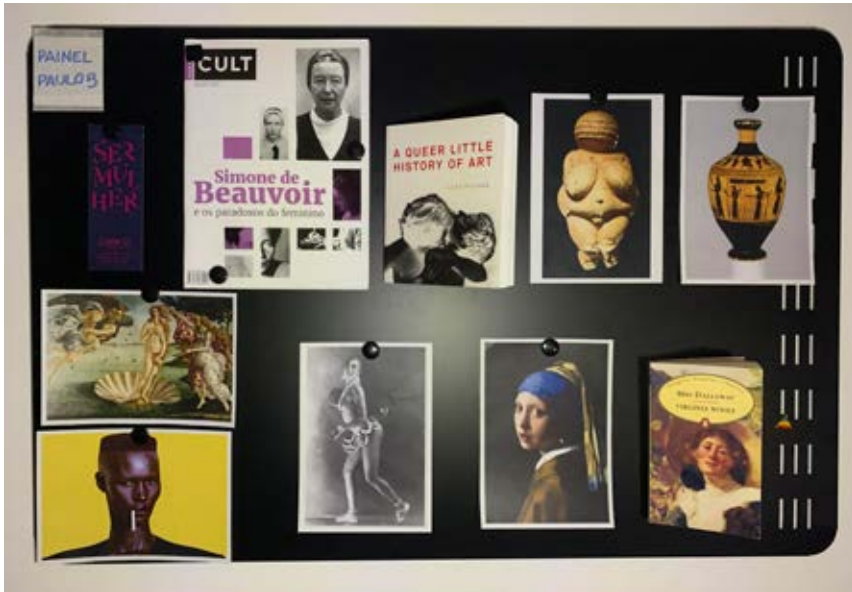


FIGURA 1. PAINEL PAULO B.

FONTE: autora, 2020.

Reflexões

Se de modo geral, um estudo formal, como uma dissertação, não pode ser entendido como o ponto final de uma pesquisa, a investigação realizada ao lado de Paulo B deve ser entendida como passagem ou talvez como pontapé por princípio. A noção de transitoriedade e incompletude foi um dos aspectos ressaltados por meu querido Orientador na minha banca de defesa; lacunas que são próprias às imagens. Ele enfatizou seu ponto sobre como aqueles painéis eram uma escolha que poderia ter outras inúmeras conformações e como outras exposições podem ser feitas a respeito de outros também inúmeros fenômenos que me inquietassem ou que inquietassem minhas leitoras.

O pensar com/nas imagens como procedimento de pesquisa deixou em mim a reflexão de que ainda que eu esteja comprometida com as teorias e discussões feministas, a hegemonia e as normas são transversais, e não laterais como eu gostaria, às minhas concepções sociais. Nesse sentido, a desestabilização das imagens que convergem para a pedagogia dos gêneros, sexualidades, raças, classes sociais e outras dimen-

sões humanas – como as da campanha da Skol em questão –, foi um importante exercício de arqueamento das normas, plantando sementes a respeito das possibilidades de pensamento não-hegemônico e da multimodalidade da nossa existência. Quanto maiores forem as nossas galerias de pensamento e mais plurais e múltiplas forem nossos dispositivos de exposição, maiores serão as nossas possibilidades estratégicas de agências, de transformações e de intercâmbios de museus imaginários.

Entendendo que o percurso da pesquisa se confunde com o percurso da vida, muitas vezes tendo a focar nas limitações que a vida imprime sobre o olhar pesquisador. No entanto, há de se considerar a ampliação dos horizontes e dos pensamentos da vida como impacto da pesquisa. Experienciar essas complexas convergências sendo guiada por Paulo B ao longo do mestrado trouxe para primeiro plano a beleza e o desafio saboroso da observação, da contemplação, da incorporação e da agência nas imagens do mundo e no mundo das imagens.

CUMPLICIDADE

Na cumplicidade de uma amizade

Para Paulo B.

VERA CASA NOVA

Professora e pesquisadora em Letras/Literatura



FIGURA 1. Vera Casa Nova e Paulo B.

FONTE: arquivo pessoal de Vera Casa Nova.

Diz o ditado que “a amizade é como o vinho, quanto mais velho melhor”...

Virginia Woolf diz que *O tempo passa*. Ela nos fala de uma casa, mas pode ser corpo-casa, pois ficamos olhando nossos rostos, olhos e mãos a envelhecerem... marcas que nos unem para tomar um bom vinho, uma cachaça talvez, ou uma cerveja bem gelada — e nossa paixão pelas imagens, que nos moveu e nos move até hoje através de pesquisas e palestras dentro ou fora do mundo acadêmico.

No meio do caminho, Adélia Prado ou Florbela Espanca nos indicam controvérsias sobre a poesia. Mas ficamos e participamos da seita dos idealistas, dos utópicos ou mesmo heterotópicos para quem Foucault, Barthes ou Derrida desferiram tiros de misericórdia intelectual.

À frente da Editora UFMG, Paulo publicou *Lições de Almanaque – um estudo semiótico*, minha tese de doutorado que se tornou livro, depois que viu a importância cultural desses pequenos livros, antigos almanaques de farmácia. E, com extrema sensibilidade e acuidade intelectual, Paulo B, por *un coup d'œil*, dizia-me que as imagens eram jogos para crianças minerarem — *Minerações* de Bartô (Bartolomeu Queirós). Suas ilustrações para este livro são obras de arte. No meio de meus escritos não encontrei o texto, em que nas minhas primeiras viagens entre a letra e a imagem, escrevi sobre o trabalho deles. Entretanto, encontrei um pedaço de papel que dizia: “Vera Casa Nova, sobre sua matéria: o Bartô sugere que você telefone para o Ângelo Oswaldo, editor do 2º Caderno do Estado de Minas, pela manhã (...)” (1991).

Proustianamente vim recolhendo pedaços de memória da amizade. Coisas entrevistas, percebidas, instantes de surpresa, de admiração, desejo, inquietação...

Montar a memória cronologicamente na desordem do vivido é difícil, “(...) dias esquecidos um a um, inventa-os a memória” (Herberto Helder). Vou, no entanto, caminhando pelas lembranças.

Depois, em 2002, organizamos *Estação Imagem*, livro que reuniu autores cujas pesquisas se relacionavam às imagens. O sucesso foi tanto, que esgotou rapidamente. Será que ninguém tinha pensado por que as palavras faltam diante das imagens e por que escrever sobre as imagens?

Vou aos poucos percebendo essa figura de barba e cabelos brancos. Percepção: misto de sentir e do sentido. E através dos papos, de vez em quando, que nos agrupavam, a tônica era a imagem. Um debate aqui, outro ali. As eleições, as lutas pelo poder, a universidade. As bancas. Uma amizade-espetáculo.

Depois um convite para juntos trabalharmos no mestrado de Estudos Culturais na FUMEC. Pena que durou pouco, mas ali reafirmamos nossa amizade e criamos outros laços — com alunos de nosso grupo Gastro-Acadêmicos (em que nos reuníamos na partilha culinária) —, quando os pratos que chegavam à mesa lá de casa, feitos por João Bertolotti, nos deixavam com água na boca até comermos tudo com a alegria que sempre nos foi comum. “*In vino veritas*”, as taças rodavam à nossa frente. Viva a cultura! Por entre filosofia e literatura, que modelaram nossas vidas, o suave gosto da amizade.

De onde vem essa ligação? Dos cadinhos da transgressão? Do real? Dos jogos de pensamento? Nem Aristóteles, nem Platão, nem Nietzsche, nem Agamben, entre outros, conseguiram conceituar a amizade.

Só sei da partilha dos sentimentos, dos afetos consentidos de nossa vida, de nossa existência. Esse impossível conceito, essa experiência inexplicável só pode ser pensada na relação com o outro — o Paulo B — um outro eu, com o qual compartilho o fato de existir, aqui, agora. São quase 30 anos e nossa amizade persiste.

“Amigo é coisa para se guardar, no lado esquerdo do peito (...).”

Fernando Brant e Milton Nascimento.

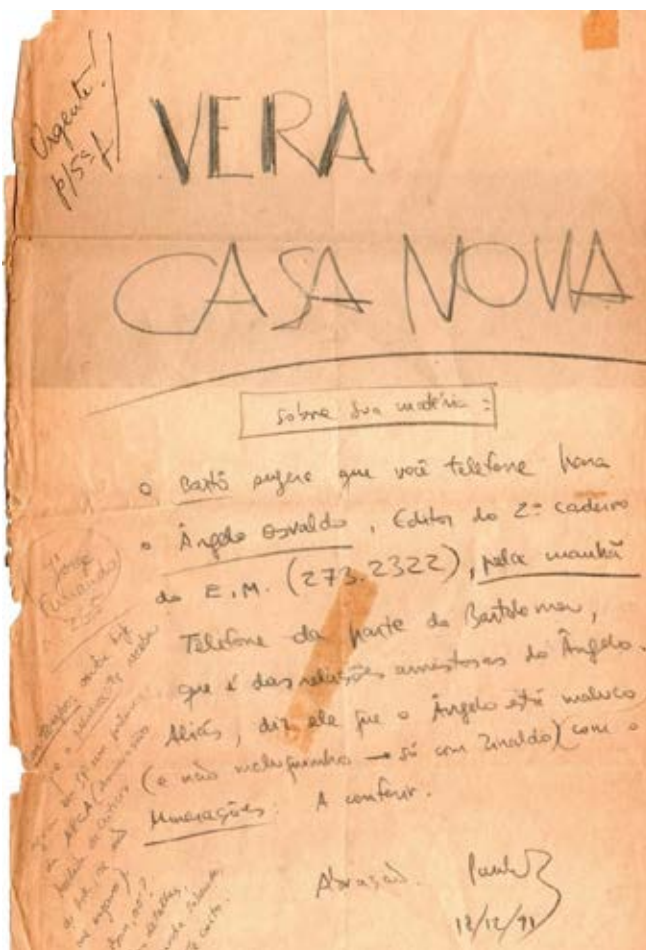


FIGURA 2. Recado de Paulo B.
FONTE: arquivo pessoal de Vera Casa Nova.

ELEGÂNCIA

Fragmentos da história de um adorável mágico

CARLA MENDONÇA

Professora e pesquisadora em Comunicação/Moda

Se há um superpoder que todos concordam ser a faceta mágica do Paulo Bernardo, é sua a capacidade de desaparecer. É comprovado cientificamente (afinal, teria que ser): se há um evento comemorativo, se foi marcado um encontro, um café entre amigos, se há um velório, ele vai. Muito elegante, é um dândi que adentra a cena. Sabemos que ele não lava as botas com champanhe – quiçá as usa, convenhamos – mas poderia muito bem ser um representante legítimo dessa quase casta masculina que tanto encantou o século XIX. Ele é discreto, e sua elegância (assim como a dos seguidores fiéis de Beau Brummel) reside nesta discrição – pode até passar horas diante do espelho, sobre isso nunca saberemos a verdade –, mas faz parecer que não se preocupou, que nasceu assim, como diria Beyoncé, *flawless*. Ele flana. Paira na sua *sprezzatura*: um homem que encanta por uma elegância sóbria digna de ser captada por Rafael na sua forma mais íntegra e, ainda assim, com a vaidade e nobreza contida de um conde do século XVI.

Então, inevitavelmente, todos são hipnotizados pela sua presença. Mas quem o conhece já sabe. Talvez seja esse o segredo do seu charme:

ele vai desaparecer. Não se sabe quando e muito menos por qual porta: à francesa, *bien sûr*, de repente, é uma incógnita aonde Paulo Bernardo foi parar. Mas o fato, claro, é que ele foi levar sua elegância para flunar em outros lugares.

O Paulo Bernardo foi orientador do meu doutorado. No entanto, nessa época, eu já havia há muito tempo sido capturada pelos seus dotes mágicos. Minha trajetória no Departamento de Comunicação Social passa pelo GRIS, o Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade. Eu era uma jovem ainda rebelde, no início dos anos 2000, quando atuei como bolsista de apoio técnico naquelas bandas. Das várias memórias que tenho do início do período que passei por lá – incluídos aí um mestrado e um doutorado, ou seja, no mínimo, mais seis anos – a leveza do Paulo Bernardo nas intermináveis reuniões de sexta à tarde é uma das que me trazem um sorriso ao rosto. Sextas-feiras são dias que, por si só, sugerem uma certa suavidade. A semana está quase se dando por vencida e já é hora de viver. Não para os bolsistas do GRIS.

Para esses pobres mortais, a sexta era (não sei se ainda é, escrevo isso com uma empatia por aqueles que passam e/ou passaram por essa experiência) dia de muita reflexão. Façam as contas comigo: às duas da tarde reuniam-se os grupos de pesquisa, cada um com sua especificidade, para debater um texto ou o rumo de uma de suas investigações; o debate se estendia até às seis, geralmente sem intervalo. Eram quatro horas que ganhavam a dimensão de quatrocentas, todos estavam cansados da semana (reza a lenda que uma das bolsistas, inclusive, teria aprendido a dormir de olhos abertos no período que esteve lá) e pouco afeitos a participar das discussões intermináveis (que, às vezes, se estendiam para além das 18 horas).

Mas o Paulo Bernardo era diferente. Àquele universo, ele acrescentava um pouco de cor. Não era à toa. Na sua carreira, foi um pesquisador não só da mídia revista (é muito estranho escrever no passado), mas do Design Gráfico. A beleza, a forma, o equilíbrio, então, sempre foram seus objetos de pesquisa, seu material de trabalho. Assim, sempre me fascinava algum ponto da sua pesquisa. Era muito fácil gostar das pautas que ele propunha. No calor, na sala cheia de bolsistas, na sexta que dava comichão em todo mundo, ele aparece como uma memória fresca e leve. Convenhamos, esse é mais um truque de mágica!

Por um acaso do destino – e de uma ciranda quase infinita de conversas com possíveis nomes –, definiu-se, alguns anos depois, que Paulo Bernardo seria orientador do meu doutorado. Minha tese, intitulada “Bonequinhas de luxo: um olhar sobre a tirania e o prazer nas revistas de moda”, discutiu o papel da moda na construção da mulher a partir do jornalismo feminino, em geral, e de moda, em específico. Depois de repetir a palavra moda tantas vezes na mesma frase, já está bem óbvio o meu interesse. O Paulo era a pessoa perfeita para lançar um olhar para aquele universo, não se sentia ofendido pela forma, ao mesmo tempo que não se deixava limitar por ela, era atraído pelas imagens super produzidas, por aquele mundo tão diferente da maioria dos interesses de pesquisa que se desenhavam ali dentro. Era alguém que entendia, como um dos subtítulos do primeiro capítulo do meu trabalho, que “o aparecer é a poesia do ser”.

A esse acaso, sou muito grata. Apesar da imagem de moda ser o meu objeto, meu interesse pessoal e por vezes meu trabalho fora dali, eu ainda não tinha desenhado uma pesquisa que me deixava 100% satisfeita, não havia um caminho metodológico fechado. A fotografia de moda, a forma como ela se desenhava no imaginário feminino, as revistas, tudo me intrigava de maneira ímpar, mas aquele danado do recorte, que arrepiava 110% dos mestrandos e doutorandos, ainda não tinha aparecido.

E é nesse momento, o da virada, que o Paulo Bernardo foi crucial. Não que as outras tenham sido situações e sugestões descartáveis. Mas, quem já passou por esse tipo de pesquisa e de escrita, sabe o quanto é importante quando bate a luz: sim, é uma luz, e é a forma com a qual ela incide sobre o seu objeto que muda tudo. No fim das contas, definiu-se que a pesquisa abordaria o paradoxo instaurado nas e pelas revistas que veiculam os discursos da moda.

O que eu quero dizer com isso? Que minha tese investigou de que forma a moda, por meio do suporte de revistas especializadas – Vogue America e Vogue Brasil – é capaz de enformar corpos e modular subjetividades femininas. O que poderia ser somente uma forma tirânica de organização da mulher, no entanto, sugere também um olhar que capte as nuances do prazer estético ligado a estes produtos. Para a realização da mesma, então, privilegiamos os editoriais de moda, uma vez que

acreditamos que estes espaços específicos das publicações são os mais emblemáticos de qualquer proposta editorial dessa natureza. Olhamos, desta forma, para um corpo que habita as revistas de moda.

Assim, a arquitetura da pesquisa, exatamente da forma que eu queria desde o início, partiu da moda. É na compreensão de sua configuração contemporânea e na co-dependência que estabelece com os mecanismos de publicização – neste caso, as revistas – que foi construída a nossa trajetória de reflexão, passando pela representação dos corpos nos editoriais, além das estratégias de modulação das subjetividades presentes nos mesmos e as inúmeras possibilidades de prazer estético.

Parafraseando Caetano Veloso, concluímos que a dor e a delícia de ser o que é, na contemporaneidade, são mediadas por textos verbo-visuais, portanto, pelas imagens veiculadas nos suportes revistas. É como se não somente o espelho fosse capaz de nos mostrar a inadequação de nossa aparência, mas sim as narrativas sobre uma mulher que muda à luz da tendência, cada vez mais rápido, para um modelo ainda mais perfeito. Os corpos magros, performados à luz da moda, nos apresentavam a dimensão educativa da mídia na qual circulam: a revista ensina seu público a se vestir e a se portar. No entanto, enquanto fomentam a cultura da insatisfação, abrem para a leitora a porta de um universo prazeroso que provavelmente não faz parte do cotidiano no qual ela habita.

Concluímos que imagens e seus textos didáticos só ganham o contorno e importância que possuem porque os sujeitos comuns participam e tomam aquilo como parte de uma proposta inalcançável, mas prazerosa. A hipótese da pesquisa partia da ideia de que as revistas femininas constroem uma imagem tirânica, assim como abrem para uma experiência libertadora.

Alguns anos depois – completam-se dez, nesse pesadelo que se mostra 2020 – ainda é relevante o recorte. Apesar das revistas terem minguado em prol do Instagram, as pessoas continuam a buscar imagens para se torturar ou se identificar, escolha que depende do gosto do freguês, em uma mídia. Mesmo que a produção do discurso tenha se desviado para os sujeitos comuns (não tão comuns assim, convenhamos), o caráter didático continua em voga tanto quanto há dez ou cem anos. A repre-

sentatividade é mais presente, os modelos de beleza mais abrangentes e variados, mas não há uma exclusão do padrão e ou um desencantamento com a imagem. Eu diria, na verdade, que a fascinação por ela anda mais exacerbada do que nunca.

Sempre achei a escrita conjunta uma tarefa hercúlea. Na minha cabeça, em respeito ao caráter de expressão subjetiva que possui o texto, ele deve ser uma construção solitária. Mas todos que se dedicam à pesquisa sabem que, em algum momento, é chegada a hora de escrever um texto com o orientador. Talvez essa seja mais uma mágica que o Paulo faz. Ele escreve de uma forma completamente adequada à sua personalidade: é leve, é poético, deixa ver uma pessoa (ou duas, nesse caso) por trás da pesquisa. É impossível escrever isso sem satisfação. No meio do caos, a beleza deixa respirar.

Nesta mesma lógica, nossas orientações, em geral realizadas em uma padaria charmosa, cercada por um ambiente acolhedor, foram um alento à parte para uma aluna em final de escrita de doutorado. Sair do entorno das paredes cinzas tinha um efeito de bálsamo para a realização de uma tarefa difícil, mas que não precisava ser desagradável. E foi em uma dessas, cercada pelo cheiro inebriante de croissant, que ele me contou que iria se mudar para Braga.

Para uma orientanda em fim de tese, essa notícia caiu como uma bomba. Não vou negar o pânico que tomou conta de mim. Engoli o choro e me abri para esse novo formato (convenhamos, não havia uma escolha aqui). E não é que funcionou lindamente? Eu deveria ter previsto, ora, afinal ele nunca partia de forma deselegante. Mais um de seus poderes mágicos se descortinou aqui: pela tecnologia que havia disponível na época, praticamente e-mails, foi construída, lida, corrigida e debatida uma tese. Senti falta apenas de sua presença e de sua risada, tão característica, ou seja, da pessoa e não do orientador.

Tese defendida, obrigações entregues e uma vida nova que se abriu pela frente. O Paulo Bernardo, nesse contexto, continuou a existir como a presença querida em eventos muito melhores do que aqueles que pressupunham a correção de um trabalho. Mas, assim como nestas ocasiões, é um deleite vê-lo andando por aí. Ele é um *flâneur*, não há dúvidas sobre isso. Vive a cidade, a percorre, e deixa encantadas desde as amigas do Pilates aos frequentadores dos cafés.

Todo esse rodeio serve a um fim: dizer ao Paulo Bernardo que a seu maior truque de mágica é sempre deixar todo mundo com vontade de mais. De tê-lo por perto e vê-lo mais. Esse não é o encerramento de uma carreira acadêmica, é apenas mais uma saída elegante para uma vida de exclusivo e merecido deleite.

ENCONTRO

Meu colega, meu amigo Paulo Bernardo

VERA FRANÇA

Professora e pesquisadora em Comunicação

Paulo Bernardo foi meu contemporâneo na Faculdade de Comunicação da PUC-MG, (na época, UCMG). Eu fiz parte da primeira turma, em 1971; Paulo entrou um pouco depois, no semestre seguinte. Apesar de ser meu calouro, ele fazia parte de uma turma mais efusiva, mais intensa, digamos assim, naqueles idos dos anos 1970. Eu era uma menina tímida, vinda do interior – nunca me aproximei muito dele, e de sua turma. Meu grupo, o pessoal do Jornalismo, era mais compenetrado. O pessoal da Publicidade era descolado, criativo, barulhento. Eu olhava de longe, e admirava o que me parecia uma festa permanente.

Terminada a graduação, tomamos rumos diferentes, ambos nos dirigindo para a pós-graduação. Eu fui fazer o mestrado em Brasília, Paulo foi para Paris. De lá, de vez em quando eu tinha notícias dele por um amigo comum, Isalino. Notícias esparsas; só muito depois, pelo próprio Paulo, eu soube melhor como foi também intenso esse período parisiense. Na França fez mestrado e doutorado, se especializando nas áreas de Editoração e Audiovisual. E foi nesses campos que ele, publicitário, artista plástico, designer investiu profissionalmente quando voltou ao Brasil.

Quando ele fez concurso e ingressou como professor do Departamento de Comunicação da UFMG, em 1990, eu, também professora do mesmo Departamento, me encontrava em licença de doutorado. Fui revê-lo quando retornei, em 1993. Paulo fez parte do grupo de criação do Mestrado (que teve seu primeiro ingresso em 1995) e, junto com Maria Céres S. Castro, desenvolveu uma pesquisa importante de resgate do acervo da Coleção Linhares – uma coleção de jornais e publicações da época da criação de Belo Horizonte, em 1897, que se encontrava esquecida em um canto da Biblioteca da UFMG. No mesmo momento, eu desenvolvía um outro projeto de pesquisa, sobre a formação de imagem dos candidatos ao Governo de Minas em 1994.

Terminadas as duas pesquisas, tivemos a ideia de nos associarmos (junto com Céres, Lena, César, Elton) em outro projeto de pesquisa, desta vez em torno da comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte, no ano de 1997. Dessa associação, e do embrião deixado pelos dois projetos anteriores, nasceu o GRIS – Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade. A pesquisa foi abrangente, tocando nos vários aspectos que envolvem uma comemoração: as atividades festivas, os patrocinadores (poder público, sobretudo), a cobertura midiática, a opinião e o sentimento dos belorizontinos. Paulo se ocupou da publicidade do aniversário. Reuníamos-nos semanalmente, com nossos muitos bolsistas, e colhemos um extenso material. Tenho boas lembranças da realização desse projeto; ele não rendeu muitas publicações, mas as discussões foram ricas e estimulantes – além de leves e bem-humoradas. Foi uma pena que não tenhamos conseguido traduzir em textos nossas formulações metodológicas (às vezes mirabolantes), nossos insights a propósito não só do evento em si, mas da própria experiência da pesquisa.

Depois do projeto do centenário, muitos outros se seguiram. A pesquisa seguinte foi em torno das imagens que cercaram as comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Também aqui nos dividimos em diferentes abordagens, e Paulo tratou das imagens e iconografias dos livros didáticos. Acho que foi nesse projeto que a perspectiva do “outro”, a questão da marginalidade, da exclusão, da alteridade entrou como um viés forte nas temáticas pesquisadas pelo GRIS, desdobradas e exploradas a partir das várias outras empirias que traba-

lhamos em projetos seguintes. Nesses projetos, e sobretudo nas análises das imagens do Outro, Paulo teve ótimos/as orientando/as, que não apenas mantiveram grande proximidade do Mestre, mas seguiram trajetórias acadêmicas e são, hoje, quase todos nossos colegas em diversas instituições (inclusive na França).

Se algum/as de nós desenvolvíamos uma abordagem de cunho mais sociológico, a do Paulo sempre foi estética. Em sua leitura das imagens e das formas, ele nos ensinou a ver através delas – a captar o momento, o *punctum*, o deslize. Usando uma expressão que pego emprestada de G. Durán, a propósito do simbólico, eu diria que Paulo Bernardo captava aquele instante em que a imagem desliza, é tocada pela “asa do anjo”, e escorre para outras imagens, outras sensações, outros sentidos. Seus olhos ampliavam tanto o potencial de um material visual quanto nossa capacidade de enxergar. Era ele que nos possibilitava perceber como uma foto, estampada na página do jornal, de um trabalhador semi-soterrado sendo resgatado por um bombeiro, revelava a mesma entrega – a mesma fraqueza humana – do corpo de Cristo nos braços da Pietá, e como esse corpo miserável resplandecia na grandeza do acolhimento.

Paulo não tinha muita paciência para discussões acadêmicas prolongadas. Às vezes parecia estar ausente – e então fazia intervenções precisas, resgatava aspectos negligenciados, estabelecia links, trazia reminiscências proustianas. Nos deixava pensando e desaparecia. Impressionante sua capacidade de entrar e sair de forma quase invisível. Ele me apelidou de madre superiora; verdade que ele era o cônego, mas, investida do cargo, eu bem que tentava, embalde, imprimir o ritmo de nosso trabalho comum. Que nada – o Paulo é ingovernável. Faz o que gosta, está onde quer estar. Mas não nos deixa na mão, nem sozinhos, quando precisamos dele.

E tinha também o outro lado do GRIS – nossa socialidade lúdica, vivida nas festas de final de ano. Regada com cachaça e com afeto, encerrávamos o ano com uma comemoração gastronômica-festiva em minha casa. Paulo não gostava do amigo oculto, mas participava da farra, dos discursos e até das performances.

E dessa participação conjunta no GRIS ao longo de muitos anos consolidou-se uma grande amizade. Paulo Bernardo se tornou meu

amigo querido. Entre 2005-2006 fui para Paris num estágio de pós-doutorado. Ele passou por lá nesse período (em suas viagens frequentes para a Alemanha, visitando uma amiga de longa data, ex-colega da Comunicação). Sem disponibilidade para acolhê-lo no meu pequeno apartamento, sugeri um velho hotel no alto da montanha Ste. Geneviève (ali mesmo onde se passa a cena do carro para o passado, no filme *Meia noite em Paris*, de Wood Allen). O *Peugeot* antigo não passou por lá durante sua estadia, mas ele se queixou de encontrar o fantasma de Rimbaud nos corredores empoeirados e estreitos do hotel, trancando a porta do toilette e apagando a luz...

Pouco depois de meu retorno ele saiu para seu pós-doutorado em Braga, Portugal. Acompanhei com atenção de irmã suas experiências em terras lusitanas: a exploração da culinária, a livraria na praça onde passava as tardes, o pequeno hotel com o casal cuidadoso que, inclusive, não se esquecia de lhe informar os horários de missas e o calendário das festas religiosas. Na Universidade do Minho Paulo trabalhou com o prof. Moisés de Lemos Martins, que o acolheu como amigo, no seio de sua família. Quando fui a Braga, alguns anos depois, para um evento na UMinho (junto com Paulo e outros colegas), fiz questão de me hospedar no mesmo hotel do casal simpático, conhecer a livraria e usufruí também de um jantar na casa do Moisés.

Na volta de Portugal (ou teria sido antes?) estivemos, por um bom tempo, juntos na coordenação do Programa de Pós-Graduação. Não consigo me lembrar se eu fui coordenadora e ele vice, ou ele coordenador e eu vice, ou se fomos as duas coisas. Só me lembro que era bom trabalhar com ele – sempre leve, bem-humorado, e capaz de apontar as melhores soluções. Trabalhar com ele me dava segurança e tranquilidade.

Ao mesmo tempo continuávamos nossas atividades no GRIS, que cresceu muito, acolheu muitos outros colegas e se organizou, a partir de um certo momento, em grupos internos, que receberam nomes e codinomes. Paulo e Elton criaram o Grispress. Porém o grande grupo continuava a se reunir mensalmente, e por ali mantivemos ainda por muito tempo nossa convivência acadêmica.

No entanto, enquanto minhas atividades e projetos sempre passavam pelo GRIS e pelo grupo do GRIS, Paulo – faz parte de sua natureza – foi

construindo várias outras ligações. Num determinado momento Paulo e mais alguns colegas do Departamento estabeleceram uma parceria interinstitucional com outras universidades brasileiras, da qual não participei. Na sequência, esse grupo estabeleceu também uma parceria internacional com Moisés e os colegas da UMinho.

Paulo se aposentou, e continuou apenas com participações pontuais junto ao Programa de Pós-Graduação. Quando ele esvaziou sua sala de trabalho, no Departamento, fiquei evitando de pensar que a pessoa de quem eu mais gostava ali estava indo embora.

Mas ele não foi embora de minha vida. Nossa ligação continuou pelo viés que mais nos unia, no final das contas – as afinidades pessoais. Cultivamos nossos gostos comuns pelo cinema, pela literatura, pela história, pela França. Gostamos de ler e compartilhar livros e autores; a história das monarquias europeias (Henri IV), de papas (os Borjas) e filósofos (Montaigne). Acho que Paulo me passou mais livros do que eu pra ele. Além de me introduzir nas séries da Netflix. Isto sem falar que dois de meus programas favoritos são compartilhados com ele: os concertos da Filarmônica de Minas Gerais (seguido de jantar na Haus Munchen – enquanto existiu...) e filmes no cine Belas Artes, seguido de vinho no Pizza Sur. Nesses programas soma-se o prazer estético compartilhado e o aconchego da conversa amiga.

Aliás, essa afinidade entrou para a família: além de minhas filhas e marido, que têm o Paulo como um amigo, acrescento minha mãe – que aprecia suas visitas e se sente confortada e estimulada pelo seu afeto e cuidado.

Em tempo de redes sociais, Paulo Bernardo ainda gosta de telefonar – e é bom receber seus telefonemas, manter nossa conversa em dia. Senti falta quando ele se mudou para Florianópolis. Mas Paulo sempre vai e volta; quando a gente pensa que ele está aqui, ele já foi. Quando nos queixamos que está longe, já chegou.

Foi um grande incentivador de minha aposentadoria; eu e ele tínhamos tempo sobrando para aposentar, mas continuávamos na ativa – por amor à camisa. Ele se aposentou primeiro e não cansava de louvar as vantagens e a maior liberdade que passou a usufruir. Custei a me

convencer; quando o fiz, vi que ele tinha mesmo razão. Nossas conversas cruzadas incluíam então, além dos programas culturais, a agenda de cuidados físicos. E, claro, bons passeios e restaurantes.

Eu acho que gosto mais do Paulo que ele de mim – talvez o “madre superiora” signifique algum traço meu, de fundo, que incomode sua soltura. Mas sua soltura não me incomoda, ao contrário. Me faz bem. Ele traz leveza, transita no terreno do sensível. Age com criatividade e intuição. Me mostra um lado bonito da vida. Fico feliz de tê-lo tido como colega, e de continuar tendo-o como amigo. Vida longa ao Paulo!

ERUDIÇÃO

Braços descruzados e erudição são coisas que eu guardo no (meu) coração (e no da pesquisa)

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES

Professor e pesquisador em Comunicação/Jornalismo

Muitas possibilidades de textos passaram-se pela minha cabeça para escrever este. Escolhi aquela que poderia, de alguma maneira, equilibrar a emoção e a experiência. Optei pela memória e, com ela, pelo meu abraço em palavras ao Paulo.

Paulo Bernardo é um hoje um dos meus melhores amigos. Daqueles que eu conto nos dedos das mãos. Ele sabe disso. Não é novidade dizê-lo. É uma mistura de confidente, parceiro de trabalho, companheiro de discussões muitas e conselheiro fiel. A primeira imagem que tenho dele é de um professor magro, alto, “gesticulante” e falante. O vi junto à porta de uma das antigas salinhas do Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), onde ficavam os computadores, na fronteira da Fafich (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) com a Fale (Faculdade de Letras). Isso foi no primeiro semestre do ano 2000, quando eu ainda cursava o terceiro período de Comunicação Social (Jornalismo) da UFMG e estava lá no Gris buscando informações para um trabalho de disciplina.

Foi naquela época que descobri o que era Iniciação Científica, que existia bolsa de pesquisa, Grupo de Pesquisa etc. Um colega de Gradu-

ação e hoje também colega do mundo acadêmico (além de afilhado de casamento!), o professor Ricardo Fabrino Mendonça, do Departamento de Ciência Política da UFMG, era um grande companheiro de estudos e de sala de aula. Estávamos juntos desde o primeiro período de curso, numa das últimas turmas do extinto Ciclo Básico da Fafich, que era cursado por todos os calouros ingressantes até 1999. Nossa proximidade foi importante para que eu olhasse a Universidade com olhos cada vez mais interessados. Na metade do nosso terceiro semestre letivo (creio), Ricardo havia tentado uma seleção de bolsista em um Projeto de Pesquisa coordenado pelo Paulo Bernardo. E eu acabei saindo de um primeiro estágio que fazia e me candidatei a membro da Empresa Júnior do curso de Comunicação (a C.R.I.A Comunicação Jr). Lembro-me, a partir disso, de ficar todo o dia na UFMG. Saía às 06h20 de casa para pegar o ônibus, tinha aula pela manhã, às vezes à tarde, cumpria os afazeres na C.R.I.A, também tinha uma disciplina à noite uma vez por semana. Jornadas das quais me recordo com bastante carinho e empolgação.

O dia inteiro no *campus* da Pampulha era uma alegria (viva a Universidade pública, gratuita e de qualidade!). E as muitas vivências e aprendizados foram me levando a crer que aquele ambiente – e não apenas o Jornalismo que me trouxera até lá – tinha muito a ver comigo. Fui apreendendo, cotidianamente, muita coisa. Conhecendo mais gente, vivenciando estranhamentos, entendendo também da pós-graduação, de história, de política, de país. Hoje sei (ainda mais) do privilégio de ter vivenciado tudo aquilo.

Entre almoços e atividades no *campus*, Ricardo acabou me apresentando mais o Gris, a pesquisa, as pessoas de lá. Aos poucos, ouvindo-o e estando por perto, fui apreciando aquela possibilidade e, também, vislumbrando aquele caminho. A oportunidade de estudar e receber para isso era não apenas uma maneira de estar naquele lugar com o qual eu tanto me identificava, mas também uma chance de me encontrar. Àquela altura, “Paulo Bê” já recebia meus olhares atentos pelo corredor, pelos eventos e salas. Não fomos professor e aluno em nenhum momento da Graduação. Foi na pesquisa que o encontrei como mestre pela primeira vez. E foi como meu Mestre, tal qual é ainda hoje, que começamos.

Em fevereiro de 2001, foi publicado um Edital PIBIC-CNPq (Bolsa de Iniciação Científica) para um subprojeto coordenado pelo Paulo, parte integrante de uma proposta de pesquisa maior, coordenada pelo Gris, intitulada: “Narrativas do Cotidiano: na mídia, na rua”. Era uma vaga para um trabalho em dupla, em estudo que dava continuidade ao projeto que o Gris encerrava naquele momento, o “Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver”. Outros subprojetos também estavam oferecendo vagas, mas era o do Paulo que fazia brilhar os meus olhos: “A representação visual do Outro na mídia impressa”. Estudar fotografia, jornais impressos e identidade. Refletir sobre as desigualdades do Brasil e sobre jornalismo. E ao mesmo tempo estar num Grupo de Pesquisa.

A seleção, me lembro, já na nova – e ainda atual sala do Gris na Fafich – teve uma fase de redação e outra de entrevista. A escrita era sobre a “Imagem e a Representação de Belo Horizonte na mídia e no imaginário”. Algo assim. A etapa oral foi no gabinete do Paulo. Fui nervoso e estudado para ambas as fases. Para a entrevista, sabia conceitos (pensava eu) e estava pronto para a arguição.

Paulo me cumprimentou, pediu que eu me sentasse e conversou um pouco. Em seguida, fez a primeira questão: “Qual livro você está lendo?”. Achei fácil e logo soletei algum título de obra acadêmica que eu havia lido sobre fotografia. Paulo me contestou e disse que estava perguntando sobre literatura. Fiquei desconcertado e mal soube o que responder. Nunca mais esqueci minha surpresa e fui entendendo o tamanho daquela pergunta só com o tempo. Passei na seleção e em março de 2001 comecei um caminho de parceria formal que seguiu até 2005: meus dois últimos anos de Graduação e os dois anos seguintes de Mestrado, tendo o Paulo como orientador; e depois uma disciplina juntos, como docentes, também em 2005, num antigo curso de Especialização *lato sensu* que o Departamento de Comunicação oferecia.

Em 2001, eu e Ricardo fomos dupla de pesquisa. O “preferido” e o “predileto”, como dizia o Paulo. Não importava quem era quem. Ricardo mudou-se para a Inglaterra, terminou a Graduação por lá. Em 2002, juntou-se àquela empreitada o Pedro Cardoso Coutinho, hoje também professor em Belo Horizonte, no Centro Universitário UNA. Em 2003, fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da

UFMG, com projeto de pesquisa sobre o fotojornalismo nos jornais diários de Belo Horizonte. Foram mais dois anos com a possibilidade de dedicação integral à pesquisa, dessa vez com uma bolsa de estudos da CAPES e, como já contei, com a orientação do Paulo. Concluí aquela etapa de estudos fotográficos e jornalísticos com duas importantes certezas que sigo carregando comigo: 1) do meu apreço por tudo o que é impresso e editorial; e 2) de que o meu encontro com o Paulo tem a ver com muito mais do que apenas esses interesses de estudo.

Filiação perene

Durante a pesquisa de Iniciação Científica, creio ter aprendido não só o ofício de pesquisar, mas também tive a oportunidade de pensar sobre o pesquisador: os que existem e aquele que eu queria ser. Paulo, naqueles dois primeiros anos em que estivemos trabalhando juntos, de 2001 a 2003, acompanhava de longe e de perto nossas investidas, dotando-nos sabiamente, porque à sua maneira, de uma confiança e autonomia. Nunca deixou de oferecer livros, bibliografias e comentar sobre um universo amplo, temático e conceitual, sempre que lhe aparecia algo afim ao que estudávamos. Mas, principalmente, exigia-nos e entusiasmava-nos com a ideia de que a única forma possível de pesquisar era, senão, colocando “a mão na massa”.

A coisa mais importante da pesquisa, dizia, é estar perto do material dela, do campo, da realidade de fato. Seja qual for o conceito, seja qual for a teoria e o método, eles só terão valor se pensados e aplicados a partir do objeto. Parece receita de manual, mas não. Não porque além de estar vivendo aquilo pela primeira vez, foi o contato procedimental, observável, com o objeto que me ajudou a depurar a experiência do tempo ali, junto com os conselhos do Paulo. Ler, estudar, fichar os livros; também organizar, classificar, digitalizar, descrever os jornais, as imagens com as quais lidávamos. As questões iam sendo maturadas e isso não era algo explícito ou evidente. Discutíamos um pouco de tudo em reuniões, na organização semestral do seu gabinete e, principalmente, nas cantinas da “Letras” (Fale) e da Fafich, tomando “pingado” e comendo pão de queijo, ou alguma “matula” que o Paulo trazia de uma padaria. A conversa sobre

a pesquisa parecia pretexto para um encontro. Hoje tenho certeza que os encontros também eram um bom pretexto para a pesquisa.

O convívio pela iniciação científica, assim, mais que ir assentando uma compreensão sobre ela, foi transbordando em afeição. Não existe a pesquisa sem isso: vontade e desejo de estar nela e com ela. O que significa entender o seu labor como também repleto de sensibilidade. Sem dúvida, tenho certeza, mesmo que essa seja minha impressão pessoal, ela se deu de maneira natural e espontânea. Paulo me ensinou esse jeito de pesquisar porque isso é da sua natureza. Aconteceu no próprio processo e na nossa relação. Acho bonito.

Numa tarde daquelas no *campus*, andando pelos corredores, Paulo nos avistou, do outro lado da galeria, de frente à sala do Gris. Estávamos nós, no intervalo das atividades, encostados no parapeito do terceiro andar da Fafich e de braços cruzados. Deu a volta no andar, foi até o nosso encontro e disse, lembrando uma tia sua (acho): “quem está de braços cruzados é porque está de mãos vazias. Bora trabalhar!”. O momento foi divertido, rimos, mas também não me esqueci do dito. E, mais uma vez, fui entendendo-o pela frente, nos estudos, na profissão e na vida. Menos divertido, mas tão importante quanto, foi quando nos demos conta de que dentre toda a extensão de jornais que estávamos pesquisando (21 edições do mineiro “Estado de Minas”, do paulista “Folha de S. Paulo” e do carioca “O Globo”) haviam desaparecido duas páginas de uma edição do jornal “O Globo”. Num tempo ainda sem versões digitais e sem PDFs disponíveis, uma parte do *corpus* da pesquisa havia sumido e não sabíamos por que e nem como recuperá-la. Demos a notícia ao Paulo, em seu gabinete do quarto andar da Fafich, que nos mandou vasculhar tudo até encontrarmos as páginas faltantes. Nada encontrado. Dado o informe novamente, dessa vez na sala do Gris, levamos uma grande bronca, outro episódio memorável. Primeiro achamos que era um puxão de orelhas brincalhão. Depois nos demos conta que não. Foi a primeira e uma das poucas vezes que o vi daquela maneira: bravo, irritado! E com razão. Duas semanas depois, se me lembro bem, reaparece Paulo na sala do Gris, munido das duas páginas perdidas em suas mãos. Foi à sede d’O Globo no Rio e as trouxe para nós. “Pesquisa é coisa muito séria”, disse ele. Sabíamos. E soubemos de novo. Ao final, os

conteúdos das duas páginas não afetaram o resultado do nosso estudo, mas a ausência deles(as) afetaria. Isso foi o mais importante de descobrir e, claro, de sempre lembrar. Lição para qualquer pesquisa que fiz ou farei, acompanho ou acompanharei.

Posso dizer depois de quase 20 anos com ela, que a pesquisa é algo mais difícil de ensinar e mais fácil de entender. Tenho certeza que as (mais ou menos) três dezenas de orientandos com quem tive a oportunidade de trabalhar nos meus anos como docente, poderão ler essas palavras e, de alguma forma, reconhecer nelas também o nosso processo e o nosso convívio. Mesmo que com eles eu tenha relações tão distintas e acompanhe tão diferentes problemas e objetos. Certamente, muitos desses(a)s aluno(as), já ouviram falar sobre meus “causos” da iniciação científica ao Doutorado.

A IC, como comumente chamamos no mundo universitário, é uma bela política pública, diga-se. Não apenas permite que muita gente se introduza no campo dos saberes acadêmicos, descubra o rigor e o valor científico. Ela também abre a cabeça. Para o mundo e para a nossa própria biografia. É um primeiro momento de compreensão da vida um pouco além do cotidiano e da observação nossa, autodidata ou culturalmente partilhada. Isso não se perde, claro, mas ganha outros focos e contornos. Algo que não tem a ver somente com a temática que se estuda, seja o racismo ou a transmissão de uma doença. A IC te ajuda a enxergar, pelo dia-a-dia da pesquisa, um pouco mais do social e, com isso, do nosso papel possível na coletividade. É esse, em verdade, independentemente do grau e instância da pesquisa, o compromisso da ciência. Por isso a importância de se valorizar, em qualquer país, o fazer científico, valorizá-lo como algo presente e integrado à sociedade e, também, como algo que possui uma história. Em tempos de achismos, falsos intelectuais ou pseudocientistas, que se arvoram da “ciência” para propalar de tudo por aí, não à toa a verdadeira ciência é perseguida ou menosprezada. E somente a sua valorização, reconhecendo sua constituição sensível, coletiva e subjetiva, é que torna possível nossos avanços como humanidade. Em tempos de exceção ainda mais!

Com o Paulo, desde a pesquisa “Narrativas do Cotidiano” (2001-2003), tive a sorte de experimentar todos esses valores, com o acréscimo de que nosso objeto de estudo tinha como foco a compreensão histórica

de processos de exclusão na sociedade brasileira a partir da representação imagética. O “passeio pelas imagens dos jornais”, como cunhou o companheiro Ricardo em sua monografia à época, permitiu a nós, cada um à sua maneira, lidar com um olhar crítico e mais aguçado sobre o nosso fazer investigativo. O resultado disso tornou-se para mim uma marca que carrego não apenas como algo contingencial de trabalho, mas como condição primeira para “descruzar os braços”, seja por qual motivo e pesquisa for.

Fato é que a pesquisa, cada uma delas, mas principalmente aquelas nas quais somos acompanhados por uma orientação, faz oscilar dois sentidos da ideia de criação. É preciso ser criativo, saber “ouvir o objeto”, buscar soluções para dificuldades e, principalmente, construir boas perguntas. Porém, é preciso também perceber-se como cria, como pertencente a um grupo, a uma instituição e, principalmente, como fruto de uma relação com um(a) orientador(a). As recordações e consequências desse processo irão variar de pessoa para pessoa. E cada um(a) carregará consigo um tipo de “código genético”, um “DNA” acadêmico. Na história das ciências é comum ouvirmos a máxima de que tal pesquisador(a) ou professor(a) foi aluno(a) de renomado(a) autor(a) ou docente. À primeira vista, trata-se de expressão que carrega a afirmação de uma trajetória, de identidades profissionais, institucionais e teóricas. Cada mestre(a) carrega consigo e pelos(as) seus(suas) aprendizes a sua própria escola. Em muitos casos, deve-se dizer, essa escola é também – e muito mais – sentimento. Um(a) mestre(a) forma, antes de tudo, pessoas. Seja qual for o caminho que elas seguirem. Compartilho dessa ideia mais completa de filiação. Pelo menos quando penso na minha. Obrigado, Paulo.

Tempo e lastro

Um ano depois da conclusão do Mestrado, em 2006, estive com Paulo Bernardo em meu primeiro Congresso científico internacional. Fomos ao Encontro da “Federação Lusófona de Ciências da Comunicação”, em Santiago de Compostela, na Espanha. Foi minha primeira viagem à Europa, uma oportunidade que veio pela nossa segunda pesquisa juntos. Antes disso, ainda nos tempos de IC, participamos de outros eventos no

Brasil, inclusive o meu primeiro evento acadêmico na vida, em 2002. O antigo SIPEC, antecessor do hoje “Intercom Sudeste”. Recebi o aceite daquele evento por telegrama! Incrível pensar isso hoje. Nós e uma turma fomos num *microbus* da UFMG para Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro. Viagem longa, de ônibus quebrado, mas muita energia. São várias as lembranças colecionadas, todas decisivas para a minha formação. Muito além dos títulos e publicações.

Em 2009, durante o período de sanduíche no Doutorado, voltei pela segunda vez à Espanha e residi em Madri. Sempre que conversava com o Paulo, que já não era mais o meu orientador, ele me perguntava “qual livro eu estava lendo”, que não fosse acadêmico... Os sete meses que passei ali, com fomento do CNPq, foram realmente de muita leitura, em todos os sentidos, mas decisivos para entender, longe de casa e de país, um outro lado importante da pesquisa. Lado que tento seguir experimentando, pois ele também oferece percursos. Entre a vida e a pesquisa é preciso buscar conhecer “estórias”. Ficções, narrativas. Agregar ao nosso olhar, às nossas práticas e escritas, aquilo que achamos que não faz parte dela. Ter um romance debaixo dos braços ou nas mãos é sempre uma excelente maneira de encarar o mundo e ousar interpretá-lo.

Quando leio os textos do Paulo, sempre me encanto com suas citações à literatura universal ou brasileira. São costuras que conceitos hegemonicamente autorizados não conta de fazer. São o contrapelo à expectativa do caminho que se julga correto da pesquisa (porque legitimado) e, por isso, tão valioso quanto. Não tenho as contas de quantos livros intercambiamos ao longo desses quase 20 anos. Seguramente, eu muito mais ganhei que presenteí. E em meio a sertões, reinos, mortes e amores... enredos de uma “belezura inexplicável”, como ele costuma dizer, consolidei uma imagem mais ampla do pesquisar. Sem perder o rigor, com o acréscimo de uma incansável voracidade pelas leituras inesperadas e pelas análises humanizadas.

Nos tempos de Doutorado-Sanduíche na Espanha, resolvi ler “A Montanha Mágica”, do Thomas Mann. Acolhendo ordens antigas do Paulo. Mas a aventura – que já era longa em português – em espanhol acabou não se completando. Carrego ainda essa dívida na estante. Dessa época, entretanto, guardo um recorte, que copiei de um livro do Sten-

dhal, apresentado ao Paulo quando nos vimos em Portugal, em setembro de 2009, para mais um evento acadêmico. A pergunta estava lá: “¿Es verdaderamente posible que a ese joven cuyo porte, gestos y andares revelan tanta intensidad, le baste mirar el mundo con los ojos?”. Caminhando pelas ruas de Lisboa, onde eu estava pela primeira vez e com olhos fixos no sol se pondo em algum mirador, me reencontrei com a imagem do Paulo de quase dez anos antes, na porta da salinha antiga do Gris. Naquele especial fim de tarde lisboeta, sufocado por uma saudade dos meus, que eu nunca havia sentido antes, e com um nó desconhecido na garganta, Paulo me pediu: “olhe”.

Em 2015, quando Paulo esteve na Universidade Federal de Ouro Preto, por ocasião da cerimônia de abertura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, sua presença na plateia, como convidado, foi um grande presente também. Para o professor que me tornei, graças às políticas públicas voltadas à educação nos anos do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre elas a expansão do ensino universitário no Brasil, foi uma enorme alegria celebrar ao seu lado aquele momento que tanto desejávamos na UFOP. Junto estava também a professora Christa Berger, minha orientadora no Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. (E, que sorte a minha, hoje também seleta aqui do lado esquerdo do peito). Foi o Paulo quem me apresentou à Christa, em 2005, no evento da *Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*, em Florianópolis.

Christa proferiu a conferência de abertura do evento inaugural do nosso PPGCOM. Naqueles dias de abril, saímos a andar um pouco por Mariana e Ouro Preto; e Paulo surpreendeu-nos como guia turístico, contando detalhes do barroco mineiro, do casario colonial e de tramas seculares do cotidiano daquelas duas cidades históricas. Nunca as tinha ouvido e ouvi-as maravilhado. A erudição dos nossos mestres, mais que orgulho, lá no fundo, nos dá sempre a sensação de conforto e segurança. É inegável que isso nos traga o lastro de um modelo a seguir ou o esteio de uma referência acadêmica.

Através do gosto pelo mundo editorial, o convívio com o Paulo permitiu-me não apenas eleger objetos e com eles seguir. Mais que isso, possibilitou-me entender o porquê dessas escolhas e como elas, pela

identificação com temas, materiais e textos, revelavam também algo sobre mim. Se antes, por exemplo, em algum momento, pensei que meu interesse pelas coisas impressas e atuação no campo do jornalismo e da editoração havia se dado pela pesquisa, hoje compreendo que a pesquisa me fez compreender esse interesse. Assim como permito-me pensar que o encontro com o Paulo e a maneira como nos tornamos amigos, teve a pesquisa muito mais como oportunidade do que como razão. Nossos trabalhos juntos possibilitaram a nossa relação, ensinaram-me a pesquisar; mas eles são hoje somente parte de uma caminhada. Cheia de livros, braços descruzados, saberes desfrutados, revelações e muita partilha.

Houve momentos tristes também. De cada um. E muito companheirismo e luta, pela sinergia em dupla e por inserções coletivas nossas. Quando se está junto, se enxerga e se pensa coisas em sintonia. O que fere um pode ferir o outro. Como um acontecimento histórico ou uma situação de trabalho. E nas trocas e convivências, isso vai emoldurando e solidificando o “irremediável extenso da vida”, como diria Guimarães Rosa. Felicidades e agruras, muito mais as primeiras, no nosso caso. São diversos os registros que tenho comigo. Cartas (ainda tivemos essa sorte!), e-mails, fotografias, postais. O tempo nos permitiu o mergulho numa densidade que é impossível descrever. Essas duas décadas de convivência com o Paulo, apesar das histórias aqui evocadas, não cabem nessas páginas. Mas, exatamente por isso, habitam o coração.

ESBANJAMENTO

Um esbanjador incorrigível

CALEBE BEZERRA

Publicitário, produtor gráfico

Eu acordei com o barulho das pessoas se levantando de suas cadeiras. Tinha dormido pesado justo na primeira aula. Era normal dormir em uma aulinha ou outra, dentro da sala mesmo, com a testa na carteira. Especialmente quando o sofá do Comunica estava ocupado. Mas dormir na primeira? Nem era tão cedo e o nome da disciplina parecia interessante.

Logo que eu estava saindo, ouvi o professor comentar, sorrindo: “tem gente aí que vira a noite na internet e depois não dá conta de ficar acordado de dia, hein?”

Era a aula de expressão gráfica do 4º período de Comunicação Social. Foi assim que eu fiquei conhecendo o Paulo Bernardo. Desde o primeiro dia, Paulo B.

Anos depois, após algumas cervejas, ele me confessaria: “dar aula é algo que vale a pena só pelos alunos bons. Os ruins, os que não prestam atenção, que não se interessam... eu também não me interesso por eles”.

Nas aulas seguintes, eu não dormi mais. Me interessei por aquele sujeito que dava aula de echarpe e falava sobre cor, proporção, ritmo.

Eu tinha um conteúdo similar, à noite, lá no curso de Design da UEMG mas, ainda assim, havia algo especial ali.

A disciplina terminou, mas eu queria aprender mais com ele. Me candidatei ao Atelier de Publicidade, projeto de extensão que ele coordenava. Era uma espécie de agência de criação da UFMG, e tinha como clientes os órgãos da própria universidade.

Eu não acreditei quando recebi a notícia que tinha sido selecionado. Eu sabia de pessoas incríveis que tinham participado do processo. Pessoas com portfolio mais amplo, em períodos mais avançados. Por que eu?

Alguns meses depois, confrontei-o sobre isso. E tive de volta: “você não é o primeiro que me pergunta isso, e a escolha não foi porque você e o Alexandre são homens bonitos. É o que eu sempre respondo: selecionei os melhores, e ponto”.

Com aquela segurança sutil, quase indiferente, que ele sempre esbanja.

Foi no Atelier, com o Alexandre na redação e o Joapa na ilustração, que eu passei a conhecer de verdade o Paulo B. Na primeira vez que saímos juntos, no Maria das Tranças, eu perdi a conta de quantos pasteis de angu comemos, e de quantas cachaças bebemos. Naqueles dias, esbanjamos alegria, e criamos um belo portfolio.

Nada me ensinou mais sobre diversidade que o Atelier. A começar pelo nosso primeiro projeto: um congresso nacional de homocultura, liderado pelo Bruno Leal, que era portanto o nosso cliente. Chegaram a apostar que eu “tocaria na banda” em algum momento. Perderam a aposta, mas não a piada. Quando Paulo B voltou de uma visita à Pinacoteca de São Paulo, eu tentei devolver:

— E aí, Paulo B, viu muita *pintura* lá?

— Não, não, preferi pegar em *escultura* mesmo – respondeu ele, fazendo gestos inenarráveis com as mãos.

Com aquela irreverência amistosa que ele sempre esbanja.

Foi quando eu percebi que tínhamos nos tornado amigos.

Talvez o episódio que melhor marcou o Atelier de Publicidade foi a viagem ao Rio de Janeiro, para uma visita técnica na Biblioteca Nacional. O Tiago Megale, assistente recém-contratado, foi logo ganhando do Paulo B o apelido de Muffin, e assim eu o chamo até hoje.

No início da visita técnica, Paulo B dá o recado:

— Agora, vamos conhecer a Biblioteca Nacional, e depois nós vamos para o “Gólo Nacional” — e gesticulava com as mãos como se estivesse bebendo.

O Muffin, que sempre foi *nerd*, acabou filmando o momento em sua câmera. Não preciso dizer que esse vídeo “viralizou” rapidamente na FAFICH, e Gólo Nacional virou até nome de turma.

— Não tem problema nenhum. A gente foi trabalhar, fizemos a visita e, *só depois*, fomos para o Gólo Nacional, ué.

Com aquela naturalidade que ele sempre esbanja.

O Atelier foi o meu trampolim para o mercado, ainda no 6º período. Do primeiro emprego, fui estudar fora. Na volta, com uma boa bagagem cultural, mais duas agências e depois abri a Calebe_, que está completando 10 anos. Lembro-me quando cheguei ao mercado publicitário mineiro e descobri que muitos dos grandes nomes que temos foram formados por ele. “Espero estar nesse rol algum dia”, pensei.

Saído da faculdade, nosso relacionamento se fortaleceu. Nos encontramos semanalmente na feirinha do Santo Agostinho, onde era tradicional o Frango com Ora-Pro-Nóbis. Marcelo Xavier, Daniela Karam e Marco Severo eram outros habitués dessa escapada às terças. Falávamos sobre qualquer coisa e coisa nenhuma, beberíamos algumas cervejas, em pé. Sem compromisso, sem horário.

Quando a feirinha foi interrompida, nós continuamos. Ora saíamos para jantar, sempre em ótimos lugares, ora eu cozinhava em casa e recebia essa ilustre visita. Quando descobriu que eu levava jeito, Paulo B foi enfático a me incentivar a cozinhar – aliás, fizemos planos mirabolantes para conectar o processo criativo da cozinha ao da criação, o que nunca saiu do papel. Culpa minha. Mas saiu uma participação num livro de gastronomia mineira, indicada também por ele. E claro, eu tive de cozinhar a tal vaca atolada da receita para tirar a prova.

Foi num desses jantares que o convidei para ser nosso *Madrinho* de casamento, o que ficou como apelido carinhoso até os dias de hoje. Na cerimônia, lá estava ele, elegantíssimo, entrando na igreja ao lado de uma amiga de infância. Na festa, curtiu a noite muito bem acompanhado pelo Julian.

Discordamos, mas nunca discutimos. O mercado me moldou um pouco diferente do que ele imaginava, talvez. E talvez por isso, insiste para que eu volte à faculdade, mas eu morro de medo. Nunca foi tão claro para mim, o quanto a atividade de professor é de alto impacto. Muito mais que mentorias, consultorias, a influência que ele exerceu na minha vida e a de tantos outros profissionais, acadêmicos ou de mercado, é determinante.

Talvez ele tenha elevado o sarrafo do que eu penso que é ser um professor. Aquela naturalidade com que ele transita pelas artes – pintura, escultura, música clássica, arte gráfica – são para ele como pegar um ônibus da Praça Sete à Gameleira.

Quem enxerga de fora costuma achar esses gostos apurados demais, talvez insuportáveis. Mas Paulo B para mim é o exemplo de como apreciar as coisas boas da vida, sem trata-las com reverência. Uma vez, ganhei de presente dele um disco de Maria Callas. E com uma dedicatória escrita por ela – psicografada por ele, claro.

Certa vez, nos encontramos logo após sua volta de Las Vegas – já notaram como ele está sempre viajando por aí? Em 60 e alguns anos, ele nunca tinha ido aos EUA. Eu já imaginava como soaria todo o imperialismo americano, o consumismo, os exageros, os cassinos, para alguém lapidado pela Paris XIII. E sabe o que ele achou?

Adorou.

Em sua estada em Portugal, me escrevia, especialmente para contar da gastronomia. Com destaque para um prato de Braga, na voz dele, ganhava ainda mais sarcasmo: a Pica no Chão.

Quando estava para se aposentar, eu fiz aquela pergunta que assola boa parte do proletariado sexagenário brasileiro:

— Mas você não tem medo de ficar à toa demais, ficar entediado?

— Entediado, eu? Você já imaginou que delícia, a quantidade de livros que eu tenho para ler, discos para ouvir, lugares para ir? Como assim, entediado?

Paulo B é uma pessoa discreta, mas quando você o conhece, percebe que, mesmo sem querer, ele esbanja. Esbanja sofisticação sem ser pedante, como se Neuschwanstein fosse uma espécie de Aleijadinho germânico. Esbanja gosto pela vida. Esbanja autenticidade, e até então,

sempre vi esbanjar saúde, com aquelas manhãs de longas braçadas de natação, ou largas passadas pela praça Raul Soares. Minha vontade é que eu possa ainda vê-lo esbanjar muitas coisas mais, e pelo tempo que o tempo permitir.

FLÂNEUR

Um livro para Paulo B

ANDRÉ MINTZ

Professor e pesquisador em Comunicação/Arte

Só na última semana encontrei o exemplar. Paulo B havia feito a encomenda, salvo engano, quando já me encontrava em Córdoba, na Argentina, para um intercâmbio que me fez interromper o período de iniciação científica sob sua orientação. O livro era das obras menos conhecidas do escritor argentino Manuel Mujica Lainez: *El Unicornio*, da década de 1960. Em retribuição pelo favor da encomenda, Paulo me emprestaria outro livro de Lainez, que fez com que ele se interessasse pelo autor: *Bomarzo*.

Hoje, encontro arquivado um e-mail que lhe enviei em maio de 2008, que reaviva a memória da busca pelo volume. Contava a ele sobre um passeio que fiz pela região de sebos da cidade, após as tentativas frustradas em livrarias maiores. Em um deles – lhe escrevi – uma senhora idosa de touca de lã relatou, interpelada pela vendedora que me atendia, que havia muito tempo não via o livro, que já não era editado há anos. Disse, também, que conhecera Manucho, que era um senhor *muy amable*, e que ele havia morrido na região. Mais especificamente na vila de Los Cocos, situada nas serras cordobesas. Haveria aí um museu em

sua homenagem. Disse-me que o escritor, embora fosse *porteño*, adorava Córdoba. *Pero, el libro? No, no se encuentra más.*

Dos estudos com Paulo B, um dos aprendizados que certamente trago até hoje era sua concepção do pesquisador como *flâneur* – o errante observador das cidades modernas que Walter Benjamin tão bem descreveu. Em um de seus eternos retornos ao tema, o autor alemão vincula sua experiência como colecionador de livros à experiência de viajante, vagando pelas cidades desconhecidas: “Minhas compras mais memoráveis ocorreram durante viagens, como transeunte. Propriedade e posse estão circunscritas a uma tática. Colecionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. Quantas cidades não se revelaram para mim nas caminhadas que fiz à conquista de livros!” (BENJAMIN, 1995, p. 231).

A busca de um livro perdido, que tomo hoje como pretexto da rememoração, foi então uma forma de exercitar esta experiência do passeio e da viagem de um modo que reconheço, hoje, ter aprendido com Paulo. Córdoba, se bem me lembro, segue o princípio urbanístico das colônias jesuítas, com duas vias principais cortando a cidade na forma da cruz. Eixos originários do espaço, delas partem as demais ruas. O passeio para os sebos me desviava dos meus recorridos mais frequentes na cidade que, na verdade, era bem restrito pela conveniente proximidade entre a casa em que vivi e o campus da universidade. Lembro bem do Paulo me dizer, em antecipação à viagem, para que eu a aproveitasse para estudar menos e vagabundear mais. Talvez seja um tanto profanador que eu venha agora tomar essa recomendação como articuladora de uma discussão acadêmica.

Mas, o olhar errante do *flâneur* é, em verdade, um dos princípios metodológicos que Paulo ensina. A investigação e a descoberta são motivadas igualmente pela curiosidade e pelo prazer do percurso. Noção que ele transpõe do trabalho das passagens às bancas de revista e às páginas dos impressos. Enquanto método, flunar é um modo de ajustar o olhar de quem investiga àquele dos leitores diante dos impressos. Reivindicar esse olhar perambulante é, então, um modo de recuar do olhar por

demais racional da subjetividade científica moderna que esquadriharia as páginas em eixos e coordenadas. Um modo, também, de reconhecer a complementariedade dialética entre as estratégias da diagramação e as táticas de leitura (CERTEAU, 1996) que são, em última medida, aquelas que se busca recuperar no processo da investigação.

Em texto que escreveu acerca de uma experiência diante de uma fotografia jornalística, escreveu Paulo: “O posicionamento da matéria deveria torná-la invisível, mas, ultrapassando todos os limites de sua significação, como em um abrupto deslocamento, sua fotografia causa um impacto de primeira página. Por quê? O olhar que ali cai, como em uma boa armadilha, não escapa” (VAZ, 2010, p. 194). Em outra produção, acerca da revista Piauí, que escrevemos juntos (mas em trecho cujas palavras são suas, sem sombra de dúvida), Paulo assume, em discurso direto, o papel do leitor que descobre a revista: “Deixa ver, terá ele dito em sua primeira abordagem, a buscar com as mãos aquilo que seu olhar alcançara nas prateleiras. Provavelmente, este leitor se sentisse como se entrasse em uma clareira silenciosa na densa selva dos impressos” (VAZ; MINTZ, 2014, p. 280-281). As menções ao olhar, a insinuação da primeira pessoa, as remissões à experiência de leitura, a qualidade literária da escrita. São todas características do modo de pensar a comunicação que Paulo exercita e ensina.

Como muitos estudantes do curso de Comunicação, tive com o Paulo algumas de minhas primeiras aulas. Na Fafich, ao fundo do corredor dos laboratórios, em uma sala de mesas amplas, lembro de ele propor exercícios aparentemente simples, realizados por meio de recorte e colagem. Cheguei ali buscando, com alguma avidez, um método preciso, uma matriz que permitisse vaticinar, para uma imagem, seu significado exato. Superando a frustração inicial, talvez seja justamente o reconhecimento da impossibilidade de satisfação desse desejo — que Didi-Huberman (2013) descreveu como uma pretensão de *omnitraduzibilidade* das imagens — que tornaria mais rica e instigante a questão lançada ao visual. Contra o método preciso e o ponto de vista neutro e esquadrihador, aprendemos ali a *olhar*, aceitando o caráter incerto e situado de qualquer impressão diante das imagens.

Para *olhar* faz-se preciso justamente que evitemos a tentação de muito racionalizar. A figura do detetive, ao estilo Sherlock Holmes, lupa em mãos, pareceria adequada para descrever o olhar investigador. Mas, aqui, seria mais o caso de nos deixar guiar pela experiência proporcionada por aquilo que vemos, pelo que nos faz lembrar, pelas associações que produz. Uma imagem alternativa talvez devesse ser, então, os retratos mais famosos de André Malraux – do *museu imaginário* a que Paulo B remete com frequência. Nestas fotografias, cachimbo em mãos, Malraux parece dançar sobre reproduções fotográficas espalhadas sobre o chão da sala. Um modo certamente muito mais gracioso de navegar a sobrecarga imagética da contemporaneidade. Para olhar, talvez seja preciso dançar.

Recordo-me de outra ocasião, no primeiro semestre do curso, quando cheguei à aula do Paulo B carregando alguns livros cuja leitura havia sido indicada em algum outro curso. Curioso, ele tomou um dos livros e folheou. Primeiro, elogiou a dedicação e interesse nas leituras para as aulas – em um tom, hoje percebo, algo protocolar. Porém, logo em seguida – em tom de cobrança – perguntou-me qual livro de literatura eu estava lendo. Provavelmente gaguejou um pouco, remendando a cobrança, para esclarecer que queria dizer sobre uma leitura que não fosse de estudo, mas sim por gosto. Devo ter dito que nenhum, naquele momento, ou mencionei alguma leitura interrompida, logo me justificando, certamente, pela quantidade de aulas que nos era dado cursar naquele semestre, manhã e tarde. Isto não resolve, lembro ele dizer, pois qualquer momento de leitura, por curto que seja, já seria melhor que nada. Na espera do ônibus, antes de dormir, entre as aulas. Não foram poucas vezes que o encontrei caminhando pelo campus da universidade com algum pequeno livro em mãos, apenas às vezes erguendo o olhar acima ou abaixo dele para guiar o passo e desviar de outros pedestres.

Sob sua orientação, lembro bem de que nossas reuniões passavam, sem perceber, da conversa sobre temas e leituras mais estritamente relacionados à pesquisa a recomendações literárias. Saía sempre com listas de romances, dos quais li pouquíssimos. A mesma transição suave das conversas encontrava em suas aulas e revejo hoje em seus textos, permeados de inescapáveis referências literárias, para além de qualquer papel

ilustrativo ou de tímidas inspirações estéticas. Neles, a literatura brota, extravasando os retiros epigráficos para inundar o leito da escrita e do pensamento.

Em um texto que reivindica um olhar para a forma visual dos textos, Paulo retoma trecho de romance de Thomas Mann para ali apontar às múltiplas sensorialidades da escrita e da leitura, para além de simples receptáculo do pensamento. Escreve: “Não é sem propósito que o autor tece considerações sobre o sentido gustativo e a audição antes de comentar sobre a percepção visual e a leitura do papiro. Ao apresentar a palavra escrita destaca, ainda, aspectos da ordem da percepção tátil e olfativa. Integrado nessa rede de todos os sentidos, o leitor talvez possa perceber quão estimulante pode ser o texto em sua concretude, escrito ou impresso” (VAZ, 2002, p. 174-175). Em outro texto, escrito com Elton Antunes, uma imagem de Proust de *No caminho de Swann*, inspira uma reflexão sobre os deslocamentos provocados pela mídia aos leitores. Diante do quadro de horários de uma estação de trem, os nomes de cidades fazem o narrador viajar: “Ao chamar a atenção para a ‘natureza nervosa’ do narrador, Proust diz da natureza não menos nervosa de todo e qualquer leitor que se dispõe e se capacita para a realização de outras viagens, com sua sensibilidade aguçada para os dispositivos midiáticos. Desloca-se o leitor, sem se deslocar, embarcando em viagens mentais e reconstruindo o tempo” (ANTUNES; VAZ, 2006, p. 53-54). Vórtice das sensações e das viagens, um livro, para Paulo B, constitui-se enquanto objeto sensível e visual. Seu olhar se volta à escrita *ao pé da letra*, como ele certa vez formulou.

Borges, em palestra proferida em 1978, qualifica o livro como o ‘mais assombroso’ instrumento da humanidade. Ele despreza, em certa medida, o aspecto físico a que se atenta Paulo, mas não se furta de remeter a objetualidade do livro, como ávido colecionador: “Continuo brincando de não ser cego, continuo comprando livros; continuo enchendo minha casa de livros. Um dia desses me ofereceram uma edição da *Enciclopedia Brockhaus* de 1966. Senti a presença daquela obra em minha casa, senti essa presença como uma espécie de felicidade” (BORGES, 2011). Desta palestra, que li no período em que estudei com Paulo, guardo ainda hoje na memória outra passagem: “Fala-se no desaparecimento

do livro; eu acho que é impossível”. Lembro-me de repetir esta passagem em conversas sobre o tema, como se a profecia borgeana fosse argumento suficiente contra a teleologia que se anunciava naquele início de século e, certamente, já quando Borges o escrevera. Ainda penso ser verdade, muito embora hoje, sem o livro e com bibliotecas fechadas, (em estranho período de isolamento domiciliar) recorro a cópia digital encontrada na internet para recuperar estes trechos. Mas, o livro, como a experiência borgeana, permanece.

Talvez não coincidentemente, foi justo na cidade de Borges que encontrei o unicórnio. Já nas minhas últimas semanas na Argentina, tomei um ônibus para Buenos Aires, onde fiquei hospedado em um albergue em San Telmo. A poucas quadras dali ficava o edifício que abrigou, décadas antes, a Biblioteca Nacional da Argentina, no período em que Borges foi seu diretor. Já sem muita expectativa, cruzei a rua do albergue para buscar pelo livro encomendado na pequena banca de usados, em frente. Perguntei pelo livro ao homem de meia idade que, se bem me lembro, era careca, usava cavanhaque e tinha o braço tatuado. Ele disse que possuía o livro e que, inclusive, o estava lendo. Alcançou-o em sua mesa, retirou o marcador de páginas e me estendeu o exemplar. Lembro de ter ficado um pouco encabulado de interromper a leitura e devo ter dito que ainda ficaria ali mais alguns dias e que poderia buscar depois. Ele insistiu que eu o levasse e, assim, obtive o livro, que levei ao encontro de Paulo, em meu retorno a Belo Horizonte.

Em seu ensaio sobre o colecionador de livros, Benjamin assevera: “Dos modos costumeiros de adquirir livros, o mais conveniente seria tomar emprestado sem a subsequente devolução”. E continua: “O sujeito que se destaca pela quantidade de livros que tomou emprestados – que é a quem visamos aqui – mostra-se como um inveterado colecionador de livros não tanto pelo fervor com que guarda seu tesouro emprestado nem pelos ouvidos moucos que faz a qualquer advertência proveniente do mundo cotidiano da legalidade, mas pelo fato de que não lê os livros” (BENJAMIN, 1995, p. 229). Devo, aqui, reconhecer a acuidade do filósofo e confessar ao Paulo minha indelicadeza: o catatau, *Bomarzo*, segue em minha estante.

GENTILEZA

O apressado gentil¹

CARLOS ALBERTO DE CARVALHO

Professor e pesquisador em Comunicação

O título dessa homenagem recupera uma imagem - área de pesquisa à qual Paulo Bernardo, nosso querido Paulo B, dedicou boa parte dos seus exercícios intelectuais - mas não tenho o propósito de fazer um esforço analítico a partir dela, pois não tenho as habilidades intelectuais necessárias a um bom analista de imagens. Mais prosaicamente, o apressado gentil recupera a imagem de Paulo B caminhando serelepe pelo corredor do quarto andar da Fafich, onde estão hoje as secretarias do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e creio que ela faz parte da memória de muitas gerações que conviveram com ele. Em parte, a ligeireza é constitutiva da personalidade dinâmica do Paulo B, sempre com boa disposição para a vida e as muitas atividades por ele desempenhadas com seriedade e rigor, sem perder a gentileza. Mas a pressa continha também a estratégia de se ver livre de chateações e de gente chata, posto que exercitada sempre com

1. Peço desculpas de antemão, especialmente ao homenageado, por incorporar dados autobiográficos no texto. Eles se justificam, ao menos quero assim defender, por conterem informações que me auxiliam a melhor expressar minha amizade, gratidão e admiração pelo Paulo B.

a gravidade de quem estava às voltas com múltiplos afazeres, o que era verdade, e não simulação.

Não fui aluno do Paulo B durante meu curso de graduação em Comunicação Social - habilitação Jornalismo - realizado entre 1987 e 1990, mas foi nessa época que convivi pela primeira vez com ele em eventuais festas e, na maioria das vezes, nos finais de semana ensolarados desfrutados no Centro Esportivo Universitário, o CEU da UFMG. Ali, entre o respeito que exigia certo distanciamento e a proximidade não invasiva, conversávamos com certa frequência, incluindo Alécio, Emerson, Jihan e Júnia, meus colegas da graduação. A frequência com que era possível encontrar o Paulo B no CEU nos indicava um professor que “sabia viver a vida” no que ela tinha de melhor, com sabedoria para não ser dominado pelo mundo do trabalho. No Centro Esportivo, além de quadras e campos para diversos esportes e pistas para corridas, a piscina permitia o refresco necessário, assim como “pegar um bronzado”, na ausência de mar e praia.

Paralelamente ao convívio no CEU, conheci também o Paulo B chefe do Departamento de Comunicação Social, ali até certo limite, como “antagonistas”, uma vez que eu compunha a Câmara Departamental como representante discente. No papel de representação política de estudantes cabia a mim levar ao Departamento reivindicações, angústias e desafios, desde aquela época, e também em períodos anteriores, relacionados à falta de equipamentos mínimos para o aprendizado técnico das habilitações da comunicação, de pessoal técnico de apoio pedagógico nos laboratórios, além de um quadro docente sobrecarregado em função do pequeno número face às atividades diversas de ensino, extensão, pesquisa e administração. Como chefe, Paulo B compartilhava dos mesmos sentimentos de angústia e desafios e se esforçou para buscar as soluções possíveis, no que certamente não era considerado por mim - e também pela maioria de colegas meus - como suficiente, mesmo que soubéssemos da eterna crise financeira da UFMG, como de resto de todas as universidades públicas brasileiras, quadro que em 2020 atinge níveis dramáticos.

Do seu lado, Paulo B sempre chefiou o DCS com dedicação e buscando as melhores soluções, o que incluiu um enorme esforço na produção de documentos regulatórios que organizassem a vida departamental,

evitando assim decisões ao sabor das circunstâncias. A aprovação de regulamentos, após amplas e acaloradas discussões na Câmara Departamental, foi para mim o reforço da imagem do professor competente também na administração departamental e comprometido com princípios democráticos. E, ainda mais, sabia aproveitar a vida nas tardes ensolaradas do CEU, assim como nas festas.

Após um breve hiato depois que concluí a minha graduação retornei ao Departamento, agora como professor substituto, voltando a conviver com o Paulo B quando os afazeres de ambos permitiam. Do período, ficaram as lembranças de almoços fora do *campus* da Pampulha, naqueles idos, mais precário do que atualmente na oferta de opções para almoços e lanches. A onda dos restaurantes de comida paga pelo quilo estava se espalhando pela cidade, o que para quem trabalhava na Universidade significava economia de tempo, ainda que exigindo a saída do *campus*. O bom humor e a inteligência do Paulo B eram o complemento ideal para as refeições, além de ele ser o agregador que reunia colegas nessas saídas.

Terminado meu contrato de professor substituto, os encontros com o Paulo B ficaram menos frequentes, quase sempre ao acaso, nas antessalas, livrarias ou cafés dos cinemas, na década de 1990 com alguns poucos cineclubes tentando sobreviver na concorrência com as salas de projeção dos shoppings, em plena expansão.

Somente no final dos anos 1990 fui aluno do Paulo B, como mestrando do então recentemente criado Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG. Tínhamos uma disciplina ofertada por todos os docentes do Programa, durante a qual discutíamos os projetos de mestrado coletivamente, como etapa que antecedia a qualificação. Dentre as muitas contribuições do Paulo B à minha pesquisa, que investigou as primeiras notícias sobre a Aids no jornal *Folha de S. Paulo* publicadas nos primeiros anos da década de 1980, quando a síndrome surgiu e se espalhou mundo afora, ficou também a lembrança de um episódio saboroso, à maneira do “perca o amigo, mas não perca a piada”. Um dos mais nefastos erros iniciais no enfrentamento da Aids foi a noção equivocada de incidência “privilegiada” sobre “grupos de risco”, homossexuais masculinos à frente. Em minhas pesquisas bibliográficas descobri que

no século XVIII foi identificada, na Europa, uma doença que também atingiria exclusivamente homossexuais masculinos, que ficou conhecida como “cristalina”, posto que consistia de pequenas bolhas com líquido translúcido no pênis. Médicos se recusavam a oferecer tratamento, alegando tratar-se de caso de polícia.

Terminada minha exposição do projeto de mestrado em fase de elaboração, Paulo B começou seu comentário dizendo que minha pesquisa estava correta, pois de “Cristalina do Picão ele entende”. Compreendi de imediato a piada, o que não evitou meu total rubor de vergonha, resultado do armário ainda não totalmente aberto e da ambiguidade planejada do comentário-piada. Ante a troca de olhares entre o espanto e a curiosidade, por parte das pessoas na sala de aula, Paulo B desvendou o mistério da piada: somos da região Centro-Oeste de Minas, ele (Paulo) de Divinópolis e eu de Alberto Isaacson, distrito do município de Martinho Campos, cidade que produz uma conhecida cachaça, a Cristalina do Picão. E não, o picão não nomeia o órgão sexual masculino avantajado, como é possível esperar da marca de uma pinga, mas o rio que margeia Martinho Campos, como também lembrou Paulo B, cidade outrora denominada Abadia.

Da participação do Paulo B em minha banca de defesa da dissertação, além da forma sempre elegante com que ele conduz todas as arguições que presenciei, com humor, leveza e inteligência, ficou a lembrança do conselho que ele me transmitiu, utilizando a sabedoria de uma sua amiga, Madame Natasha (há quem afirme com veemência tratar-se de uma alter ego): escreva sempre de forma objetiva. Para isso, adote frases curtas, em ordem direta, sem rebuscamentos acessórios. Ensinamentos do experiente editor de livros, habituado não somente às artes visuais, particularmente as ilustrações, como também à complexa edição de textos verbais. Este texto de homenagem ao amigo e mestre comprova que continuo ignorando as dicas de Madame Natasha.

Com a conclusão do mestrado novo hiato em que os encontros com o Paulo B se tornaram outra vez menos frequentes, com os anos 2000 eliminando progressivamente os cineclubes com suas antessalas, livrarias e cafés, mas aqueles restantes continuando propícios a encontrá-lo. Outras ocasiões de encontro eram no “Elias Sunshine Show”, eventos

promovidos pelo radialista Elias Santos sob a forma de programas televisivos de auditório. Neles, Paulo B incorporava/interpretava uma vistosa jurada de calouros, dama sobre a qual ainda pairam dúvidas se seria ou não irmã de Madame Natasha.

Meu convívio mais frequente e a intensificação da amizade com Paulo B se dá a partir do início dos anos 2010, quando me tornei seu colega de DCS não mais na condição temporária de aluno ou de professor substituto, mas como docente efetivo, na graduação e na pós-graduação. Nas muitas trocas intelectuais, em projetos de pesquisa e atividades científicas de cooperação internacional, tem sido enriquecedora e prazerosa a convivência com Paulo B. Em diversos projetos temos atuado os “quatro cavaleiros do apocalipse”: Paulo B, Elton Antunes, Bruno Leal e Carlos Alberto, promovendo o convívio na Universidade e em diversas viagens para participação em congressos, especialmente no Brasil e em Portugal.

Ouvir o Paulo B compartilhar suas pesquisas sobre e a partir de imagens tem sido um dos grandes prazeres e privilégios do convívio amigo com um intelectual cuja erudição parece não encontrar limites. Os aportes teóricos e metodológicos que ele generosamente nos tem legado acerca da cultura visual são construídos no diálogo com as mais refinadas tradições de pensamento, vindas da filosofia, da sociologia, da linguística, da comunicação, da história, das artes plásticas, da religião (mais especificamente, da hagiografia), da literatura... E tudo isso em textos e falas precisos e preciosos, em estilo que agrada Madame Natasha.

Ao serelepe, ao apressado gentil, significando as características de dinamismo que ressaltamos, é preciso destacar outro traço da personalidade de Paulo B: o falso mau humor. Que ele seja bem humorado e exercite a alegria de viver, já vimos na piada com a Cristalina do Picão e nas tardes ensolaradas do CEU. Mas ilustramos o falso mau humor com as frequentes viagens que fizemos para Braga, Portugal, onde temos convênio de cooperação internacional com a Universidade do Minho. Antes de se aposentar como professor, mas também após a aposentadoria, pois continuou atuando na pós-graduação, ofertando disciplinas e orientando dissertações e teses, Paulo B sempre “reclamava” que estávamos dando muito trabalho para ele executar, em tom grave que

poderia convencer quem não o conhece. O suposto mau humor, no entanto, se desfazia em agradecimentos sem fim por termos levado ele até Braga, bastando para isso um jantar no Restaurante Félix, com seus deliciosos cogumelos com ovos mexidos na frigideira, um almoço no Velhos Tempos, desfrutando do inigualável bacalhau à moda de Braga, assim como o inesquecível arroz de pato do restaurante Verde Minho.

Em Braga, além dos programas gastronômicos e das manhãs e tardes de trabalho, Paulo B sempre reservava um tempo para a Centésima Página, livraria onde se fizera amigo das proprietárias. Localizada em um belo prédio em estilo barroco, com espaço interno para uma cafeteria onde são também servidos almoços, inclusive ao ar livre quando tempo e clima permitem, a livraria oferece ao Paulo B o ambiente ideal para o amante dos livros que tanto valoriza o conteúdo quanto a qualidade gráfica. Estar ali com o amigo era a certeza de boas indicações de leitura e da possibilidade de escolher os livros também segundo critérios estéticos de edição que escapam a pessoas leigas.

Amizades se sustentam em múltiplas camadas de afeto e devo eterna gratidão ao Paulo B por ter sido o responsável por eu ter me casado oficialmente com o Gera (e tenho que me conter para não estender por aqui também em homenagens ao meu marido). Não que ele tenha nos apresentado, mas por ter me informado que oficialmente casados, o Gera poderia morar comigo em Portugal durante o ano inteiro de duração do pós-doutoramento que fiz na Universidade do Minho. O Paulo havia morado seis meses em Braga, também em pós-doutoramento, e, além do alerta sobre o casamento, nos deu muitas dicas do que fazer na cidade e como entender algumas dinâmicas culturais de Portugal, com aproveitamento de atrações gastronômicas e da cultura. Se amizades se sustentam em camadas de afeto, há também as redes de amizade, e não posso deixar de registrar as dicas do Elton Antunes, que morou um ano em Braga pelos mesmos motivos acadêmicos e nos repassou dicas preciosas, incluindo a burocracia específica que devíamos atender.

Entre camadas de afetos e redes de amizade hoje Gera e Julian, o marido do Paulo B, são também grandes amigos. Na leveza das saídas para o botequim, nos encontros em casa, nas passeatas políticas pelo orgulho e reivindicações de direitos para pessoas LGBTI ou em quais-

quer outras situações de compartilhamento afetivo as amizades se reforçam, assim como os laços de mútua solidariedade.

Ter conhecido e me tornado amigo do Paulo B é uma dádiva. A ele sou e serei sempre grato pela perspicácia, inteligência, bom humor, generosidade intelectual e, sobretudo, pela amizade que alimenta a vida.

Ah sim, não posso deixar de lembrar: ainda não está definido quem é o mais autêntico bracaraense (nativo de Braga), se Paulo B ou Gera.

HUMOR

Carta de F. Miranda a Paulo B

FLÁVIA MIRANDA

Jornalista

Querido Paulo B,
na minha cachola, as memórias da nossa vivência começam mais ou menos assim:

— Essa mochila é sua?

— É.

— Nunca mais deixe suas coisas nessa sala aberta!

— Mas...

Não deu tempo de perguntar o porquê. Lá se foi você, com seus passos apressados, em poucos segundos desapareceu das minhas vistas ao virar no corredor escuro que dá acesso aos gabinetes dos professores. A tal sala aberta era o “aquário”, um espaço no quarto andar da Fafich que contava apenas com uma grande mesa e cadeiras para reuniões ou estudantes que ali desenvolviam iniciação científica. Fiquei assustada com sua frase sem explicação, num tom meio ríspido, que fez com que sua voz grave e seus traços sérios ficassem em *looping* na minha imaginação, tentando ler que pessoa era aquela e o motivo daquele aviso inesperado. Descrevi a cena para os colegas veteranos sem precisar dizer muito. “Ah,

é o Paulo B!”, diziam gargalhando. Nem adiantava perguntar “quem?”. A dúvida não procedia, a estranha naquilo tudo era eu, que nunca tinha ouvido falar de você.

Contavam que o professor Paulo B dava aulas para a habilitação de Publicidade e seu cantinho predileto no terceiro andar da Fafich era o Atelier. Lá ele mostrava uma placa tipográfica usada em alguma gráfica por aí afora e que tinha sido gentilmente doada para ficar ali, à disposição de estudantes curiosos, que provavelmente nunca tinham tido contato com tal relíquia. Os alunos riam de suas aulas, causos, piadas.

— Piadas? — pensava eu. Esse Paulo B nem me deu a chance de perguntar por que não poderia deixar a mochila numa sala aberta, saiu andando como que a fugir da cara de espanto que fiz, me deixando num vácuo à porta do “aquário”. Como uma criatura assim pode ser divertida?

Confesso que fiquei com você meio atravessado aqui na garganta, com aquela sensação estranha de ter recebido um pito sem ter feito nada de errado. Mas dei graças a Deus que nunca o teria como professor. Minha habilitação era Jornalismo, nada a ver com Publicidade, então eu não precisaria lidar com isso.

Talvez intuindo que eu tivesse ficado chateada com nosso primeiro contato ou porque era seu papel pregar peças nas pessoas, você parou um dia na porta do “aquário” e disse, sem mais nem menos, que era bom evitar deixar os objetos de valor sozinhos em salas. O melhor era trancar o lugar, fazer o que tinha de ser feito fora dali, voltar e destrancar.

— O quarto andar é mais vazio porque só tem salas de pesquisa e gabinetes de professores. Por isso, olho vivo!

Sorri sem graça, talvez tenha ficado até vermelha de vergonha por não saber lidar com aquela interação inesperada, com aquela explicação que, naquele momento, entendi como sendo um conselho sobre como estar naquele espaço desconhecido. O tal pito imaginário se desfez em pedacinhos, flutuou leve pelos ares como seus passos e comecei a achar graça do professor elegante, meio afrancesado, que apareceu na minha vida acadêmica desse jeito repentino. Arrebatador.

No ano seguinte àquele primeiro encontro, meus amigos Cris e Roberto me falaram do edital de seleção de bolsistas do Gris. Havia

vagas para vários projetos e o que era a minha cara tinha a ver com as interrelações entre jornalismo e publicidade em páginas de jornais impressos. Como a bolsa de pesquisa anterior estava no fim, resolvi tentar e submeti minha candidatura. O orientador? Paulo Bernardo Ferreira Vaz. Na entrevista, descobri que esse nome era sinônimo de Paulo B e custei a acreditar que, além de professor de Publicidade, você desenvolvia pesquisas sobre jornais impressos. Achei o acaso muito curioso e, à sua frente, na pequena banca de entrevistas com candidatos à pesquisa, respondi as perguntas, torcendo para ser a escolhida para desenvolver uma nova iniciação científica e para passar a convivermos mais de perto, sem saber direito o motivo desse desejo.

Poucos meses depois do processo seletivo, eu passava a frequentar o Gris, entender um pouco mais o que era uma pesquisa científica, descobrir quem era o Paulo B e as pessoas e coisas que o cercavam.

— Mas seu orientador é mesmo o Paulo B? — perguntavam, surpresos, meus amigos do curso ao visualizarem a cena: uma orientanda tímida, tímida, que pouco falava, e um orientador divertido, falante, sem cerimônias.

Tive dúvidas se nossa parceria daria certo. Mas você sempre foi muito dinâmico, acelerado, boas energias, objetivo em suas orientações, repasses e comentários a respeito da pesquisa. Deixava-me livre para procurar referências, fazer conjecturas, escrever abobrinhas. Leitor voraz do que era acadêmico e não-acadêmico. Famoso por amar e indicar a todos a literatura *proustiana*.

As reuniões do Gris, às sextas-feiras durante a tarde, eram muito animadas e o fazedor de graça oficial era você. Seus comentários, observações e risadas agitavam a galera. Em pouco tempo, naquelas reuniões ou em cafés na Letras, conheci seus orientandos de graduação e de pós-graduação, eram muitos! Conheci também um parceiro de trabalho muito importante para você e que se tornou uma referência para mim também: Elton Antunes. Vocês dividiam o gabinete de professores no quarto andar da Fafich, o Atelier, o objeto de pesquisa que me ocupava durante minha passagem pelo Gris, as brincadeiras, as alegrias e dificuldades de ser docente em uma universidade pública brasileira.

Nossa parceria foi prosperando a ponto de você poder me emprestar os livros que mantinha na biblioteca particular com o Elton. A estante no gabinete era grande e contava com exemplares que não havia nas bibliotecas da universidade. Criaram até um sistema de empréstimo, que contava com fichas que registravam o processo, muito bem organizado para garantir que o livro iria e voltaria para a estante. Lembro-me de um livro de capa vermelha e muitas páginas, a respeito de tipografia. Consultava esse material em casa, com muita frequência, e num, dos recessos da universidade, ele ficou descansando um pouco no guarda-roupas lá de casa, afinal, tinha que separar de outros livros e materiais para não confundir depois a devolução. Mas veio um grande imprevisto...

— Roído por traças! — gritei desesperada ao retirar o livro do lugar que considerava seguro.

Não acreditava naquela cena pavorosa e não achava palavras que pudesse lhe dizer para explicar o incidente com as traças famintas. Não era uma avaria discreta. Algumas folhas foram roídas só nas beiradinhas, outras tinham buracos no meio, o papel se esfarelava de um jeito que não tinha solução. Como faria? Passei vários dias sem dormir direito, pensando em como daria um jeito naquilo, até que me ocorreu o óbvio: ver se havia o mesmo livro à venda para repor a biblioteca. Em várias livrarias a edição já estava esgotada. Afligia-me a possibilidade de não conseguir. Depois de uma maratona por lojas físicas e virtuais, encontrei, enfim, o livro de capa vermelha, que devolvi a você, querido orientador com um *post-it* explicando porque as páginas estavam tão novinhas e porque eu não dava conta de falar sobre o assunto. Recebi de volta um “Ah, Flávia Miranda!” acompanhado de uma gargalhada e tapinhas nas costas para que eu seguisse meu caminho em paz e sem constrangimentos. Ri de nervoso por aquela situação, mas depois de alguns minutos fiquei tranquila com sua reação. Esperava por algo diferente? Esquecia-me que você era orientador de espírito solidário e compreensivo, que levava a vida com leveza e de forma muito objetiva: não mandava recados e dizia na hora se algo não ia bem.

O afeto e a admiração que desenvolvi por você durante o período de pesquisa na graduação me levaram a querer dar continuidade à parceria. Não era mais um estudo sobre jornalismo e publicidade, mas

quem sabe você poderia me orientar? Sem titubear, elaborei e submeti o projeto ao programa de pós-graduação *stricto sensu* no departamento de Comunicação Social, propondo o estudo de um objeto que estava em alta nas ruas de Belo Horizonte e de algumas outras cidades brasileiras: os jornais de baixo preço, chamados “populares”. Inquieto que era, antenado em novidades, tinha confiança de que não recusaria a orientação, mas era um risco que corria, já que não tinha perguntado se havia interesse em participar desse tipo de investigação.

Tudo deu certo e você seguiu comigo durante os dois agitados anos do mestrado, entre aulas, indicações de referências, falta de bolsa, leituras dos capítulos e de artigos, cafés, viagens, reuniões... Achava bonito seu entusiasmo com o estudo dos jornais populares, com esse fenômeno que estava fazendo borbulhar o mercado de periódicos no Brasil e as ruas de algumas cidades. A universidade acabou se estendendo ao edifício Sofia, onde eu, vez ou outra, deixava alguns capítulos novos ou revisados na portaria para que você fizesse suas marcações à letra miúda, demonstrando leitura meticulosa de cada linha, conceito, interpretação. Fiquei felicíssima quando você topou convidarmos para a banca uma das referências em estudo sobre o jornalismo popular no país, a professora Márcia Franz Amaral. Seu empenho na viabilização da vinda dela me comoveu muito e a discussão na banca, um momento geralmente muito tenso na vida de qualquer acadêmico, foi generosa e acolhedora!

Passei a lhe ver com mais frequência, em situações que não eram, até então, comuns para mim: de dentro do ônibus, sorria ao flagrar você pela manhã, aos fins de semana, caminhando na Praça Raul Soares para manter a boa saúde (ou seria só a vontade de bater perna mesmo?). Ou entrando naquela academia da Rua Araguari, sabe? Esses momentos *fitness* eram seguidos por outros de compras no Mercado Central. Carregando suas capanguinhas cheias de uma coisera que só você sabia o que era. Eu ficava impressionada com suas aparições ao acaso, nessas situações de vivência da cidade, daquele seu entorno no Barro Preto ou no Centro. Foi a partir da pós-graduação, quando me autorizei a ter mais proximidade do sujeito Paulo B, que passei a lhe tomar como alguém que está no cotidiano para além dos projetos de pesquisa, dos livros, do Lattes, da universidade. Foi a partir dali que talvez tenha se desfeito

completamente a imagem do professor que dá um recado sério na porta de uma salinha, advertindo para uma conduta mais cuidadosa por parte da caloura-tímida-medrosa. Essa imagem mental se transformou, especialmente porque aprendi com você a lidar com o mundo com mais risadas, brincadeiras, passeios, cultura.

Esse pererê bererê todo é para manifestar a alegria por poder ter convivido com você nesses diferentes universos. Você bem sabe que linguagem não dá conta de todo o afeto, respeito e admiração que sinto por você! Essas breves memórias reúnem os fragmentos da nossa história, do que coletei nesse labirinto de lembranças, de acontecimentos que vivemos e que agora reaparecem aqui, nesse momento de merecidas homenagens. Eu lhe agradeço por tudo o que fomos juntos e desejo o que de melhor você quiser construir e experimentar nessa vida!

Bravo, diletto!

Um beijo,
F. Miranda

IMAGENS

A iconologia dos recortes de Paulo Bernardo

LAURA GUIMARÃES CORRÊA

Professora e pesquisadora em Comunicação

Conheci Paulo B numa sala do terceiro andar da Fafich, no prédio recém-inaugurado do campus Pampulha, há quase três décadas. Eu era estudante do curso de Comunicação Social e estava voltando, meio perdida, de uma temporada no exterior. Dentre as disciplinas que faziam parte da grade curricular, estavam Desenho Publicitário e Produção Gráfica, ministrados por Rúbia Roberta e Paulo B. A matrícula nessas atividades bastante práticas, oferecidas no mesmo semestre, me deixou um pouco apreensiva; afinal de contas, desenho nunca tinha sido o meu forte, eu achava que o meu negócio era o texto. Entretanto, logo vi que a abordagem estava muito mais relacionada aos princípios do Design Gráfico e da Comunicação Visual do que a habilidades e técnicas específicas de desenho e ilustração.

Lembro-me muito bem da primeira aula com Paulo B. A sala estava novinha e cheia de pranchetas cobertas por aquele característico plástico verde claro. O cenário de atelier apresentava ainda uma mapoteca com revistas e papel para recorte, tipo de material que também usei nas aulas que dei na sala 6, muitos anos depois, já como professora do curso. Naquela manhã, Paulo B propôs que criássemos um cartaz a partir

da Campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1991, cujo lema era “Solidários na dignidade do trabalho”. Fiz o que pude, usando papel, tesoura, cola e algum conhecimento intuitivo de composição visual e construção de sentido. Até que ficou bom e, dali pra frente, comecei a gostar muito daquela brincadeira. Aprender com um professor tão elegante, bem-humorado e sabido só podia ser diversão – que eu levei muito a sério. Sem saber que um dia lecionaria sobre o mesmo assunto, aprendi naquelas disciplinas a estimular uma turma a partir das análises de seus próprios trabalhos.

Ali, estudamos tipografia, composição, cor, forma, diagramação, fotografia, ilustração, organização da informação. Fui apresentada ao mundo da produção gráfica, à fotocomposição, ao fotolito, à serigrafia e ao *off-set*. Aprendi a fazer layout e arte-final em prancheta, usando régua paralela, um par de esquadros, cola de sapateiro, papel paraná e *over-lay* de papel manteiga. Aprendi, na prática, as especificações de fonte tipográfica, corpo, entrelinha, espaçamento, bitola e mancha. Encantei-me definitivamente pela área e, a partir daquele semestre, minha habilitação era, com certeza, Publicidade e Propaganda, que me oferecia diversas possibilidades de experimentação e exploração das linguagens textuais, gráficas e visuais.

Como aluna da UFMG e não apenas do curso de Comunicação, circulei por outros departamentos e unidades, buscando uma formação que contemplasse áreas ou abordagens que me interessavam e complementavam a formação no curso original. Assim, cursei disciplinas nos cursos de Filosofia na Fafich e de Artes Gráficas e Cinema na Escola de Belas Artes, além de ter participado de oficinas e cursos em três edições do Festival de Inverno da Universidade. Paulo B, que foi se tornando uma espécie de professor-amigo-tutor-conselheiro, sempre incentivou meus caminhos transdisciplinares, sendo, ele mesmo, uma pessoa com interesses e atividades que iam além do departamento. Na reta final do curso, quando o consultei sobre a possibilidade de ser orientada na elaboração da monografia pelo Teodoro Rennó, professor da Faculdade de Letras, ele me apoiou sem pestanejar. E ainda fez parte da banca examinadora junto com a Rúbia, na defesa que aconteceu naquela mesma sala das pranchetas verdes.

Graduada, passei uma década longe da UFMG, trabalhando como diretora de arte e designer em empresas de comunicação, estúdios de design e agências de publicidade. Trabalhei como free-lancer para grupos e projetos artísticos, numa rotina sempre muito atarefada. Não perdi completamente o contato com Paulo B, encontrava com ele por acaso em exposições, lançamentos de livros ou em cafés com *financier*.

Alguns anos depois, com duas filhas pequenas, comecei a escrever um blog sobre maternidade, o *Mothern*, com uma amiga e colega, a Juliana Sampaio. Foram os nossos 15 minutos de fama, com direito a sentar no sofá branco da Hebe Camargo. Para a minha surpresa, Paulo B, sem filhos, curtiu muito o livro que veio desse projeto. E eu, já cansada e crítica com o mundo publicitário, percebi que apreciava a autonomia de escrever as minhas ideias, muito mais do que a criação para os interesses de uma empresa ou de qualquer outro cliente. Fiz então uma ótima disciplina isolada com Paulo B no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, na qual lemos e discutimos ideias de Benjamin, Manguel e Certeau, entre outros autores. Nessa época, tentei ingressar no mestrado em Comunicação, sem sucesso. Eu precisava estudar mais e apresentar um anteprojeto mais consistente.

No ano seguinte, eu sabia melhor o que queria pesquisar. O racismo na sociedade, nas práticas do mercado de comunicação e nos discursos publicitários já era algo que me indignava – e aquela era a hora de estudar, pensar e escrever sobre o tema. Lendo o livro *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*, tomei conhecimento da pesquisa desenvolvida por Paulo B e os então estudantes Ricardo Fabrino e Sílvia Capanema sobre a iconografia do livro didático (VAZ, MENDONÇA, ALMEIDA, 2002). O capítulo que eles escreveram nesse livro me inspirou a elaborar uma proposta de pesquisa sobre a representação do corpo negro em imagens e textos da publicidade veiculada em três revistas semanais (FIGURAS 1 e 2). Na elaboração dessa dissertação, contei com a orientação estimulante do Paulo B que, no nosso primeiro encontro, me entregou uma pilha de livros sobre negritude, raça e racismo, que devorei com prazer.

Dentro do recorte temporal da pesquisa (2004 e 2005), encontramos 55 anúncios de Veja, Época e Carta Capital que apresentavam negros/as. Todos esses anúncios foram digitalizados e impressos em formato

reduzido para o tamanho aproximado de um cartão postal. Depois, os anúncios foram numerados, recortados e agrupados de acordo com diferentes critérios e categorias. Na pesquisa, utilizei, como metodologia, aquilo que Paulo, Sílvia e Ricardo chamaram de “grupos de representação”. Eles contam que,

(u)ma vez estabelecidos esses grupos, todas as iconografias foram fotocopiadas, recortadas e agrupadas, montando-se com elas um grande álbum. As ilustrações foram, então, descritas (...). A análise, feita a partir do álbum e das descrições, foi bastante livre, não buscando engessar os significados das imagens, mas deixando que elas nos falassem num contínuo movimento entre o geral e o particular”. (VAZ et al, 2002, p. 56)

A orientação de Paulo B nessa etapa me levou a ter uma visão geral da empiria, pela qual fui capaz de estabelecer os meus próprios “grupos de análise” e tirar conclusões daquilo que o objeto me “falava”. Nessa etapa, foi também muito importante a disciplina que fiz com a professora Regina Motta, na qual tínhamos que, segundo ela, “nos apropriar do objeto”.

Descobri, olhando e lendo aquelas imagens e palavras, que nenhum dos anúncios mostrava pessoas negras em situação de convívio familiar – esse sujeito estava sempre desenraizado, descolado da família, sem história pessoal. Pude olhar também para os lugares físicos e geográficos onde eles apareciam, que diziam também de um lugar social. Observei, por exemplo, que nenhum personagem negro foi fotografado em locação caracterizada como casa. Dentre dezenas de anúncios, em apenas duas peças o homem negro foi retratado bem vestido, sentado, manuseando objetos que sugerissem trabalho intelectual. Nos anúncios publicitários das 24 edições pesquisadas, não encontrei qualquer imagem de mulheres negras em profissões relacionadas ao saber, ou que sugerissem posição de poder e comando.

A dissertação “De corpo presente: o negro na publicidade em revista” (CORRÊA, 2007), foi uma espécie de resposta ao racismo que eu presenciava no mercado publicitário e que se concretizava nos produtos midiáticos. Resultados da pesquisa foram apresentados por nós em evento

em Bruxelas, na Bélgica (CORRÊA e VAZ, 2009) e também no Brasil. Hoje, vejo nossa pesquisa de mestrado como uma contribuição – ainda que bastante modesta, de uma pesquisadora iniciante – relevante numa época em que o racismo era um tema pouco discutido nos programas de pós-graduação em Comunicação. A relação entre comunicação, negritude, branquitude, raça, racismo começa a ganhar mais atenção e reconhecimento como objeto de pesquisa no campo da Comunicação Social na segunda metade dos anos 2010. A metodologia de análise de imagens proposta por Paulo B para a minha dissertação marcou minha forma de pesquisar.



FIGURA 1. Capa da dissertação orientada por Paulo B.
FONTE: autora, 2007.

FIGURA 2. Anúncios do *corpus*.

FONTE: autora, 2007.

Em 2006, quando passei a fazer parte do corpo docente do departamento, eu ainda estava em ritmo de pesquisa, pois a dissertação ainda estava “fresca”. Eu já tinha uma boa ideia para o projeto de doutorado: seguir estudando as representações na publicidade. No ano seguinte, iniciei pesquisa com foco em questões de gênero, investigando a maternidade e a paternidade na publicidade impressa e eletrônica para o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Tive o privilégio e a alegria de ser orientada pela colega professora Vera França. Naquela pesquisa, bastante diferente da de mestrado em muitos aspectos, o procedimento metodológico dos recortes de imagens me acompanhou (FIGURA 3).

Os anúncios de jornal foram fotografados, impressos e recortados em formato reduzido. Com esses procedimentos, foi possível obter uma visão integral da empiria. A construção de possíveis grupos para análise foi testada e experimentada repetidas vezes. Nessa etapa de redesenho e de reinvenção do corpus, foi possível detectar algumas regularidades e singularidades. A partir da observação, foi construído o critério para o recorte final e a definição do corpus ao selecionar os comerciais e anúncios em tom de homenagem, excluindo aqueles prioritariamente promocionais, com foco nos produtos. (CORRÊA, 2013, p. 142-143)

Confrontadas e combinadas a base teórico-conceitual com a empiria, concluí que a publicidade de homenagem parece atuar no sentido da permanência de modelos tradicionais de paternidade e da maternidade. O cuidado é mantido na esfera feminina e não há um reequilíbrio de papéis: vimos um ou outro pai mais próximo das crianças, que se responsabiliza pelo cuidado delas, mas não pareceu possível a existência de uma figura materna mais distante e mais afeita à brincadeira. Enquanto a vida profissional da mulher-mãe é invisível ou acessória na publicidade de homenagem, o foco do homem-pai está, muitas vezes, no trabalho (sem a criança) e no lazer (com a criança).



FIGURA 3. Anúncios pertencentes à categoria publicidade de homenagem.

FONTE: montagem da autora, 2011.

A metodologia de Paulo Bernardo não serviu apenas para a análise de peças publicitárias. Depois das pesquisas de formação (mestrado e doutorado), que miravam as produções textuais e imagéticas da grande mídia e tentavam compreender “o que a publicidade diz e faz?”, meu interesse voltou-se para a pergunta “o que as pessoas fazem com a publicidade?”. Em 2012, comecei a desenvolver a pesquisa *A cidade e suas*

marcas: práticas de escrita sobre o discurso oficial com o fomento da Fapemig. O objetivo da pesquisa, que privilegiava os discursos visuais, foi o de pesquisar intervenções sobre a propaganda, a publicidade, a sinalização, isto é, o discurso oficial.

Trago aqui um exemplo do que foi realizado nessa investigação (FIGURA 4). Nesse artigo, Tiago Salgado e eu focamos nossa análise em cavaletes e cartazes de propaganda que tiveram suas superfícies e sentidos graficamente alterados. As imagens integravam a página “Você suja minha cidade, eu sujo sua cara” no Facebook, que apresentava como objetivo protestar contra a propaganda política no espaço urbano por meio da derrisão e da subversão de sua função comunicativa persuasiva original. (CORRÊA; SALGADO, 2016).



FIGURA 4. Cavaletes com intervenções gráficas.

FONTE: montagem da autora, 2015.

Os resultados parciais das pesquisas sobre intervenções urbanas, assim como a observação do fenômeno em cidades e países fora do escopo da pesquisa inicial, revelaram que essas escritas poderiam ser encontradas em localidades diversas, como um fenômeno global que traz especificidades de acordo com o contexto sócio-histórico. Londres

foi a capital escolhida como base para a terceira pesquisa pela sua importância cultural, econômica e acadêmica, assim como pelo histórico de manifestações políticas e artísticas, principalmente no que toca às escritas urbanas. Em 2015, iniciei o estágio pós-doutoral na LSE - *London School of Economics and Political Science*, com pesquisa financiada pela Capes.

A metodologia de coleta foi uma exploração etnográfica das ruas de Londres, durante a qual foi central a atenção e a abertura aos diálogos visuais que aconteciam na rua. Minha busca por intervenções discursivas foi inspirada na ideia de *flânerie* em Walter Benjamin (1997; 2004) que, por sua vez, foi inspirado no *flâneur* de Charles Baudelaire (2007). O método consistiu primeiramente em conhecer a cidade por longas caminhadas, com atenção aos traços visuais de disputas nas interações discursivas. Com essa prática, descobri regiões e ruas onde as escritas poderiam ser encontradas: as menos vigiadas, menos centrais e, portanto, mais propensas a receber intervenções. Uma vez nesses locais, explorei as ruas inspirada pela prática situacionista da deriva proposta por Guy Debord (1956).

O arcabouço conceitual e teórico articulou as táticas dos fracos sobre as estratégias dos poderosos (CERTEAU, 1984) às cenas de dissenso e consenso (RANCIÈRE, 2015). Coletei cerca 2.000 imagens e, partir desse material, fiz uma primeira seleção de acordo com critérios técnicos de qualidade, inteligibilidade e adequação à questão da pesquisa. Considerei a materialidade das intervenções registradas, pois elas revelavam as ferramentas utilizadas para escrever, pintar, rabiscar, desenhar. Para isso, as noções de produção gráfica de décadas atrás me foram valiosas.

Como nas outras pesquisas, as imagens selecionadas foram impressas, recortadas e espalhadas numa mesa. Por três semanas, movimentei esses “cartões” sobre a superfície, na construção de possíveis grupos de análise. Por meio desses procedimentos, pude detectar semelhanças temáticas entre as intervenções registradas (Figura 5). Assim, observei nove questões principais em disputa nas ruas de Londres entre setembro de 2015 e junho de 2016: medidas de austeridade, referendo do Brexit, refugiados / migração, gentrificação, gênero (intervenções principalmente feministas), raça / racismo, uso de recursos públicos, preservação de culturas locais, vigilância / privacidade (CORRÊA, 2019).



FIGURA 5. Cerca de 400 imagens foram impressas e organizadas em grupos para análise de acordo com padrões temáticos.

FONTE: montagem da autora, 2016.

Considero a metodologia dos recortes de Paulo Bernardo uma espécie de iconologia. Se, nos estudos sobre as artes e demais discursos visuais, a iconografia está mais relacionada a uma atividade descritiva de imagens, a iconologia, mais aprofundada, tem a ver com uma interpretação ligada a um contexto histórico e sociológico, ao conhecimento de uma estrutura simbólica por trás de uma imagem. Assim, nomeio, por minha conta e risco, essa profícua e plástica metodologia de análise de imagens a *Iconologia dos Recortes de Paulo B*. Outros/as orientandos/as e colegas podem dar outro nome, ou mesmo ter outro entendimento e aplicações para essa ferramenta versátil e rica, mas esse é o meu palpite metodológico. O importante é que a iconologia siga auxiliando as análises e pesquisas.

A iconologia dos recortes de Paulo B é prima jovem da “iconologia do intervalo”, um método de análise de imagem por associações, criado

pelo historiador da arte Aby Warburg (WARBURG, 2009; RAMPLEY, 2012). Sua metodologia culminou na elaboração do inacabado Atlas Mnemosyne, que consistia em 63 amplos painéis nos quais imagens recortadas eram organizadas e reorganizadas, agrupadas de acordo com elementos formais e significantes comuns, a fim de descobrir conexões entre elas e construir conhecimento sobre a cultura ocidental¹. Esses conjuntos de imagens eram móveis e mutáveis. Para Warburg, a análise estava no espaço entre uma imagem e outra. A iconologia dos intervalos não é um fim em si; ajuda a identificar o conteúdo e a definir um problema histórico, conectando imagens e memória coletiva. Assim, a análise da imagem de Warburg também procurou considerar o texto e o contexto.

Hoje vejo que meu trabalho no ensino e na pesquisa está permeado pelas experiências e práticas que tive nesses anos todos, nas interações que extrapolam e completam as funções e compromissos institucionais. Além de ter aprendido, com as várias pessoas com quem tenho convivido da universidade, a valorizar a formação humanista e crítica, numa perspectiva igualitária e diversa, aprendi com Paulo B que a vida é bem mais do que a academia. Que a vida tem arte, tem amor, tem diversão, tem viagens e que tudo isso, inclusive, faz de nós profissionais melhores e mais felizes.

Trago também as marcas daquela pesquisa de mestrado sobre o corpo negro. Ultimamente, tenho lido e compartilhado, não só os clássicos, mas também e principalmente pesquisadores/as de diversas origens, de diferentes pertencimentos étnicos, de vários estratos das sociedades, pertencentes às chamadas minorias e não apenas autores europeus e estadunidenses que sempre estiveram nas bibliografias da grande maioria dos cursos na academia. Ser uma acadêmica e investigadora negra, que ocupa um lugar pouco comum nesta sociedade, demanda um aprendizado árduo, mas muitas vezes prazeroso porque coletivo. É muito rico epistemologicamente estar nesse lugar do/a “outro/a”, um lugar de invenção, de criatividade, de movimento, de buscar novas

1. Sobre o Bilder Atlas Mnemosyne de Warburg, ver <https://warburg.sas.ac.uk/collections/warburginstitute-archive/> online - bilderatlas - mnemosyne (Acesso em 06 de junho de 2018).

formas de aprender, de ensinar e de pesquisar, de buscar outros olhares e outras vozes.

Escolhi escrever este capítulo de forma que pudesse ser útil a quem queira brincar com imagens, fazer um projeto de pesquisa, analisar dados visuais; por isso privilegiei a utilização da *Iconologia dos Recortes de Paulo B* nas minhas pesquisas. Mas este foi só um jeito de falar do querido Paulo Bernardo, porque há tantos outros mais. Posso contar que foi ele quem me sugeriu a psicanálise numa época difícil da minha vida. Posso contar dos cafés que já tomamos, ao sabor das risadas confidentes. De como eu ainda não aprendi com ele – mas ainda vou – a ter uma presença forte e ao mesmo tempo a leveza de sair *à la française* de uma reunião ou de uma festa sem ser notado. Posso contar da vez em que ele levou a turma à gráfica da Mazza Edições, nos apresentou à Maria Mazzarello Rodrigues e me mostrou o que pode uma mulher negra.

O departamento cresceu muito, grupos se moveram e se transformaram, nosso contato acadêmico-afetivo segue firme. A alegria que sinto ao ver Paulo B pelos corredores segue intacta. Que, mesmo fora da Fafich, os encontros ainda sejam muitos e divertidos.

MÉTODO

O método paulobvaz de orientação

VANESSA COSTA TRINDADE

Pesquisadora em Comunicação, jornalista

Eu queria poder escutar o Paulo Bernardo Ferreira Vaz – que também é Paulo B, paulobvaz (escrito assim junto e em caixa baixa), Paulo Bernardo, ou só Paulo mesmo – toda vez que acontece alguma coisa importante na minha vida pessoal ou no mundo. É que se for algo bom, fica melhor ainda, porque Paulo B é alegria. Se não for, é possível passar por aquilo da forma mais leve possível, porque o Paulo também é beleza em meio ao caos. Além disso, ele é praticidade, pois, afinal, as pessoas precisam agir e realizar. Escrevendo sobre uma pessoa tão querida em tempos de distanciamento social por conta da pandemia de Covid-19, a saudade dos encontros com alguma periodicidade durante a orientação no mestrado só aumenta – foi um prazer e uma honra escrever uma dissertação ao seu lado.

Paulo é único como ser humano e como professor e segue rigorosamente o método paulobvaz de orientação. Tal método envolve: 1) uma apropriação do objeto já no início da caminhada; 2) leituras que num primeiro momento podem parecer não ter nenhuma relação com o tema estudado, mas que transformam aquele trabalho em algo especial

do ponto de vista da feitura e do resultado final; 3) metodologias criativas construídas a partir da afetação do pesquisador; 4) a conclusão sem delongas do mestrado ou do doutorado, pois a pesquisa pode ser aprimorada para todo o sempre, mas o curso que se está fazendo deve terminar.

Algumas indicações e diálogos do percurso permanecem na minha memória e ilustram cada um desses pontos. Partirei deles para detalhar o método em questão.

Objeto como esteio

Quando comecei o mestrado Paulo Bernardo estava realizando pós-doutorado em Portugal. Por conta disso, nossas conversas começaram efetivamente na segunda metade de 2010, meu ano de entrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Ele já havia sido meu professor na graduação, da disciplina Oficina de Criação Visual, já havíamos frequentado juntos o mesmo grupo de pesquisa quando eu era bolsista de iniciação científica, o Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade – GRIS-UFMG, mas eu o conhecia bem pouco. De todo modo, a imagem que tinha dele era a de um professor divertido e que trazia tantas referências para as conversas do cotidiano e para as discussões acadêmicas que eu não fazia noção de como podia saber tanta coisa.

No início do mestrado eu queria estudar as capas de revistas semanais de informação brasileiras e as matérias destacadas nessas capas que estavam no interior das revistas. Lembro que, numa reunião inicial do processo de orientação, ele me chamou para eu contar da pesquisa, do que estava pensando e a primeira coisa que me disse foi: “faz então um exercício disso aí tudo que você está falando. Faz um quadro, uma tabela, um infográfico, uma colagem, qualquer coisa que você pegue as revistas e veja se o que está propondo tem sentido, se pode render. Me mostra! Mas me mostra com as revistas!”. E, principalmente por conta dessas observações empíricas desde o começo, o objeto ia ficando mais próximo, era explorado com cuidado, começava a ser compreendido, respondia umas perguntas, colocava outras, mudava o rumo, tomava rumo novamente – a pesquisa ia acontecendo.

Leituras que não preveem uma aplicação imediata

A reunião mais duradoura que tive no mestrado foi quando Paulo deu retornos sobre esse meu primeiro exercício de aproximação do objeto. No tempo mensurável, foram quase duas horas, no imensurável, ainda não terminou. Com meu exercício impresso em mãos, cheio de anotações com lápis de colorir na cor vermelha, a primeira coisa que li na página inicial foi: “VERmelhinhos no interior”. A poesia começava ali. Ele me entregou, disse que tinha feito umas observações que eu poderia olhar depois e perguntar se tivesse alguma dúvida, mas o principal era: “o texto ainda está duro, falta leveza, falta diversão”. E me chamou pra ler um pouco.

A *História da Arte*, de Ernst Gombrich, foi colocada ali na mesa e Paulo iniciou a leitura da descrição da obra *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli. Um dos trechos lidos dizia:

Pode-se imaginar que o pintor se dedicou ao trabalho com reverência, a fim de representar esse mito de um modo condigno. A ação do quadro é rapidamente entendida. Vênus emergiu do mar numa concha que é impelida para a praia pelos alados deuses eólicos, em meio a uma chuva de rosas. Quando está prestes a pisar em terra, uma das Horas ou Ninfas recebe-a com um manto de púrpura (GOMBRICH, 2008, p. 264).

Ao terminar, perguntou: “não é lindo?”. Eu sorri em concordância e ele completou: “é pra olhar para as capas das revistas como se elas fossem obras de arte e escrever assim sobre elas, como o Gombrich faz”. Lembro-me de ter gargalhado diante da indicação de escrever como o Gombrich e Paulo completou muito sério: “pesquisa é pra ser gostoso, é pra ser bom de fazer, não faz sentido ser de outro jeito. Vai ler poema, vai ler essas coisas bonitas”.

A indicação de leituras que não têm uma aplicação imediata faz lembrar o que Umberto Eco diz em *Como se faz uma tese* ao comparar a elaboração da tese ao exercício da memória

Enfim, elaborar uma tese é como exercitar a memória. Temo-la boa quando velhos se a exercitamos desde a juventude. E não importa

se a exercitamos decorando os nomes dos jogadores dos times da Divisão Especial, os poemas de Carducci ou a série de imperadores romanos de Augusto e Rômulo Augusto. Por certo, se o caso for aprimorar a memória, é melhor aprender coisas que nos interessam ou nos sirvam, mas, por vezes, mesmo aprender coisas inúteis constitui um bom exercício (2014, p. 6-7).

É um exercício que ajuda a construir referências plurais, que faz pensar melhor, que auxilia na redação e deixa mais leve o fazer acadêmico. Nunca escrevi como Gombrich, mas desde então fiz as pazes com a escrita e acho escrever uma coisa boa. Nesse tempo que se passou, também li muitas coisas bonitas, como o trecho a seguir que ofereço ao Paulo, já que este é um livro homenagem:

Há tanta gente maravilhosa. Eu ando a ver se escuto meus avós e as minhas primas estrangeiras que falam engraçado. Tenho tudo para ouvir e ver. Ainda não sei nada. Leio livros para aprender. Estou sempre apressada. Sou muito mexida. Um dia quero uma coisa, no outro quero tudo. Sofro de um problema de sossego. Não sei o que é estar sossegada. Mais tarde corrijo (MÃE, 2014, s/p).

Mais tarde nunca chegou para ele. Ainda bem. É que, Paulo, seu desassossego faz bem para o mundo.

Metodologias criativas

“Uma tese estuda um *objeto* por meio de determinados *instrumentos*” (ECO, 2014, p. 45) [grifos do autor]. Não deveria ser algo tão complicado, mas eleger esses instrumentos e elaborar metodologias para trabalhar objetos que não são estanques, como os da área da Comunicação, pode ser uma questão em vários estudos.

Para paulobvaz, a afetação do pesquisador e a criatividade são os caminhos possíveis. Lembro-me de que no percurso de elaboração da metodologia da minha dissertação Paulo e eu fotografamos bancas de revistas em semanas diferentes para observar como as revistas eram ali dispostas – ele fotografava bancas perto da sua casa e eu fotografava bancas que estavam no meu caminho para a UFMG ou para o trabalho; observamos, ainda, os híbridos do artista plástico Walmor Corrêa,

que chegou até nós por meio de uma entrevista publicada pela revista *Mag* em janeiro de 2011 – esse artista trabalhou como desenhista no laboratório de Ciências da escola onde estudou e em um de seus trabalhos realiza a dissecação imaginária de seres da cultura brasileira que misturam humanos com animais, mostrando que aqueles híbridos são anatomicamente possíveis; também utilizamos como chave de entendimento das capas de revista um livro da literatura infanto-juvenil, o *Animalário Universal do Professor Revillod* – uma espécie de bestiário que Paulo me apresentou com 16 ilustrações, nomes e descrições de feras da fauna mundial, divididas em três partes móveis que, recombinadas, permitem a formação de 4096 novas bestas, descrições e nomes.

Tudo isso foi para observar capas de revistas, mas poderia ser para trabalhar com jornais, filmes, campanhas de mobilização social. Importa que o pesquisador conte e justifique o que está fazendo, como foi sendo afetado por seu objeto e, a partir daí, construa um *corpus* e um jeito de olhar para ele coerentes com a forma como foi possível realizar a “catação” do material a ser estudado. Isso envolve, inclusive, construir uma “semana imaginária” (com a segunda-feira desta, a terça-feira da próxima e assim sucessivamente) e se apropriar do seu objeto empírico, da sua pesquisa como um todo, com desenvoltura e familiaridade. Sendo que “catação” e “semana imaginária” são expressões familiares para quem convive e/ou tem a oportunidade de trabalhar diretamente com o Paulo.

Essa opção de percurso remete a algo bastante semelhante ao que elabora Abril (2007) ao dizer que mais importante que saber o que significa determinado texto, é saber através de que meios, de quais processos interpretativos e da utilização de quais recursos foi atribuído um ou outro sentido ao texto abordado.

Também há proximidade com o que é trazido por Eco em *Como se faz tese*:

Fazer uma tese significa, pois, aprender a pôr ordem nas próprias ideias e ordenar os dados: é uma experiência de trabalho metódico; quer dizer, construir um “objeto” que, como princípio, possa também servir aos outros. Assim, *o tema da tese não importa tanto quanto a experiência de trabalho que ela comporta* (ECO, 2014, p. 6).

Nos três casos, importa a experiência do autor na aproximação, manuseio e apropriação do que opta por observar.

Percursos específicos precisam terminar, a pesquisa e as trocas, não

Paulo sempre foi enfático ao dizer (e ao trabalhar para que assim fosse) que “qualquer pesquisa pode durar uma vida inteira, mas o mestrado e o doutorado precisam terminar”. As pessoas fazem propostas para aqueles dois ou quatro anos de curso, finalizam, e a pesquisa pode prosseguir com todas as questões que nunca param de surgir, com novas nuances a serem exploradas, com trocas que não foram possíveis até aquele momento. O mestrado e o doutorado são, para ele, momentos em que damos alguns passos, mas não encerramos a caminhada. Desse modo, faz todo sentido não prolongar demais esses percursos. Não é ali que termina a trajetória. E Paulo sempre se empenhou para cumprir prazos, sendo bastante responsável com retornos para seus orientandos. Ele também assume para si a responsabilidade de auxiliar para que o pensamento desenvolvido durante os cursos de pós-graduação continue se aprimorando e para que novas trocas sejam estabelecidas.

Durante o mestrado, seguindo suas indicações, li vários textos de antigos orientandos seus, um desses orientandos fez parte de algumas bancas minhas e me ensinou um tanto, paulobvaz já indicou meu trabalho para algumas pessoas lerem, já fiz parte da banca de uma orientanda dele, participei de um congresso em Lisboa por conta do seu incentivo. Paulo B coloca as pessoas para conversarem por meio de textos e pessoalmente. Ele é generoso e estimula a generosidade.

Pode ser só coincidência da vida, mas aprendi com ele sobre a potência de se elaborar significados. Sendo assim, para mim é bastante simbólico que ele tenha se aposentado na minha banca de defesa de mestrado, continuado a trabalhar como professor voluntário, tenha participado das minhas bancas de qualificação e defesa do doutorado e tenha se aposentado das orientações numa banca de mestrado da qual fiz parte. Foi emocionante estar com ele nesses momentos de fechamento de ciclo. Como são constantemente bons os momentos em

que nos encontramos – tanto em situações acadêmicas, festivas ou que misturem as duas ocasiões. Talvez seja por isso que esses tempos estejam assombrados por uma estranheza sem fim. Falta esbarrar no Paulo B por aí. E mesmo que ele sempre vá embora sem que ninguém perceba, sendo quase impossível dar abraços de despedida nele, os abraços de encontro são alegres e leves. Sempre.

OLHAR

“O casaco de Marx”, cada um tem o seu

CARLOS MAGNO CAMARGOS MENDONÇA

Professor e pesquisador em Comunicação

Ao final do ano passado, fui convidado para compor uma banca avaliadora de dissertação, a ocorrer no dia 17 de janeiro de 2020. Até então, nada de novo na carreira de um professor pesquisador, credenciado em um programa de pós-graduação e associado a uma linha de pesquisa. Porém, aquela banca, em especial, guardava particularidades. Era um rito, mas com duas passagens. Sim, um rito de passagem com marcas subjetivas: para a candidata e para o orientador. A celebração de uma mudança para ambos: ela, ascenderia ao grau de mestra, ele concluiria seu ciclo como orientador de dissertações e teses. Esta duplicidade por si só já seria motivo de especialidade. Nem todos os dias assisto a um rito de passagem no qual o devir que o atravessa cresce para todos os lados: ela defendia seu trabalho no meio das férias de verão por ter sido aprovada no doutorado; ele concluiria seu ciclo como professor colaborador, condição que assumiu no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais após sua aposentadoria como professor na mesma instituição. Sobre aquela banca pairava a atmosfera da transitoriedade, era o clima de “um vir a ser”, de “um tornar-se”. Como deve ser um rito de passagem, aquele momento marcava de maneira expressiva a vida daquela e daquele pesquisador.

A curva do acontecimento descrita acima abrigava algo ainda mais singular: as personagens envolvidas. Uma forte carga afetiva emanava da relação que mantenho para com as duas personas. Era a defesa do mestrado de Gracila Vilaça – minha ex-orientada de graduação, ex-aluna de graduação e pós-graduação e que carinhosamente me trata por “meu padrinho”, alcunha e papel que aceito com alegria. O trabalho foi orientado pelo professor Paulo Bernardo Vaz – meu ex-professor, meu colega respeitado e um grande amigo por quem devoto profunda admiração. Me vesti em traje de festa para tão nobre data e disse, na abertura de meus comentários, esperar que a fatiota estivesse à altura da relevância do encontro. Estar diante do ato de encerramento de uma carreira tão digna como orientador de pesquisa foi para mim uma honraria; presenciar o ato consagrador do primeiro exercício de formação de uma pesquisadora tão querida era uma alegria sem fim.

Quando comecei a preparar a minha participação na banca e me dei conta das várias camadas de valor simbólico contidas naquele ato, me lembrei do décimo arcano maior do tarô: a roda da fortuna. Esta carta contém o desenho de uma roda com seis aros; na parte superior há uma figura cujo o corpo é metade anjo e metade diabo. Circunda a roda os quatro elementos: água, fogo, terra e ar. Próximo aos seus aros estão um bebê, uma criança, um jovem, um homem adulto e um velho. O conjunto das ilustrações diz das mudanças na vida, das aberturas e encerramentos de ciclos. Tudo neste arcano quer representar o ser na mudança, uma carta para o devir.

Girando solta no ar, a roda da fortuna adverte que não há lugar fixo na existência, tudo muda o tempo todo. O movimento traz sabores para a vida. A roda da fortuna é a roca do destino, o fiar da vida. Em um jogo de tarô, seu significado está ligado aos atos de quem consulta, expressa aquilo que a pessoa construiu durante sua caminhada. Portanto, a riqueza da roda depende daquilo que foi feito ao longo da vida; o sucesso da colheita depende da qualidade da plantação.

A pesquisa de Vilaça, nominada *Publicidade e feminismos: tramas da campanha “Reposter, redondo é sair do seu passado” da Skol*, investigava o giro das campanhas da marca de cerveja em direção às chamadas publi-

cidade de empoderamento feminino. Em princípio, minha participação se devia pelos estudos de gênero. Afinal, segundo a pesquisadora, a estratégia da campanha associava a marca aos discursos feministas com o objetivo de afastar as associações entre consumo de cerveja e consumo do corpo das mulheres. Como um pesquisador das masculinidades, eu deveria comentar as denúncias das formas de verticalização do masculino sobre o feminino existentes nas campanhas destes produtos. Como gesto metodológico para leitura da publicidade Gracila se serviu de análises semióticas dos textos verbo/áudio/visuais. Estas análises investigaram a trama multimodal da campanha que deixava ver provocações diversas aos sentidos e às significâncias contextuais, reflexivas e discursivas. Para tanto, na dissertação foi selecionado um *corpus* composto por um vídeo principal, ao estilo *making-of*, oito vídeos secundários e 16 cartazes. Sob a guia da pergunta, Vilaça buscou desenvolver um atlas que permitia uma visada social sobre o corpo das mulheres, a partir de uma memória ofertada por outras formas de representações visuais.

Enquanto lia a dissertação, recordava as interseções entre minhas pesquisas e as do orientador Paulo Bernardo Vaz. Confesso que a esta altura me encontrava mais conectado ao atlas do que aos conceitos advindos das teorizações do gênero. Quando começamos a pesquisar juntos, Paulo B estava interessado na importância do lugar onde a narrativa visual se inscreve, como elas constituem discursos e estes estão manifestos por elementos de linguagem que se dão a ver em livros didáticos, em jornais e revistas. À época, ele investigava estas manifestações nas imagens dos livros didáticos de História do Brasil. Naquele momento, eu olhava para a representação dos corpos femininos nas imagens veiculadas pelas campanhas publicitárias de grandes academias de ginástica.

Percebi que, desde então, eram convergentes os interesses de estudos meus e de Paulo Bernardo. Cada um, à sua maneira, observava visualidades, historicidades e produção de sentido em seus objetos de estudo – a cultura visual midiática, com forte apelo ao impresso. Nos preocupava as formas do visível, tanto em suas qualidades quanto em seus sentidos. Em outras palavras, estávamos interessados naquilo que faz do visível ser visível e como isto impacta na organização de nossas existências e em nossas formas de interagir com o mundo.

Algumas particularidades me chamaram a atenção ao rememorar nossas aproximações. Nos trabalhos apresentados em atividades acadêmicas, não era uma preocupação nossa uma conceituação de imagem ou mesmo havia, por parte de ambos, uma filiação a algum ramo das teorias das imagens. Nossos trabalhos, como apontado acima, vertiam para os estudos da cultura visual e as pesquisas de linguagens. No tempo histórico e cultural, percebíamos que as visualidades criam modos de olhar e conceber mundos. Neste sentido, tratávamos as visualizações como formas de experiência e, portanto, como modos de pensamento. Arrisco a dizer que compreendíamos a visualidade como expressões do pensamento constituídas a partir da produção de olhares. Dessa maneira, nos produzia espécie o olhar e por consequência as imagens. Hoje, me dou conta, que em nossos estudos conferíamos para o olhar um sentido de “mirar” associado ao sentido de “tomar em consideração”.

Foi curioso perfazer o percurso da memória. Não se tratava de encontrar um ponto de origem, de um marco inicial. Mas de perceber como nossos estudos tomavam em comum alguns valores e princípios. Certa vez, em uma aula sobre análises semiótica da propaganda, oferecida para a graduação, comentei que tentar encontrar o ponto inicial que vinculava um significado a um significante era como descascar uma cebola em busca da semente: retiráramos camadas e mais camadas para ao final dar em nada. A razão de disto era o fato de que as vinculações desse tipo resultam de processos sociais e culturais complexos, simultâneos e sobrepostos. Como não haveria o ponto original do texto, tampouco haveria um ponto isolado do sentido. Recorro a esta lembrança para tentar, ainda que de maneira imprecisa, dizer daquilo que se faz comum em nossas pesquisas: um compreensão de que a visualidade não é apenas aquilo que se conseguiu a partir de processos técnicos – a expressão de uma imagem técnica-, mas é, fundamentalmente, uma intrincada rede de relações sociais e culturais amparada sobre as vivências em determinado espaço e tempo.

O reconhecimento dessa semelhança, esse em comum de nós, foi indicado pelo próprio Paulo Bernardo, durante o segundo Simpósio Internacional Comunicação e Experiência Estética, ocorrido no

ano de 2007, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Fafich/UFMG. Organizado pelos professores Bruno Leal, César Guimarães e por mim, o Simpósio se dedicava a pensar e a propor ao modo de um programa de pesquisa a relação entre os fenômenos comunicativos e as experiências estéticas. Paulo Bernardo apresentou um texto chamado “Cristo revisitado: experiência estética e fotojornalismo”. Este artigo e os outros trabalhos do Simpósio foram posteriormente publicados no livro “Entre o sensível e o comunicacional” (2010). No texto, ele olhava para uma fotografia do repórter fotográfico Clóvis Miranda, veiculada pela Agência Folha, chamada “Martírio no presídio”. Originalmente publicada no jornal A Crítica (Manaus), a foto ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo, na categoria fotojornalismo. A publicação informava sobre uma rebelião no Instituto Penal Antônio Trindade (IPAT), em Manaus. O olhar de Vaz descortinava a relação dialógica entre jornal e leitor, entre a fotografia e o espectador. Para tanto, Paulo convocava a experiência estética promovida tanto pelos objetos artísticos quanto pelos produtos comunicacionais. Segundo ele, a fotografia mobilizava o olhar e o imaginário do leitor. Esta mobilização foi intencionada, uma associação estimulada pelo fotógrafo. Naquela foto estava o corpo do detento, ferido pelos colegas, sendo retirado pelos paramédicos. Porém, na forma como foi registrado, aquele corpo figurava uma passagem da Via Crucis, um quadro da deposição de Cristo da cruz. Durante a apresentação, o Paulo Bernardo apresentou um atlas com dezenas de obras retratando a deposição do Cristo morto. Ele pretendeu demonstrar como uma obra ilumina outras. Estava constituído ali um quadro referencial, um conjunto iconográfico que atua sobre a experiência visual do leitor.

Na sequência do trabalho de Paulo Bernardo, apresentei um artigo chamado “Experiência e significação”. Meu texto se inspirava na transubstanciação da hóstia para tratar da comunhão entre leitores e mídia. Eu buscava nos textos visuais da moda e da publicidade para homens os traços de estilo conformadores de comportamento e corpos. Para isso, eu olhava e comparava algumas revistas nacionais e importadas destinadas a homens *gays* e a homens heterossexuais. Dentre as imagens selecionadas para a minha apresentação, havia uma pertencente a um editorial inspirado nos filmes de James Bond, chamado James gay Bond,



FIGURA 1. Cristo revisitado.

FONTE: *Entre o sensível e o comunicacional*, 2010.

publicado na Out Magazine, no ano de 2006. Ao discorrer sobre esta fotografia, da plateia, Paulo, com a mão na face e expressão de surpresa, disse: “Carlinhos, estamos falando da mesma coisa!” Olhei para a fotografia e nela dois homens carregavam um terceiro, com torso desnudo, a cabeça pendente para frente dando a impressão de um corpo desfalecido. Aquela imagem da moda era também um quadro de deposição do Cristo morto. De fato, nós dois, sujeitos nascidos e crescidos no interior das Minas Gerais, estávamos ali sob um palavreado sofisticado dos estudos das linguagens e das visualidades, expondo nossas meninices coletadas nas semanas santas caipiras. Cada um de nós estava ali olhando para as fotografias e pensando suas interpretações, as experiências estéticas delas advindas, a partir de repertórios amplos e distintos.



FIGURA 2. James gay Bond.
FONTE: *Out Magazine*, 2006.

Reivindicávamos as experiências dos leitores/observadores/fruidores no ato compreensivo das fotografias que discutíamos. Estas, por sua vez, estavam fixadas em páginas, compunham editoriais ou ilustravam acontecimentos. Enfim, não eram imagens coletadas aleatoriamente em um baú familiar. Elas foram escolhidas e programadas para estarem ali, para fazerem sentido junto dos outros elementos gráficos das páginas.

Um terceiro falante no Simpósio iria unir nossos intentos investigativos: Gonzalo Abril. Pela primeira vez na terra das Alterosas, o espanhol trazia na bagagem uma metodologia chamada análise semiótica verbovisual. Nesse método, Abril falava não de imagens, mas de textos visuais. Esta classe de textos era pensada a partir de uma lógica associativa entre repertórios de sentido; da complexa conformação semiótica

em seus planos de conteúdo e expressão, que exigia mais do que um ver e um ler imagens. Ao estar diante dos textos visuais, para experimentá-los convocamos outros textos visuais, verbais ou sonoros. Nessa concepção, a amplitude da cultura visual favorece os processos de semiose e a produção de novos signos. Nos textos verbo/áudio/visuais veiculados nos meios de comunicação de massa, nos ambientes digitais, nas produções artísticas estão integrados os mais diversos aspectos: cognitivos, estéticos, comportamentais/morais e assim por diante.

Desde então, eu me direcionei aos estudos dos corpos, dos textos, das performances e performatividades de gênero e sexualidade. Paulo Bernardo se dedicou ao estudo da atualidade do atlas *mnemosyne*, de Aby Warburg, para pensar os textos visuais dos media. Refinamos nossa parceria intelectual e afetiva junto a Gonzalo Abril, que aprofundou ainda mais seu pensamento sobre cultura visual. Passado o tempo, estávamos nós em outra roda. Desta vez, era uma roda de conversa. Em uma tarde de um sábado qualquer, não me lembro de que ano, entre um gole na cachaça e uma garfada na feijoada, nós três falávamos e ríamos de nossas conversas intelectivas e das peripécias que fazíamos para mantermos juntos os nossos interesses investigativos. Naquela roda de amigos, que contava também com Carlos Alberto Carvalho e Bruno Leal, estava bem clara a validade do conceito de afeto cunhado por Spinoza (2007): uma potência que altera o movimento dos corpos.

No chuvoso janeiro de 2020, ao ler a dissertação e ver o atlas composto por Gracila e inspirado por Paulo, me peguei perdido pelos caminhos da memória. Me vinham imagens do xerox de um livro deixado sobre a mesa de meu gabinete com um bilhete detalhando o endereçamento da coisa; uma fala rápida, durante o café na cantina da Letras, sobre algo que havia visto em série ou filme; as muitas gargalhadas fazendo falas constrangedoras aos ouvidos do Elton Antunes, em ambientes públicos, que sempre nos advertia: vocês dois vão começar agora e aqui!.

Em seu pequeno e intenso livro, “O casaco de Marx” (2007), Peter Stallybrass nos ajuda a perceber a necessidade de olhar para as coisas e nelas encontrar aquilo que as faz mais que do simplesmente um objeto qualquer. Stallybrass nos emociona ao descrever como atribuímos valor e que tipo de valor damos para as coisas, como deixamos nelas nossas

marcas e como, na maioria das vezes, as transformamos em mercadorias. Nos contos do livro, teoria social, lirismo e teoria econômica se junta para falar de nossa relação com as roupas e as demais coisas de nosso cotidiano. As roupas carregam nossas marcas, possuímos uma relação de afetividade com elas. Marx, para sobreviver em Londres, por várias vezes empenhou seu casaco com o objetivo de angariar recursos para manter a si e aos seus familiares. No conto que dá nome ao livro, a penhora do casaco dava a Marx o sentido de perda e o valor do objeto que o defendia do rigoroso inverno europeu. Ao invocar o livro como metáfora, para tratar o rito de passagem no encerramento da carreira, quero dele relembrar o aquecimento, o calor da memória, o afeto do encontro.

Participar daquele banca, ler aquele trabalho era de certa forma vestir o casaco que atualiza em mim o amigo. Reconhecer na escrita da mestranda o método do orientador, dar conta de perceber como ele ofereceu seu olhar para a leitura dela foi, de certa maneira, me reconhecer naquele encontro. É engraçado o modo pelo qual o caminhar do outro se torna uma mediação para nossa existência. Entender isto é reconfortante. Diante dos amigos, o traje de festa naquele evento não era uma questão de moda, era de roupa. Questão de vestir, de cobrir, de abrigar, de afagar, de aquecer. A despedida ali era apenas uma formalidade, pois a caminhada segue conjunta.

PARTILHAS

Para Virgílio

CARLOS DE BRITO E MELLO

Escritor, pesquisador em Comunicação

Sentei-me uma dezena de vezes para escrever este texto sobre o amigo que, recentemente, dispensando pistas, referências ou qualquer dica que eu pudesse dar, identificou de imediato a autoria da expressão tatuada em meu tornozelo direito. NEC MORTALE SONANS: dentre tantos autores, dentre tantos livros, aquele fragmento era mesmo de Virgílio, encontrado na *Eneida*, a respeito da voz da Sibila.

Não deveria ter sido surpresa para mim, nem para as pessoas que testemunharam a façanha – afinal, não deve ser surpresa que alguém seja capaz de reconhecer a própria virgiliana grafia. Mais adiante, eu explico.

Levantei-me a mesma dezena de vezes; a última, finalmente, com o texto suficientemente pronto. Diante de certas pessoas, ou a respeito de certas pessoas, a gente se empertiga, mesmo sem querer. É uma bobeira, mas acontece quando a estima é muita. Quando a admiração é muita. Quando a consideração é muita. Já aconteceu antes. Empertigar-me diante do Paulo B, entretanto, nunca foi um bom negócio. E durava pouco, sendo remediada, pelo próprio, com um esculacho ou um deboche, o que, no final das contas, acabava por romper a minha rigidez

e o meu acanhamento. Mas não rompeu a minha estima, não rompeu a admiração, não rompeu a consideração.

Como o extenso nome Paulo Bernardo Ferreira Vaz veio a se concentrar, atomicamente, em Paulo B? Provavelmente, da mesma forma que se concentram, num mesmo corpo, a calva de Walter White, o espírito de Walt Whitman e a barba, incontestavelmente, freudiana. Quanto à silhueta, bem, esta faz alusão – muito mais musculosa e ágil, é justo reconhecer – ao longo grafismo que, derivando das páginas da narrativa para o universo carnal, recebeu o nome de Dom Quixote; no meu reino fabuloso, entretanto, trata-se do amigo, professor, orientador, leitor, crítico literário/ artístico/acadêmico, provocador, conselheiro, consultor de carreira, vidente, além de outros tantos predicados que não terei tempo de mencionar. Assim é o cavaleiro/cavalheiro que também se apresenta com seu preciso e desenhado corpo de letra.

Um corpo de letra B.

O mês de Março está para acabar, mas o mesmo não ocorre com este texto. Para ser sincero, já é Abril. Aliás, Abril também já está praticamente acabando, e neste momento escrevo amparado pela generosidade e pela compreensão dos editores. Pronto, chegamos em Maio. Maio! Mas agora estou concluindo. Não é a primeira vez que me atraso (em minha pobre defesa, cabe registrar que as razões do meu atraso não costumam ser frívolas). Mas, agora que já pratiquei a sinceridade, fico mais à vontade para avançar. Sou um virginiano com essa falha no clichê: a pontualidade. Se eu convidá-los para um almoço, saibam que será delicioso. Mas comam alguma coisa antes, porque vai demorar.

O atraso possui um viés que não posso, porém, deixar de apontar: a neurose coloca o neurótico sempre em profunda assincronia com relação a si mesmo (neurótico em geral, está bem? Não estou falando só de mim; além disso, não se trata, aqui, especialmente da pessoa que adoeceu de sua neurose, mas da estrutura clínica; e não estou fazendo *cosplay* do Woody Allen). Apenas na medida em que alguém (qualquer um), ao marcar um encontro consigo, não se encontra, e se espanta, e se

interroga, é que uma outra temporalidade, originária desse desencontro, poderá se insinuar. Nela, não mais mensuramos horas ou minutos, dias ou séculos, mas um destino: e o destino do homem é o desejo do homem, cujo ritmo se estabelece segundo semelhanças inopinadas, como o bater das asas de uma borboleta.

O *Homo sapiens* que, mesmo quando se espanta, não quer saber de nada, infelizmente, para por aí. Eu, bem, eu me desencontrei, me espantei, e quis saber. Hoje percebo que a sonoridade produzida por aquele batimento de asas, sinalizando um novo tempo, teve para mim o efeito de uma incitação.

Então, que é? Estás inda hesitante?
Por que nutres no peito esta tibieza?
Por que valor inda não tens bastante?

Esse fragmento localiza-se, especificamente, no final do canto II da *Divina Comédia*; ainda mais especificamente, é um dito de Virgílio, ao convocar Dante a iniciar sua travessia infernal, ao mesmo tempo em que estabelece com ele sua lealdade e sua aliança. Pois foi mais ou menos isso que escutei uns 25 anos atrás, quando uma falena começou a bater as asas perto de mim: eu, no lugar de Dante, e o Paulo B, no lugar de Virgílio, desafiando-me diante de uma dentre as incontáveis e difíceis portas que eu vim a atravessar desde então.

Talvez ele não vá reconhecer isso, pois não é dado a homenagens, pompa e nobilitações. Vou tentar não ser muito formal. Mas foi assim que aconteceu, e que continua a acontecer. Como Virgílio não reconheceria, em minha perna, uma grafia que, agora sabemos, já era sua?

Talvez fosse necessário compilar, na história da literatura, uma arqueologia dessa figura que toma a forma, às vezes, do condutor, às vezes, do companheiro, do conselheiro, mas também do ajudante, do escudeiro, daquele que vem em socorro, o livrador, ou a quem se recorre, a quem se consulta, como o sábio, o áugure, e, finalmente, como consta no proêmio de certos poemas, a musa, a quem o poeta recorre para que ela possa bem-fadar o texto.

Como já encontrei o Paulo B vestido de onça (acho que era onça), na porta de um banheiro de boteco durante a passagem de um bloco de carnaval – quando ele não deixou de fazer algum comentário ou cobrança com relação à tese que eu estava escrevendo – tenho certeza de sua capacidade de assumir, combinar e calibrar, em si mesmo, todas essas e outras figuras, dependendo do que está em causa. Pois ele se coloca em ação não em função das circunstâncias ou das obrigações simplesmente, embora possa atendê-las com elegância, mas sobretudo do que está em causa. E, quando necessário, anda na frente, como Virgílio, dizendo a Dante: “Primeiro eu vou, e tu serás segundo”.

E então, à sua maneira, o Paulo B assumiu a minha causa. O meu poema. O meu *Dichtung*, para o *Dichter* que eu vinha me tornando ao longo dos anos. Ele foi decisivo, decisivo mesmo, na minha relação com a leitura e com a escrita, mesmo muito antes de eu ter me tornado escritor. E sabia partilhar a experiência dos textos de autores que tinham, como ele, como eu, ouvido a Sibila. Para mim, isso inaugurou um percurso que veio dar em outro poema, escrito acerca da obra de Arthur Bispo do Rosário, razão e fé do meu doutorado.

Novamente, minha causa foi assumida pelo Paulo B, numa circunstância nada fácil: afinal, estávamos diante da obra apocalíptica do Bispo. E qual foi o primeiro gesto – o primeiro passo diante da promessa de “ver tanta grandeza”, como diz Virgílio – realizado por ele, já como orientador? Arthur Bispo do Rosário – aliás, outro B que temos conosco – descreve-o bem, ao narrar os acontecimentos referentes ao Juízo Final. Nele, os mortos ascenderão à espera das guias que, uma vez chamadas pelo FILHO DO HOM, providenciarão liberdade, pois elas CONHECEM DESINGANCHO.

Então, para desenganchar minhas mãos durante a travessia entre o céu e o inferno da obra de um B, o louco, foi que contei com outro B, o orientador, ou, a partir daquele momento, “guia”, como as guias de Bispo, como o condutor de Dante, aquele cujas “palavras o desejo ardente / no meu peito incutiram, que era lasso, / de acompanhar-te, como anteriormente”. Assim começou o meu trabalho de escrita da tese de doutorado: com o desenganche das mãos pelo guia. E foi assim que ele também terminou, pela renovação da mesma soltura, para todos os textos por vir.

O tempo e o método no qual se desenvolveu o processo de orientação de tese realizado pelo Paulo B – mas também experimentado, ocasionalmente, em: a) dissertação; b) artigos acadêmicos; c) experiências de escrita literária forte; d) investigação artística; e) leituras; f) reflexões; g) outras modulações importantes do trabalho de crítica, pesquisa e criação em domínios variados; h) arguições-relâmpago impiedosas; i) amistosos interrogatórios; j) gozação copiosa – são *lógicos*, mesmo que ele nos pressione tanto em vista do prazo. Consiste em uma série prevista e periódica de encontros (em prosa pessoal ou textual) marcados por pontuações, demarcações, questionamentos e cortes, lúcidos, diretos e rigorosos, sem nenhuma concessão à verborragia e ao doutrinação. São sérios, sim, muito sérios, muito comprometidos com o que está em questão. O desenganche foi, sem dúvida, uma operação lógica. Ao mesmo tempo, foi uma operação mágica. Magia não é truque nem ilusão. É (também) escrita, como ensina mais um B, o Walter B, ao abordar a dimensão clarividente que ela mesma, a escrita, teve em sua origem.

Paulo Bispo, Paulo Benjamin. Eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia.

Comecei a fazer uma lista das obras que tenho e que li por indicação, sugestão, inspiração, obrigação, coação, ridicularização ou descarada pilhéria por parte de B, o Paulo, que hoje estão nas minhas estantes e no meu espírito, ou que se transformaram em citação, confessa ou não, em meus textos e em meus ditos. Demoraria muito até que eu pudesse concluir esse levantamento, sendo decisivo apenas destacar, neste momento, que os livros são uma das maneiras que encontrei de desdobrar e perpetuar minha companhia-guia em outras, diversas, próximas e dantescas travessias.

Mas o guia coincide com o mestre? Dante entende que sim, e dessa forma o denomina. Mas penso aqui que o Paulo B ficaria bastante desconfortável dentro dessa categoria, se isso exigisse dele toga romana, virtudes magnas e superioridade olímpica. Não é essa, definitivamente, a mestria que se experimenta no seu convívio, mas uma outra, bem diferente, talvez mais próxima da figura, sim, de um mestre, mas de um

Mestre Zen, que não acorda o discípulo com uma perspectiva teórica, mas com um pontapé. Tal gesto tem por finalidade interromper o sono emaranhado, verboso, cíclico e pegajoso do sentido, atirando-o no vazio de onde poderá advir exatamente isso: a criação.

Acordar para o saber, acordar para o sabor, conforme Roland Barthes – Roland B – definiu de lá; provar da prosa, provar da cachaça, simultânea e indissociavelmente, como o Paulo B ensinou de cá, uns meses atrás. Também lá, outro Carlos, o Drummond, ficou comovido com a lua e o conhaque; também cá, eu fico comovido, a partir de agora, mas com a cachaça – enquanto o corpo celeste que me diz respeito eu alcanço com a *consideração* que, advindo de *sidus/sidera*, cuida de me elevar até a proximidade dos astros. Pois essa estelar consideração pelo Paulo B talvez não seja mais do que uma das declinações possíveis para um sentimento que, na sua origem, é único, simples, inequívoco. Com ele, não dá para empertigar, pois é *riocorrente*. Trata-se de uma forma exprimível do afeto – o amor, força de ligação que fundamenta a vida, se tivermos como referência uma concepção que atravessou o tempo desde Empédocles até Freud. O amor – proseado, escrito, lido, criticado, o amor orientado, o amor debochado, o amor encorajado, o amor que vai na frente, como um guia, o amor desenganchado.

Talvez este texto tenha sido só para isso. Para falar do amor, simplesmente, unicamente, inequivocamente. Caberia numa dedicatória, num bilhete, numa nota de rodapé. Por outro lado, na medida em que *considera*, em que é *riocorrente*, que possui saber/sabor, que pratica magia, não pode caber em lugar nenhum. Reverbera pelo B de Bispo, pelo B de Benjamin, pelo B de Barthes. Reverbera, neste momento, mais do que em qualquer outro lugar, pelo B deste Brito aqui que escreve, comovido como o diabo. O amor tem o tamanho incontido das constelações.

Nota explicativa: este texto não se comporta devidamente com relação às referências bibliográficas e às citações, devido a um pontapé do Mestre Zen, dado lá pelo meio do doutorado. Mas faço constar que há leituras, mais ou menos evidentes, de Michel Foucault, Jacques Lacan, Roland Barthes, Walter Benjamin, Sigmund Freud, Empédocles, Arthur Bispo do Rosário, James Joyce (via Haroldo e Augusto de Campos), Carlos Drummond de Andrade, Georges Didi-Huberman e, finalmente, Marilena Chauí (acerca de Espinosa), além da menção às obras de Dante Alighieri e Virgílio. Se deixei faltar alguém nesta nota, incluo na próxima. O pontapé surtiu efeito, pois o Zen Budismo também é B.

PASSAGENS

“Não arrefecer!”

BRUNO GUIMARÃES MARTINS

Professor e pesquisador em Comunicação



FIGURA 1. Linhas de linotipo presenteadas por Elton Antunes e Paulo B, acompanhada de cartão com os dizeres: “O peso da história, para fazer a aula de tipografia mais doce”.

FONTE: arquivo pessoal de Bruno Martins, 2018.

Conheci Paulo B como meu professor na graduação em Comunicação Social na UFMG de 1992 a 1995. Àquele momento era possível optar entre quatro habilitações: Jornalismo, Radialismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Ao escolher a última, minha sorte – ou destino – se cruzou com a dele, pois era o responsável, juntamente com a professora Rúbia, pelas disciplinas relacionadas à criação, como “Comunicação Visual”, “Produção Gráfica” e “Diagramação Jornalística”. Foi assistindo a suas aulas quando muito aprendi sobre um pensar-fazer que me orientou a navegar entre cipoal de desafios que a universidade apresentava para aqueles que como eu, mal completados 18 anos, éramos introduzidos às ciências humanas através de um “ciclo básico” em filosofia, sociologia, economia, ciência política.

Contemos com a imagem de uma breve anedota para que o leitor compreenda melhor o que significava aquele “ciclo básico”. Assisti a uma aula inaugural preparada para os calouros que, como eu, ingressaram em 1992 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, cujo prédio havia sido inaugurado no Campus Pampulha dois anos antes. O conferencista foi o então diretor da Fafich e professor de filosofia Hugo Amaral. Se não me falha a memória, em sua conferência apresentou a capacidade do ser humano em desenvolver diferentes *cosmogonias*, termo que eu desconhecia e que mesmo após a consulta ao dicionário continuou algo obscura. Tal dificuldade, vamos dizer, “semântica”, replicava-se por todas as disciplinas, tornando árduo os primeiros contatos com a universidade.

Por sua vez, nas disciplinas específicas da comunicação, fosse pelas diversas origens dos docentes, fosse pelos esforços para diferenciar a comunicação como campo disciplinar, fosse a falsa querela entre “teoria” e “prática”, fosse pela complexidade sóciotécnica dos processos comunicacionais, ou simplesmente pelas limitações de um iniciante, a experiência na sala de aula também funcionava como multiplicadora de dúvidas. Se hoje parece fácil atribuir uma positividade charmosa à dúvida, uma vez que duvidar criticamente é uma das verdadeiras vocações das ciências humanas, àquele momento tudo se revestia de uma opacidade quase insuportável. Infelizmente, as visitas à biblioteca não eram esclarecedoras, algumas vezes, muito pelo contrário. É justamente em meio a este cerrado labirinto acadêmico onde surge nosso herói.

Algo esguio, franzino, sempre elegante e, tal como o célebre companheiro de Sancho Pança, um apaixonado pela literatura. Não eram poucas as vezes que fazia a turma embarcar em verdadeiras alucinações coletivas ao “ler” uma capa, um desenho, um logotipo, um cartaz, um anúncio publicitário, uma fotografia, um filme, uma pintura. Enquanto alguns parecem carregar o conhecimento como um peso, ali, reluzia leveza. Ao timbre de voz simpático somava-se aquele sotaque mineiro que conhecemos tão bem. Seu humor refinado sempre contava com a derrisão auto irônica e podia se traduzir em saborosas gargalhadas que preenchiam as aulas, juntamente com causos e exemplos diversos que serviam como demonstração para as temáticas da disciplina: composição, tipografia, cor, técnica, estilo, história, criação.

Na primeira aula, direcionava aos alunos algumas perguntas genéricas: Como se informam? Qual cinema assistem? Que literatura leem? Que exposições frequentam? As questões aparentemente despertavam para a necessária expansão de repertórios. Todavia, buscavam algo mais. De fato tratava-se de iniciar uma conversa visando incorporar e remodelar as experiências prévias dos alunos com os conteúdos da disciplina, sendo estabelecidas ligações e pontos de partidas singulares. Dessa forma tornava-se possível, ao longo das aulas, deslizar do álbum de família à história da arte, do cinema de domingo à filosofia da imagem, da telenovela ao debate político, da capa da revista semanal aos princípios da *gestalt*. Com um olhar generoso e voraz, aos poucos se estabelecia um método analítico estroboscópico iluminado pelos exemplos dos alunos, estimulados a reenquadrar suas experiências em proveito da disciplina. Viagens sem fim que contavam com a força de muitas imaginações. Me lembro com carinho da energia positiva destas longas conversas que transfiguravam lembranças individuais em caminho fértil e saboroso para o aprendizado. Com sua graciosidade particular, Paulo B filosofava e ensinava a arte de enxergar múltiplos “universais” no exemplar, tudo isso sem desconsiderar as singularidades no olhar de cada um.

Me recordo de uma série de exercícios especialmente interessante. Éramos orientados a realizar pequenas colagens a partir de recortes de revistas e jornais em cartões de papel rígido de 15 X 10 centímetros. A cada composição ambicionava-se comunicar mensagens ou representar conceitos mais ou menos complexos. Fosse um autorretrato, uma

emoção ou uma mensagem; a eficácia da composição era testada ao ser exposta diante da classe. Ao longo das interpretações coletivas que se seguiam, além de serem identificadas com precisão mensagens e sensações, surgiam as mais diversas variações de leitura. Estes sentidos secundários demonstravam as dificuldades em direcionar e limitar os efeitos de uma determinada mensagem, problema sobre o qual já correu e ainda corre muita tinta. A aparente simplicidade do exercício implicava uma solução para as limitações de recursos enfrentadas historicamente pela universidade, além de ensinar um procedimento amplamente adotado por sofisticadas vanguardas modernistas, a colagem. Em outras palavras da restrição e da simplicidade nosso professor realizava saltos para a criação e para a complexidade reflexiva.

Perscrutando minha memória me lembrei de um outro exemplo extremamente banal, mas que decidi mencionar por que, de alguma maneira, foi determinante para minha trajetória. Em 1994, Hollywood havia uma vez mais reencenado a história do lobisomem. A análise da identidade visual do filme foi exemplo em uma das aulas. Ao apresentar o cartaz do filme com vivacidade convincente, não foram os rostos de Jack Nicholson e Michelle Pfeiffer fundindo-se à escuridão que me atraíram, mas a solução tipográfica destacada pelo professor. Ao descrever como as serifas – pequenos detalhes pontiagudos no desenho das letras – ganhavam uma qualidade icônica ao se associarem às garras do monstro representado, sendo tal operação reiterada pelo som da palavra, “WOLF”. Com a tradução em português – “LOBO” – matizes de sentido ligeiramente diferentes se acrescentavam (a encenação dos sons foi um espetáculo à parte). A substituição do primeiro “O” pela fotografia de uma lua cheia complementava a imagem emblemática articulando tipografia, composição, cor, fotografia, som e sentido. Para mim aquele exemplo funcionou como uma revelação. De fato, tratava-se apenas de um logotipo bem feito, como tantos outros, mas foi quando algumas das muitas peças do quebra-cabeças da comunicação se encaixaram para mim, sendo suficiente para orientar nos anos seguintes da minha trajetória meu interesse pela direção de arte e pela tipografia. Só me dei conta disso ao escrever este texto, o que demonstra o talento do professor em transformar o ordinário em extraordinário.

Hoje, suas aulas e exercícios me lembram “passagens”, como o livro de Walter Benjamin que Paulo B gosta tanto de ler, reler e tresler. Verdadeiros fragmentos de micropoética que permitiam ensaios estilísticos transitando do conceito à imagem, da imagem ao discurso, do fragmento à unidade, do simples ao complexo, do individual ao coletivo, da informação à sensação, do precário ao sofisticado, do imaginável ao perceptível. Tudo isso e muito mais em ziguezague e vice-versa. Simultaneamente, olhar para cada um e para todos, mais ainda, dizer para cada um e para todos. O que mais se poderia exigir da comunicação? Destes movimentos não resultavam combinações estáveis, abriam-se verdadeiras constelações que impunham a renovação do olhar, infinitas recomposições a serem observadas e inventadas. Além de potencialmente aumentar a possibilidade de epifanias, nos convencíamos que a criação ainda era possível e, mais ainda, necessária.

Antes de o computador praticamente eliminar a presença de uma série de técnicas e ferramentas com sua capacidade de simulação, naquele início dos anos 1990, sentávamos em banquetas em frente a pranchetas de desenho com régua paralelas, como ainda o fazem alguns desenhistas e arquitetos. Técnicas de reprodução e impressão que hoje são retomadas em uma chave nostálgica como a fotoletra, a linotipia ou a tipografia em metal estavam presentes nas aulas. A interface gráfica computacional já era utilizada, especialmente para a composição de títulos e textos. Entretanto, após a impressão, os fragmentos produzidos em uma impressora laser deveriam ser montados em uma “arte final”, ou seja, uma matriz a partir da qual finalmente se poderia realizar a “reproduzibilidade técnica” do impresso. Para tanto era necessário lançar mão de uma série de habilidades manuais ao lado de uma verdadeira parafernália de técnicas e objetos: indicar ampliação de imagens em negativos fotográficos; transferir letras utilizando os modelos de *Letraset*; aventurar-se com os efeitos matizados do aerógrafo; desenhar e anotar sobre o *over-lay*; diagramar em grades pré-existentes; alinhar os fragmentos com régua, esquadros, transferidores e compassos; cortar e colar com tesouras e estiletes etc. Alguns anos depois todos estes processos seriam substituídos pela manipulação de *softwares* gráficos.

Os primeiros computadores dedicados ao processamento e à criação de imagens digitais apareceram no Departamento de Comunicação no

Sislab, sistema laboratorial inicialmente montado pelo professor Juan Aramayo. Todavia, diferentemente do que aprendemos em manuais de *software*, nada havia de obsoleto em ensinar práticas e realizar exercícios manuais. Certa vez convidei minha colega de graduação Andrea Gomes, também aluna de Paulo B e das melhores profissionais de criação que conheço, para participar de uma de minhas aulas e ela disse com uma simplicidade certa aos meus alunos: “Meu trabalho é buscar as linhas, é alinhar”. O alinhar nunca se repetirá de forma automatizada, para cada nova linha traçada, um novo alinhamento. Naquele momento de transição ao digital, o alinhar manualmente permitiu estabelecer um contraponto para toda uma geração. Mais uma vez foi Paulo B quem nos ofereceu recursos para que nos guiássemos por esta passagem.

Já no final do curso, ainda houve algum tempo para que eu me aproximasse do Atelier de Publicidade, onde nosso incansável herói passava muitas de suas tardes orientando estagiários e voluntários para solucionar problemas diversos de comunicação para a universidade. Dali me lembro especialmente da capacidade e carisma de Paulo B para transformar pequenas demandas em grandes desafios para a criação e a experimentação. Depois de me formar, ao longo dos próximos anos eu trabalharia com criação, direção de arte e design gráfico em agências de publicidade e em projetos diversos.

Uma breve digressão biográfica que me parece necessária para continuar esta narrativa onde estou buscando pontuar alguns momentos em que um professor interfere de forma positiva na minha própria trajetória. Mesmo longe da universidade, sempre me senti mais confortável em espaços e projetos onde eu encontrava traços daquela liberdade estimulante das aulas de Paulo B. Neste sentido, me lembro que uma sorte de iniciante que me permitiu trabalhar ao lado de meu hoje colega Eduardo de Jesus, na Coral Design, pequenina empresa familiar onde muito aprendi e me diverti. Boas lembranças do escritório caseiro em Santa Teresa, bairro onde alguns anos mais tarde, antes de retornar à universidade, eu desenvolveria um longo projeto gráfico no atelier do ceramista Máximo Soalheiro. Assim como nestes dois espaços, era a liberdade de criação que busquei ao ensaiar minha própria “empresa”, Ímã Design, onde ao longo dos anos desenvolvi projetos para amigos e

clientes, muitos deles em parceria com meu colega de graduação Danilo Queiroz.

Aos poucos desenvolvi meu interesse específico pela tipografia, tema que passei a estudar informalmente comprando livros e fazendo pequenos cursos. Sete anos depois de minha formatura, em 2002, algo esgotado pela dinâmica comercial, retornei à universidade para cursar uma disciplina na pós-graduação. Ali reencontrei Paulo B, que mantinha em forma seu entusiasmo ao explorar a história de diversos suportes e técnicas da comunicação escrita e da imagem impressa, a história das artes gráficas, os estilos artísticos, as diferentes formas de comunicar pela imagem. E, sempre: arte, imagem, literatura. Foi naquelas aulas quando ele forneceu uma inspiração teórica que me acompanha até hoje. Assim como ensinou Michel De Certeau, é preciso encontrar os rastros de leitura dos inventores do cotidiano, lembrando sempre que não podemos tomá-los como idiotas! Ali encontrei meu próprio entusiasmo para estudar os diversos conhecimentos emaranhados em torno da tipografia.

Em 2003, ingressei na pós-graduação com um projeto sobre o que terminaria chamando “tipografia popular”, caligrafias urbanas feitas com vistas a comunicar, mas que eu observaria a partir de seu aspecto plástico, de sua composição, da apropriação de matérias e suportes não programados para a escrita. Instrutivas, agradáveis e, especialmente, inspiradoras foram nossas conversas em seu gabinete. Em uma de nossas primeiras reuniões nos dedicamos a desenhar um longo diagrama com a estrutura da dissertação em 3 ou 4 folhas A4 emendadas. Me lembro quando cuidadosamente retirava um de seus livros da estante e produzia ele mesmo uma ficha de empréstimo manuscrita. Antes de se aposentar, sua preciosa biblioteca foi generosamente doada à Fafich. De quando em quando ainda tomo emprestado um volume que traz como *ex libris* sua elegante assinatura na página de rosto.

Desabituaado à escrita acadêmica, não foi sem sofrimento que finalizei minha dissertação de mestrado, sempre com o entusiasmo de Paulo B. Foi em um dos momentos de desespero pelo qual passa todo aluno de pós-graduação que ele me ofereceu, na reta final da orientação um pequeno bilhete onde se lia: “Não arrefecer!”. Como um verdadeiro

talismã mágico, o bilhete me acompanhou até o fim da minha pesquisa. Ainda o tenho guardado em meio aos meus papéis.

Em 2006, ingressei como professor assistente do departamento de Comunicação e Paulo B se tornou então, um colega. Compartilhamos inúmeras reuniões administrativas e de pesquisa, conversas de corredor, visitas à cantina para comer um biscoito de queijo e tomar um cafezinho, “o sangue do funcionário público”, como ele diz. O espaço é curto para lembrar de todas as histórias que vivemos e que ele contou, algumas delas já folclóricas entre alunos e colegas, como quando partiu para o doutorado e foi “pobre em Paris”, sua invejada arte de escapar de situações (e reuniões) chatas, o folclórico colchão que mantinha em seu gabinete para a *siesta* diária, as caminhadas diárias, os divertidos causos de Divinópolis...

Nos últimos dois anos, tenho tido o prazer de integrarmos o mesmo grupo de pesquisa, *Ex-press*, e compartilhar disciplinas na pós-graduação. Em nossos encontros acadêmicos, continuo a aprender e vejo que seu entusiasmo fascinante continua lá. Além de colega, nos tornamos amigos, e muito prezo nossos encontros fora da universidade regados por uma boa cachaça. Certo dia, no ano passado, fui surpreendido em meu gabinete por Paulo B e por nosso amigo e colega Elton Antunes. Eles me traziam um presente, uma pequena caixinha com um cartão afetivo. Dentro da caixa alguns exemplos de tipos de metal, material que utilizavam em suas aulas e que me passaram generosamente, como se fosse eu o responsável por manter aquele conhecimento vivo. Muito fiquei honrado e prometi animar esta valiosa herança da melhor forma que conseguir.

Termino este texto com uma emoção prazerosa em fazer parte desta história e desta homenagem. Alhures, em minha aventura francesa, diante do inevitável confinamento ao qual nos encontramos, me lembro de sua paixão por Marcel Proust e decidi me aventurar, como sempre me aconselhou, *Du côté de chez Swann*.

Muito obrigado por sua presença em minha vida, querido Paulo B.

Bruno Guimarães Martins

Montpellier, 13 de abril de 2020.

PRESENÇA

Paulo, sempre Paulo B!:
trajetória humana e universitária de um
mestre presente entre Belo Horizonte,
Paris e o mundo (1999-2020)

RICARDO FABRINO MENDONÇA

Professor e pesquisador em Ciência Política/Comunicação

SÍLVIA CAPANEMA P. DE ALMEIDA

Professora e pesquisadora em História

A mim, Ricardo, parece-me inadequado reconstruir as memórias que tenho do querido Paulo Bernardo desde uma quarentena que tem gerado tanta dor e sofrimento. Ele sempre foi (e é) liberdade, alegria, generosidade, energia, delicadeza, força e sabedoria. Com largas pitadas de um humor ironicamente revelador. Curiosamente, Paulo B vive, de modo muito prático, uma humanidade rara, que muitos dos que convivem com ele aprenderam a admirar.

Eu o conheci no Gris, quando me interessei por uma pesquisa em que ele estudava a iconografia dos livros didáticos de história recomendados pelo MEC. Estávamos em 1999, e a investigação era parte do projeto “Imagens do Brasil”, que se dedicava à efeméride de 500 anos do “descobrimento”. O projeto reunia não somente uma equipe muito impressionante de professores, sob a coordenação de Vera França, mas também uma turma muito especial de bolsistas. Tratava-se, sem sombra de dúvidas, não apenas de uma pesquisa relevante, mas de uma experi-

ência singular. Ali, vivemos ricas e formadoras discussões acadêmicas. Ali, fomos expostos a filmes, livros, exposições, imagens e músicas. Ali, criamos vínculos afetivos que, de formas diversas, perduram pela vida toda. Ali, em alguma medida, a universidade pode ser vivenciada em sua complexidade e exuberância, para além da sala de aula. Aquele projeto foi um mergulho transformador.

Quando comecei a trabalhar no projeto, Paulo B e Sílvia Capanema já atuavam juntos na frente dedicada aos livros didáticos. Pode soar estranho dizer que atuassem juntos, já que ele coordenava o projeto e ela (assim como eu) era bolsista de Iniciação Científica. Mas é aí que o modo Paulo B começa a se revelar. Desde o início, ele quis construir as coisas em conjunto. Entendíamos-nos como protagonistas do projeto, indicando referências, expondo ideias, trilhando caminhos, apresentando discussões em eventos e disciplinas. Ele não apenas acolhia ideias e fomentava o livre pensar, mas pontuava, com sua delicada inteligência, as balizas do caminho que percorríamos avidamente.

Chegamos a conclusões interessantes naquele projeto, publicando alguns textos sobre o descuido com que imagens eram trabalhadas nos livros didáticos e sobre a homogeneidade iconográfica a atravessar nosso imaginário de nação (ALMEIDA, S, 2007; MENDONÇA, R. F.; VAZ, P. B. F., 2006; VAZ, P. B. F.; ALMEIDA, S. C. P; MENDONÇA, R. F., 2002). Os resultados acadêmicos do projeto nos abriram muitas portas. No entanto, levei algum tempo para entender que, para Paulo B, mais importante do que aquela pesquisa, era a formação de pesquisadores. Mais relevante do que um produto ou uma publicação, era ter gente que sentisse prazer em pesquisar. Gente curiosa, que fizesse perguntas, que buscasse respostas e que se alegrasse com o trabalho acadêmico. Ou melhor, que se alegrasse. E ponto.

Justamente por isso, a orientação de Paulo B era singular. Mais do que uma lista de tarefas pré-determinadas, ele nos convidava a pensar de formas variadas. Muito presente no nosso dia-a-dia, Paulo B sempre teve uma recomendação de leitura, que não se limitava a artigos acadêmicos. Mandava ir a exposições, sugeria críticas culturais, insistia que lêssemos Thomas Mann, Guimarães Rosa, Walt Whitman, Lúcio Cardoso... Apresentava-nos xilogravuras, pinturas, fotografias e muitos filmes. Gene-

roso e atento, ele foi absolutamente fundamental para a expansão de nossos repertórios culturais e para alimentar uma espécie de confiança em nossa capacidade de escrever e de pensar. Com sutileza, Paulo B semeou cooperação, onde tende a vigorar competição, criando as condições para parcerias muito genuínas, não apenas com ele, mas, fundamentalmente, com outros ao seu redor, como a própria Sílvia Capanema e Frederico Tavares, que entraria para o grupo no ano seguinte.

É dessa forma destituída de protagonismo que Paulo B esteve sempre lá. Não somente como orientador, mas como o amigo que se tornou nos anos seguintes. Ele esteve lá no meu pós-operatório, quando fui estudar no exterior, quando me deparei com decisões difíceis ou quando quis trilhar novos caminhos. Paulo B estava lá quando meus filhos nasceram, quando a tristeza e a ansiedade chegaram, quando tive conquistas, quando celebrei a vida e quando me casei. Ele esteve efetivamente lá nos pingados e pães de queijo da cantina, quando precisei de uma recomendação de livro para um orientando ou de um puxão de orelha bem dado. Ele estava na Piraputanga de Campo Grande, na negação do amigo oculto, na fantasia do show de calouros, na tia Stella que renovou o natal, nas sugestões de viagem em Florianópolis e no encontro surpresa que trouxe uma pausa no dia pesado. Direto e sem meias palavras, ele está sempre cá, como se flanasse ao nosso entorno, acompanhando de longe os voos e as quedas daqueles que ele ajudou tantas vezes a andar.

Na sua sensibilidade ímpar, deduziu logo que eu não estaria bem nesse contexto da pandemia. Enviou, primeiro, algumas mensagens por *whatsapp*. Na sequência, mandou uma contação de história para meus filhos. Depois, fez um *happy hour* à distância, coordenado por Renata Lobato e que também teve a participação de Frederico Tavares e Julian Oliveira. Cada um em uma parte do mundo, e Paulo B com sua presença forte. Sei que, um dia ou outro, de alguma forma, chega seu novo alô despretensioso e delicado, que mostra que ele está sempre cá.

Na minha trajetória acadêmica, Paulo B continua uma inspiração, sinalizando os propósitos da orientação. Se me faltam a erudição e a sensibilidade que o guiam com naturalidade, procuro sempre lembrar que, mais importante do que uma pesquisa em si, é a possibilidade de contribuir para a formação de pessoas e a construção de colaborações...

Colaborações até na hora de escrever este texto. Aqui entro eu, Sílvia, para continuar a escrita que Ricardo Fabrino começou para nós. Paulo B sempre esteve lá. Um dos nossos últimos encontros foi na maternidade Delafontaine em Saint-Denis, na França, no dia 8 ou 9 de setembro de 2018, quando nasceu minha terceira filha, Clara. Ele estava lá. Tem até foto! Visita rápida como pede o protocolo, mas para mim inesquecível. Ele reclamando da dificuldade em pegar o T1 (bonde) e chegar à maternidade no coração da periferia de Paris. Que viagem! Mas ele veio. E veio com o seu companheiro Julian, adorável, e com a incrível Mona Huerta, francesa filha de exilados republicanos espanhóis, grande bibliotecária e americanista, colega dele na França e, bem mais do que isso, irmã, como ele costuma dizer...

Pois o papel do Paulo B não foi somente o de nos orientar na iniciação científica, mas também de abrir caminhos e rotas para o nosso futuro, acho que talvez ele nem saiba o quanto. No meu caso, posso dizer que foi indispensável na minha formação não somente para que eu criasse uma sensibilidade para a iconografia, mas para que eu me despertasse também para um diálogo entre as nossas tantas leituras em comunicação e a história. Como vim fazer a minha tese na França — em História —, ele também estava lá, apresentando seus amigos, pedindo ajuda para os seus “anjos da guarda”, dando dicas e conselhos pessoais, intelectuais, humanos.

Através da Mona, ele sempre se fazia presente. Mona estava lá na minha defesa de tese no Boulevard Raspail, na EHESS, dizendo assim “você sabe quem eu vim representar aqui?” Era ELE.

Certa vez, ainda na Fafich, um pouco antes de um dos natais, dei a ele um presente de orientanda para orientador, um vinho italiano escolhido pela minha mãe. Saí da reunião chateada, pois ele foi embora sem nem me agradecer. Chegando em casa, recebi um email, ainda estávamos no ano 2000 e o email era algo novo, mas já bastante usado. Era uma mensagem de agradecimento, de cujo título (*subject*) não vou me esquecer nunca: *Paulo Blimblão*. Soava como um sino de Natal. Ele sempre brincava com a Letra B. Tinha um Uno, singelo, de Placa 666 no fim. Dizia ele, “Paulo Besta...!” Mas que besta mesmo, sô!

Anos depois, estivemos juntos em um colóquio em Bruxelas, um dos meus primeiros eventos acadêmicos. E no primeiro livro que co-orga-

nizei, editado em 2009, há belo artigo dele e da Laura Guimarães Corrêa, também parceira dele do GRIS (CORREA, L; VAZ, P. B., 2009).

Somos todos crias do GRIS. As leituras de Stuart Hall, de Susan Sontag, de Roland Barthes, de Walter Benjamin e tantos outros foram as melhores bagagens que eu podia ter trazido na minha mala quando cheguei à França, aos 22 anos de idade recém completos. Mas Paulo B já tinha passado por aqui, na Universidade Paris 13, hoje Sorbonne Paris Nord, onde curiosamente me tornei professora 8 anos depois da minha chegada como intercambista da Fafich. E Paulo Bernardo também já tinha me apresentado para outros autores da literatura francesa e me deu de presente, num de meus aniversários festejados na casa dos meus pais no Prado, um livro de Romain Gary, *La Vie Devant Soi*. Belíssimo texto que somente um bom *connaisseur* da cultura francesa podia oferecer a alguém. Na dedicatória do livro, ele citava a relação profunda que eu tinha com a minha avó Rosa nos tempos de faculdade. Relação que não podia passar despercebida em sua sensibilidade. Ele sabe muito de nós.

Paulo também me apresentou para a Mazza, outra colega-irmã do seu tempo de Paris, editora mineira, mulher, negra, que pautou desde cedo para ele, e através dele para nós, a questão do racismo institucionalizado no Brasil. A representação do negro na iconografia do livro didático de história sempre foi a minha parte preferida daquele, como bem disse Ricardo, que foi o “nosso trabalho”. E muitos e muitos anos depois ainda vemos a pintura histórica e as representações presentes nos livros sem nenhuma problematização, os usos repetidos de imagens de Frans Post, Jean-Baptiste Debret, de Johann Moritz Rugendas, que tanto vimos no nosso trabalho, como forma “ilustrativa” de um texto e não como fontes. Partes de um passado que não passa, perguntávamos nós, sobre os lugares sociais pré-estabelecidos.

Muita coisa aconteceu desde então. Além de todo o impacto das novas tecnologias, os movimentos sociais, as novas reivindicações e lutas, a lei 10.639 de 2003 de ensino da História e cultura afro-brasileira e africana e a lei 12.711 de 2012 das cotas sociais e raciais nas Universidades públicas, como sabemos. Perceber a “evolução” dessas abordagens iconográficas nos livros de História do Brasil nos dias de hoje é um convite em aberto feito por Ricardo Fabrino. A vida corrida, dos dois

lados do Atlântico, não nos permitiu retomar essa questão. Mas quem sabe? Pois outras mudanças bem menos interessantes também aconteceram. Muito me espantou ler recentemente o presidente Jair Bolsonaro afirmar que “os livros didáticos têm muita coisa escrita, (...) é preciso suavizar”, garantindo que o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), sob sua gestão, vai ser revisto para incluir a bandeira do Brasil e o hino nacional¹. Triste presente brasileiro!

Aliás, lembro-me que, certa vez, Paulo B me disse que ficou os 4 anos de sua tese na França sem voltar ao Brasil. Eu achava esse tempo muito longo, me perguntava como ele teria conseguido. Mas confesso que desde a posse de Jair Messias Bolsonaro também não consegui retornar. Ainda não se passou muito tempo, mas não sei como serão os próximos meses, com a crise sanitária e o COVID-19. Só espero não demorar muito - apesar de #elenão continuar no poder. Muitas saudades de sentar à mesa com Paulo B, Ricardo, Paulinha, seus filhos ao redor, Renné, talvez Vera, Mazza e outros amigos, perto das minhas 3 meninas, na casa de minha mãe, para comer um pão de queijo saindo do forno com requeijão e tomar um café, talvez um bom vinho francês ou português.

Uma das descobertas mais sagazes do nosso querido mestre, nosso amigo, nosso professor, Paulo B, está resumida num belo artigo que tive a oportunidade de ler ainda nos tempos de Fafich: “Livro, eterno livro” (VAZ, 1998). Paulo B, ilustrador, conhecedor e amador de imagens, mas sobretudo de livros, nos dizia já em 1998 com a chegada avassaladora da internet e da cultura digital, que o livro permaneceria, depois de já ter sido ameaçado pela cultura de massa (Adorno e aquele papo todo da Escola de Frankfurt. Obrigada, mais uma vez, ao Gris pelas leituras). E como o livro continua presente! E é por isso que num livro como este é preciso escrever: Paulo, eterno Paulo! Sempre surgindo nas nossas rotas. Paulo B, B para tudo aquilo que é Bom, Brilhante e Belo.

1. Conforme matéria de O Globo em 03/01/2020 : <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001> (Consultado em 10/04/2020).

P & B

paulo b em p&b

DIEGO BELO

Designer, pesquisador em Comunicação

julgamos saber a regra para o que antecede o p&b. princípio arcaico e utilitário, parece conter relação com a oralidade, uma particularidade fonética ligada à pronúncia e sonoridade das consoantes bilabiais. certo é que tal regra se aplica apenas àquilo que precede o p&b. após o p&b, de fato, nada nos governa. aliás, depois do p&b, a única lei aplicável é não seguir regras. além de questioná-las, apostar que quebrá-las é muito bem-vindo.

*

vale escarafunchar o senso comum: houve um antes do p&b?

pode ser que o p&b seja o princípio: pertence ao espaço, mas responde, na essência, ao tempo. representa tudo e, simultaneamente, nada. antagônico e complementar, em perpétua oscilação de predomi-

nância. indica roteiros, mas é difuso e não impõe caminhos. é pendular. ora tomado como ausência: de tinta, do halo. sob outra visada, é a soma de todas as cores, a iluminação em seu máximo efeito. suporta paradoxos: feito de luz e afeito aos pigmentos, sabe conjugar presenças e ausências num só corpo. e tudo bem que tal potencialidade também se aplique ao símbolo do yin-yang ou às zebras caolhas de *java* que querem mandar fax para moça gigante de *new york*.

ser p&b é buscar compreender parcela do espectro visível e imaginável: das pequeninas letras impressas às imagens que se formam em nossa memória. dicotômico, contudo dialético. atua nos limiares e passagens, adepto que é da *flânerie* benjaminiana. nas margens entre o lusco e o fusco de suas formas, tecnicamente descritas pela conjunção da haste – seja ela descendente ou ascendente – com o desenho curvo do bojo, que conecta os traços dos caracteres, temos estabelecido um dentro e um fora. conhecida como olho, a parte interna – porém visível do p&b –, atua como um sentinela a nos guardar.



FIGURA 1. anatomia do pê.

FONTE: autor, 2020.



FIGURA 2. anatomia do bê.

FONTE: autor, 2020.

além disso, se bem observarmos o p&b, perceberemos um motivo submetido ao movimento de reflexão. transita entre as textualidades e as tessituras formais da visualidade. o p&b representa movimento e concentra um potencial cinético que se faz presente em si mesmo.

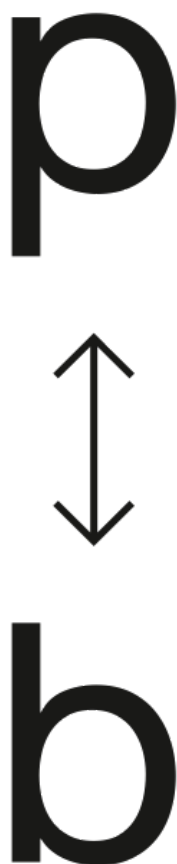


FIGURA 3. acrobata do sensível.
FONTE: autor, 2020.

não em vão, é simples desvendar um exímio praticante de pilates e natação. nove fora o “d” e o “q”, o p&b é um duplo, um múltiplo, artífice de tais piruetas. se entrelaça e se confunde, dado que é muitos.

descrever o p&b é descobrir morfologias afetivas, correspondências antropomórficas. não se trata, por óbvio, da imagem de um só corpo singular, mas de sua tradução em signo corpóreo por meio da abstração simbólica. nada mais adequado, portanto: levando a filosofia flusseriana em conta, tomamos os símbolos como fenômenos que substituem outros fenômenos. isso faz da comunicação – especialidade do p&b – uma substituição, já que é capaz de dar significado à vivência daquilo a que se refere.

ao invés da soma ou inventário do que o p&b representa, a morfogênese condiz com as fecundas relações que é capaz de convocar. conviver com o p&b é uma convidativa experiência e orientação, através da qual vemos incorporado um espírito humano inquieto e inquisitivo. talvez seja isto: ao nos guardar, o p&b sempre esteve em trabalho de parto.

o p&b é um ambíguo obstetra de seus e de nossos devaneios, generoso com os proficientes e zeloso pelos novatos. sem hesitar, é capaz de revelar um vasto mundo proliferante de imagens singulares. na medida em que implicado no movimento de enquadrar e montá-las, sobrevém a legibilidade, serve aliada de nossas possibilidades investigativas, o princípio fundamental do exercício científico. inversão da lei entrópica que enreda todas as coisas, a curiosidade imaginativa faz com que a experiência do mundo e de nós mesmos progrida à medida que questionamos o pensamento por meio da impossibilidade do pensar. em síntese, o p&b nutre o olhar, sacia a curiosidade, reconhecidamente uma incessante energia progenitora de todo conhecimento.

há de se destacar também aquilo que o p&b rejeita. por aversão à hegemonia do solucionismo ante aos extremismos supostamente pacificadores, o p&b consegue operar numa espécie de oscilação polar. e isso é possível porque o p&b coloca as respectivas polaridades em estado de variação contínua. embora representem forças contrárias, jamais se opõem de modo absoluto, dado que há, no próprio p&b, nuances de conciliação que permitem um fluxo ininterrupto entre pares. parafraseando ensinamento didi-hubermaniano, ao enredar a todos num

complexo jogo do ver sabendo-se olhado, consegue contribuir para que, dessa experiência, resulte um abrangente repertório pautado pela convivência. ainda que possa parecer antigo para alguns, o p&b aprendeu a se regenerar, como bem se diz, novo em folha.

inclusive, prolífico é um adjetivo que autentica a extraordinária faculdade do p&b de fertilizar os nossos sentidos. sejamos justos: somos indissociáveis do p&b. cabe desconfiar que antes do p&b era tudo nonada. superada a travessia, quando antes percebermos que o que existe mesmo é homem humano, concluiremos sem pestanejar: o p&b nunca tem fim; ele vive em nós.

p

b

FIGURA 4. apoteose da transubstanciação 1.
FONTE: autor, 2020.

p

b

FIGURA 5. apoteose da transubstanciação 2.

FONTE: zutor, 2020.

p
b

FIGURA 6. apoteose da transubstanciação 3.
FONTE: zutor, 2020.

A large, bold, black letter 'B' centered on a white background. The letter is a simple, sans-serif style with a thick vertical stem and two rounded, open loops.

FIGURA 7. apoteose da transubstanciação 4.
FONTE: autor, 2020.



FIGURA 8. paulo b.
FONTE: autor, 2020.

PROFESSOR

Paulo B nunca foi meu professor

ELTON ANTUNES

Professor e pesquisador em Comunicação



FIGURA 1. Manifestação contra os cortes do governo federal nas universidades públicas
FONTE: arquivo pessoal de Elton Antunes, 1998.

Formei-me em comunicação em 1988, ainda no antigo prédio da Fafich no Bairro Santo Antônio. O primeiro contato com ele ocorreu apenas em 1990, já no prédio do campus da UFMG na Pampulha. Fui, juntamente com meu colega Rogério Bernardes, entregar ao Departamento de Comunicação Social nosso relatório final de uma pesquisa – “Jornalismo político mineiro: os parlamentares da notícia” realizada durante a graduação e que só concluímos pouco depois da formatura. Paulo era o então chefe de departamento, tinha virado professor do quadro efetivo naquele mesmo ano. Espigado, de paletó, nos recebeu dizendo da importância para o departamento daquele gesto de receber um trabalho que era demonstração do que a comunicação produzia conhecimento na universidade.

Depois disso, retornei à universidade em 1993 para fazer mestrado e vez ou outra o vi nos corredores contíguos da Sociologia e da Comunicação. A partir de 1995, trabalhando pela assessoria de comunicação da UFMG, de vez em quando andei pela editora onde Paulo era diretor, no reitorado do professor Tomaz Aroldo da Motta Santos. Ou então trombávamos no prédio da reitoria, e os trabalhos de pesquisa que ele desenvolvia com a professora Maria Céres Castro (“Folhas do Tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926” e “Itinerários da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1926”) e a minha pesquisa de mestrado sobre a modernização da imprensa de BH no início do século XX nos davam um ponto de interesse comum para um cumprimento. Como ele dizia – “jornal velho”. “Quando é que você vai lá pro departamento”, me perguntou umas duas vezes.

Só conheço Paulo há 30 anos. “Se o lembrar do passado não for uma simples enumeração oca, mas a tentativa, sempre retomada, de uma fidelidade àquilo que nele pedia um outro devir” (GAGNEBIN, 1998, p.111), preciso dar conta dessa ligação com ele em processos que se desenvolveram ao longo dessas três décadas de uma maneira dupla: inicialmente, pensar os diferentes movimentos que produziram linhas de atividades, percursos de trabalho paralelos, coetâneos, cruzados, convergentes, contraditórios; e, ao mesmo tempo, inferir o entremear dessas linhas

de modo a perceber a “malha” que vai se formando – sua costura, sua ligação, seu entrelaçamento, por vezes seu embaraço. Um emaranhado de linhas, com uma *fabricação*, no sentido proposto por Ingold: “é menos uma questão de projeção, do que de *encontro*, mais análoga talvez, à costura ou à tecelagem do que ao tiro ao alvo. Ao fabricarem coisas, os praticantes vinculam os seus próprios caminhos ou linhas de devir à textura do mundo” (2015, p.202). Minhas fabricações com ele começaram oficialmente então em 22 de janeiro de 1997, quando o Diário Oficial da União publica portaria me nomeando “Professor Assistente da área de conhecimento Programação Visual”.

No mestrado eu havia conduzido minha pesquisa para uma análise cultural da imprensa, com a dissertação “Um jornal no meio do caminho: os arquitetos da imprensa na Belo Horizonte dos anos 20 e 30”. E minhas atividades docentes até então orbitavam no campo de uma sociologia da comunicação, da cultura, da análise crítica de processos comunicativos. A área de conhecimento “Programação Visual”, indicada para o concurso, nunca fora objeto do meu investimento conceitual, sendo tão somente lugar de prática episódica em diferentes atividades ligadas à comunicação/jornalismo.

Esse campo de trabalho nos cursos de comunicação, com poucas exceções, era ainda muito parecido com o que eu vira quando estudante de graduação: informações tópicas sobre aspectos físicos/materiais de mídia impressa, discussão breve de aspectos de páginas e diagramação, de tipografia, de aspectos históricos, tudo ainda embalado por uma abordagem algo impressionista do design – no campo da “arte” ou da “técnica”. O centro da atividade nessa área na UFMG estava em torno das disciplinas “Planejamento Gráfico para Jornalismo, Planejamento Gráfico em Publicidade e Propaganda, Produção Gráfica e Edição Jornalística”, cujas ementas apontavam para conteúdos como estética aplicada ao material gráfico; planejamento e impressão e suas implicações sobre o projeto gráfico de jornais e revistas; tipologia e medidas gráficas; utilização de ilustrações em jornais e revistas; utilização de cores; técnicas de composição e de impressão; projetos gráficos para uma campanha publicitária: planejamento, criação e execução; edição jornalística; articulação com projetista gráfico e editor; normas e critérios edito-

riais; livros de normas, provas tipográficas: revisor e conferente. A atividade básica a ser transformada em processo de aprendizagem tratava de oferecer aos estudantes uma “visão geral de planejamento gráfico” e permitir o estabelecimento de parâmetros analíticos que traduzissem “a situação de percepção e da crítica ao planejamento gráfico de jornais e revistas”.

Minha experiência com o jornalismo até então favorecia pensar sobre possíveis abordagens para o concurso. Afinal, havia me concentrado até agora no trabalho com práticas jornalísticas em que era preciso lidar com o conjunto dos processos envolvidos na produção. Os formatos e a linguagem gráfica apareciam articulados a procedimentos e fazeres que davam outra dimensão aos saberes das formas gráficas, para além de uma visão instrumental da técnica. Além do mais, desde o início dos anos 1990, vinha tendo contato com a introdução paulatina de diferentes recursos informáticos na área gráfica, e a diagramação com o uso de computadores já oferecia referências importantes para além do universo do design de páginas até então predominante (diagramação em papel, composição tipográfica, marcações para gráfica etc.).

A vaga, para professor assistente, permitia que profissionais com titulação apenas de mestrado, como eu, pudessem concorrer. À época, a área da comunicação e do jornalismo ainda engatinhava no processo de qualificação e tal realidade reduzia fortemente a perspectiva de aparecerem muitos candidatos mestres e doutores. Paulo Bernardo estava lá na banca e confesso que a efusividade com que me acolheu me deu segurança para apostar na carreira.

A partir daí juntei minhas inquietações com a sensibilidade e o modo Paulo de fazer. Era possível propor uma abordagem distinta para a maneira como a questão da “programação visual” era tratada no ensino de graduação: associar modos de ver e modos de fazer; discutir as relações entre materialidades, suportes e formas; apontar as linhas centrais da evolução histórica da linguagem gráfica em jornalismo; lidar com os elementos básicos da comunicação gráfica, como forma, equilíbrio, luz e sombra; apresentar diferentes estilos de projetos gráficos em jornais e revistas; introduzir o universo crescente da então chamada “multimídia”. Autores ligados à pesquisa da história cultural do impresso, como Roger Chartier, às práticas de leitura, como Michel De Certeau, ao trabalho dos

suportes, como Régis Debray, à discussão das formas jornalísticas, como Maurice Mouillaud; às crescentes discussões sobre o “fim do livro”; um conjunto significativo de temas e um vasto universo de autores permitiam retirar a discussão da linguagem visual, no universo do impresso e do jornalismo, da dimensão estrita da instrumentalidade técnica, do mero movimento de arrolar dicas e regras de como fazer.

Mas se a hesitação ante o concurso havia sido superada e substituída por uma nova condição, a de professor efetivo em regime de dedicação exclusiva, novas indagações emergiam e se faziam incisivas a partir de agora. As experiências episódicas e laterais com o ensino superior nunca demandaram que eu tematizasse efetivamente a questão da docência. Quais as boas práticas para a atividade de ensino? O que eu tomava por um “bom professor? Como essa discussão era feita entre e com os meus agora colegas? A questão pedagógica se apresentava a partir de então na ordem do dia. Quando na graduação questionava práticas de certos docentes, elogiava outras. Mas qual o saber que efetivamente possuía para atuar na docência no ensino superior? Como lidar com um saber que é ao mesmo tempo um fazer e pensar os processos de aprendizagem? Como transmitir uma habilidade prática? Que saberes podem nos conduzir nessa discussão? A formação pedagógica, para mim, nunca havia sido objeto de qualquer experiência sistemática, refletida. Saber comunicação não era necessariamente saber ensinar comunicação. Então, nesse início, coleí no Paulo Bernardo que, junto com a professora Rúbia Roberta Rodrigues, generosamente me acolheu no DCS. Com eles dividiria as disciplinas da área gráfica, o trabalho no Atelier de publicidade e, tempos depois, o gabinete de trabalho. Conversar sobre essas atividades, em um café com biscoito de queijo, virou uma deliciosa rotina em que íamos *resolvendo e misturando* as coisas. Tudo junto. Foi assim que, convidado ainda nesse início pela professora Vera França a participar do projeto integrado de pesquisa “Belo Horizonte, 100 anos depois: as novas condições da experiência”, também fui trabalhar com Paulo pela primeira vez numa atividade de investigação. E, exceto pelos momentos de afastamento para qualificação acadêmica, nunca paramos essa interlocução.

O tudo junto foi fundamental. Atuando no Atelier de Publicidade assumira demandas de orientar bolsistas na área de projetos gráficos.

Junto com Paulo ia assimilando conhecimentos e técnicas de trabalho, um saber-fazer novo em vários aspectos. E principalmente um modo de lidar com a formação dos estudantes como mais um lugar de aprendizado. Não me esqueço quando, de forma experimental, reunimos junto com a professora Rúbia Roberta e apoio dos jornalistas Enderson Assumpção e Cláudia Fonseca, técnicos da Oficina de Comunicação Integrada, a oferta de uma atividade laboratorial chamada “Oficina de Web design”, no segundo semestre de 1998. Fizemos a criação e desenvolvimento de websites das diferentes unidades acadêmico-administrativas que compunham a Fafich. Durante um semestre tratamos, com um grupo de 20 alunos, dos objetivos de uma *homepage* institucional, dos parâmetros para construção de um *website*, da natureza da informação, público, procedimentos de atualização, sentidos de navegação etc. Não custa lembrar que se tratava de um momento inicial de “explosão” da internet, quando a maioria dos sites na UFMG ainda eram bastante rudimentares, quando existiam. Fizemos sites para a Biblioteca da Fafich, para o departamento de Sociologia e Antropologia, para o departamento de Comunicação Social e para a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. A metodologia adotada foi do trabalho em equipe para atendimento de demandas de “clientes reais”. Foi preciso dar conta das demandas de cada órgão, avaliar a complexidade de cada projeto, definir os objetivos dos sites, recolher material (captação dos textos, fotos, áudio, vídeo, banco de dados, etc.). Em seguida planejar a “Arquitetura” – a estrutura do site com suas áreas e links. Na etapa seguinte fazer o design, dando formas àquilo definido anteriormente. Por fim, dar conta da implementação, em que todos os sites deveriam estar online e operacionais. A equipe foi dividida para as tarefas específicas como arquitetura de informação, direção de projeto, produção de conteúdo, design de interface, mas todos trabalharam conjuntamente ao longo do semestre em uma dinâmica de laboratório. A partir de 1999 os sites foram ao ar, em experiência decisiva para a formação dos professores, alunos e técnicos que atuaram nessa empreitada. Um saber das práticas, a aprendizagem como uma forma de participar em um processo difuso mas que não era individual.

Assim foi em seguida a inspiração para o Projeto Manuelzão, ação de extensão que tratamos desde o início como uma espécie de atividade

laboratorial assentado em uma pedagogia do aprendizado no trabalho. Nesse período Paulo estava lá, “conferindo” no atelier, por exemplo, a proposta gráfica da revista *feita por estudantes* com tiragem de 100 mil exemplares. Ou no projeto “Comunicação para o CEALE”, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG. De novo, uma equipe com profissionais de jornalismo e publicidade, egressos do curso de comunicação e formados no âmbito de projetos que coordenávamos, assumira as funções na assessoria do órgão e adotou como procedimentos metodologia de envolvimento de estudantes similar àquela adotada no projeto Manuelzão.

Nosso emaranhado se consolidou conceitualmente no Gris. A partir de 2006, na fase final do projeto “Narrativas do cotidiano – Fase II: consonâncias e dissonâncias no âmbito da comunicação”, operando como uma espécie de centro de pesquisa, o Gris se subdividia em grupos que, além da discussão comum, aglutinavam pesquisadores com temáticas e dinâmicas próprias. Sob dupla coordenação, assumimos o GrisPress (Culturas do Impresso), cujo horizonte de questões teórico-metodológicas já se fazia presente desde a formação do grupo em 1994 na atuação do professor Paulo Bernardo Vaz. Voltado para uma espécie de “arqueologia do impresso”, buscamos mostrar como as distintas teorizações convergiam para um campo analítico no qual a imprensa e o impresso são vistos na sua composição articuladora de diversas matérias significantes – layout, textos, fotografias, títulos etc. – que ultrapassa uma visada meramente linguística do texto e busca alcançá-lo como constituído e constituindo a vida na e da cidade.

É nesse momento que participo da produção de texto de “viragem” na minha carreira, indicador a meu ver de um processo de amadurecimento intelectual que vinha experimentando no período de doutoramento. Em coautoria escrevemos “Mídia: um aro, um halo e um elo”, que organiza algumas de nossas reflexões sobre o trabalho que fazíamos e me abre perspectivas para outras intervenções na produção acadêmica, em um processo paulatino de preparação para ingressar como pesquisador no programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG. Lá, com Paulo, seguimos compartilhando bancas, orientações e disciplinas e mais práticas de pesquisa. Andamos juntos em projetos como o “Tecer:

Jornalismo e Acontecimento”, desenvolvido de novembro de 2008 a início de 2013, dentro do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD/CAPES, com as universidades federais de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Universidade do Vale dos Sinos. Projeto que o levou para pós-doc em Portugal em 2010 e uma experiência que fez com que me intimasse a cumprir o “mesmo caminho”. “Vocês vão adorar Braga”. Nunca gostei tanto de uma cidade... Fui como ele para o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade) em 2012, quando ele se aposentou e me “acalmou”: “vou seguir com trabalho voluntário, mas agora vou fazer o que eu quero”.

Deixamos o convívio diário também entre 2013 e 2015, quando Paulo atuou como professor visitante na UFSC. No seu retorno combinamos de voltar juntos dirigindo. Mil e 300 quilômetros em que viemos repassando a vida, o país, a universidade e a estrada *em revista* (éramos do Grispress!), dois dias que me alegravam mais por saber que o convívio cotidiano leve e divertido na universidade estaria de volta.

Desde então seguimos em projetos e aulas, em conversas e leituras, tudo junto. Tomando o café de lei. Paulo B sempre foi meu professor.

SENSIBILIDADE

Frutos na terra ou a educação pela sensibilidade

BRUNO SOUZA LEAL

Professor e pesquisador em Comunicação

Eu também fui aluno do Paulo B Acho que ele não se lembra disso. Não fui um bom aluno, no início de sua atuação como professor na Comunicação da UFMG, na década de 1980, perdendo-me entre réguas, paucas e papéis. Isso não é dizer que não venho, desde então, aprendendo com o Paulo e, com ele, creio ter me tornado um professor e um pesquisador melhores. Ao longo dos anos, o Paulo me inspirou e se tornou uma referência em algumas de suas posturas, qualidades e atitudes e é sobre uma pequena parte delas que trata este texto.

Quando conheci o Paulo B, na segunda metade dos anos 1980, ele estava de volta ao Brasil, após um período em ele que foi pobre em Paris (e quando ele fez seu doutorado), tendo iniciado sua carreira docente — pelo que sei — na então Universidade Católica de Minas Gerais. Começou a trabalhar na UFMG como uma espécie de professor substituto, tendo inclusive ficado meses sem receber até que uma série de pendências administrativas se resolvessem. Ele era na época um dos dois professores doutores do Departamento de Comunicação. E eu estranhava, na ausência de um debate acadêmico mais substantivo no

curso de graduação, as atitudes do Paulo, sempre nos mandando ver, ler, tocar, pegar, imaginar. Esperava não sei bem o que, talvez um professor-doutor nos moldes de estereótipos e clichês da indústria cultural. Paulo B, bem sabemos, está longe dessas imagens óbvias – e nem um pouco preocupado com isso! Hoje, tenho consciência de minha ingenuidade e da sofisticação do gesto do Paulo, algo que cresceu à medida que minha experiência docente foi se desenvolvendo.

Num período em que lutávamos para termos nossas sexualidades “desviantes” reconhecidas em sua legitimidade; num contexto em que a Aids provocava pânico e temor e era usada como flagelo por parte de setores conservadores; em tempos em que mesmo a Fafich e a Comunicação tinham docentes e estudantes com explícita dicção preconceituosa (hoje chamamos de homofóbica), o Paulo era elegantemente, assumidamente, independentemente, divertidamente gay. Não era o nosso único professor gay e os outros tiveram muito impacto em mim, em especial o generoso, erudito e por vezes imprevisível Geraldo Maia. O Paulo me surgia então como enigma: como alguém podia ser assim, exalar tranquilidade, segurança e liberdade no exercício de seus afetos e de sua sexualidade (eu ainda tão incerto, inseguro e preso)?

Assim, meio conhecendo sem conhecer bem, reencontrei, depois de graduado, algumas espaçadas vezes com o Paulo, em situações acadêmicas e sociais diversas. Numa dessas ocasiões, aliás, ele, já morando no centro da cidade, fez um longo desvio até o Carlos Prates, em seu carro, um fusca muito estimado, para deixar em casa um jovem ex-aluno em estado alcohólico pouco elegante. Voltei a conviver com ele, com regularidade, quando me tornei professor do Departamento de Comunicação, algo que, em anos anteriores, nem sequer cogitava. Ao todo, são hoje mais de 18 anos de convívio profissional e afetivo com o agora meu colega. E fica cada dia mais nítido um aprendizado que eu sei que não se interromperá e que se renova cada vez mais carinhosamente.

Nathanael e o aprendizado da sensibilidade

Tocar, pegar, ler, imaginar, constituir repertórios. Todos que conviveram com o Paulo já ouviram, de diferentes modos, essas diretivas. Para muitos, pode parecer uma espécie de elogio a um

empirismo *naïf*, de ausência de método, de rigor, de pensamento. A esses e essas, eu só posso oferecer tristeza e meus lamentos, por não saberem reconhecer atitudes e qualidades acadêmicas únicas. Sempre trabalhando com a cultura visual e do impresso, Paulo entendeu e nos ensinou que não basta a informação, a teoria ou o conceito. É preciso repertório, porque ele nos abre possibilidades de ver e saber; é preciso disponibilidade, para conhecer, descobrir e, especialmente, encontrar: imagens, textos, mundos, pessoas, histórias, olhares, épocas. É preciso sensibilidade, antes de tudo. E a “ausência de método” do Paulo revela-se então como um delicado, cotidiano, generoso estímulo ao cultivo da sensibilidade. Como sabemos, a percepção e a sensibilidade são simultaneamente físicos, cognitivos e culturais e é por isso mesmo que é importante desenvolvê-los, estimulá-los. É preciso então experimentar, *ter experiências*.

Em algum momento já nos anos 2000, Paulo, então professor da “Oficina de criação visual”, à época disciplina do primeiro ano da graduação, se viu diante de um desafio: um dos alunos era cego. Como ensinar criação visual para quem não vê? Ficamos sabendo então que Paulo dedicou parte do tempo das aulas a esse aluno, a quem pedia – como a todos os demais – para tocar e sentir texturas, gramaturas, densidades; pedia para escutar e visualizar; pedia para cultivar ouvidos, tato e olfato, para produzir imagens mentais e entendimentos acerca de cores e formas. O aluno, pelo que sei, adorou as aulas, adquiriu habilidades e competências imprevistas. Ao convocá-lo ao toque, à escuta, Paulo o tratou como a cada um dos seus alunos, ensinando que sensibilidade se aprende e se cultiva. E que isso deve, só pode ser feito, de modo livre, aberto, em respeito à individualidade e à história de cada pessoa. Não há “método”, nem regras e sim princípios: éticos, de respeito ao outro; estéticos, de elogio à liberdade e ao gesto criativo; pedagógicos, de tornar a experiência sensível uma estratégia de aprendizagem; de comunicação, com a apresentação franca e aberta de valores, comportamentos e ideais.

O olhar cultivado faz muitos definirem o Paulo como um erudito ou, como ouvi uma vez, um “esteta”. Pode ser, pois não há dúvida quanto ao seu vasto repertório e conhecimento, quanto aos seus hábitos de leitura

e com as artes, quanto à visão esteticamente sensível, por vezes inesperada, que traz acerca de pessoas, situações, acontecimentos. Para mim, chama ainda a atenção como esse cultivo à sensibilidade gera reflexões e percepções que materializam, renovam ou deslocam teorias e conceitos. Diante de (mais uma) página de jornal, de (mais uma) foto de um acontecimento frequentemente noticiado, é preciso ter olhos para ver um cristo descendo da cruz na imagem de um presidiário morto sendo levado por seus colegas. Nas fotos e descrições de mulheres que sofrem com a violência de gênero, é preciso repertório e uma sensibilidade cultivada, inquieta, para reconhecer a *imagérie* e a tradição das santas sofredoras e mártires católicas. No que poderia ser visto como um mero *insight*, se fazem presentes intertextualidades, museus imaginários, atlas; experiências estéticas, fraturas, contrapelos; emergem dinâmicas culturais, formações históricas, posicionamentos políticos. Vários de nós somos capazes de discorrer sobre esses temas, conceitos e relações; poucos sabem fazê-los valer e atualizá-los.

É comum ouvir dos orientandos do Paulo, da graduação ao doutorado, ao menos duas falas: uma sobre o “mergulho”, o “namoro”, o “olhar imersivo” no fenômeno sobre o qual se quer elaborar uma reflexão, de capas de revistas ou de livros a pôsteres, de foto de jornal ou de livros didáticos, de objetos artísticos a outros mais vulgares; a outra é sobre uma angústia. “Olhar para quê?”, “Ver o quê?”, fazer o que com esse namoro? Acredito ser parte de qualquer processo de orientação a valorização de alguns momentos de, sim, angústia e de incerteza em mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos por vezes muito seguras ou excessivamente pragmáticos. Não estou certo se esse algum dia foi o propósito do Paulo. Ao indicar esse movimento em aberto em direção ao fenômeno, Paulo simultaneamente demandava autonomia de pensamento e instigava encontros e descobertas. “Namorar” o texto, as imagens, os produtos, é colocar-se à deriva, deixar-se instigar, deslocar, por formas e fazeres eles mesmos portadores de conhecimentos e de histórias. O olhar nunca é *naïf*, nunca é puro; as coisas não são meros exemplos ou demonstrações daquilo que alguém já sabe ou que acabou de aprender; elas também têm vida e nos ensinam. É preciso sensibili-

dade para abrir o olhar; é preciso inquietação para ver; é preciso generosidade para encontrar, surpreender-se... e pensar.

Nathanael e o aprendizado da franca impaciência

Um adjetivo muito frequente associado ao Paulo B diz de sua proverbial falta de paciência. Ele parece sempre estar correndo entre uma tarefa e outra, sem nenhuma pachorra para reuniões demoradas, informes longos ou diagnósticos (quase) tautológicos. Há quem tenha ouvido falar e até difundido as tecnologias do Paulo para lidar com (suportar, se esquivar, escapar, interromper...) esses momentos! Eu certamente o fiz! Se a impaciência é uma marca, seria um equívoco entender que ela estaria ligada à irresponsabilidade. Paulo é francamente impaciente e essa franqueza diz, ao contrário, de um grande compromisso com os tempos próprios e dos outros. Diz também de seu humor.

Anos atrás, após um período de trabalho em Braga, no norte de Portugal, em função do convênio de pesquisa com a Universidade do Minho, nos vimos, ele, eu e Elton Antunes, com um dia livre antes do retorno ao Brasil. Alugamos um carro e fomos a Santiago de Compostela, que nós já conhecíamos, cerca de 1h30 da cidade portuguesa. Sugeri então que fôssemos também à Finisterra, um dos pontos finais do Caminho de Santiago, no extremo ocidental da Península Ibérica. A viagem demorou um tanto, por entre vilas e estradinhas da Galícia. Passei a ida e a volta “sofrendo” com a impaciência do Paulo diante da demora para chegar e da despreensão de Finisterra: um pequeno farol, uma lanchonete e um monte baixo que se precipita em direção ao mar. A impaciência rendeu momentos de muito riso e extravasou a demora (e logo o cansaço) que todos sentíamos, em função da semana de trabalho e da viagem. O passeio foi muito agradável, com algumas descobertas interessantes. Mas Paulo não ia deixar passar a oportunidade...

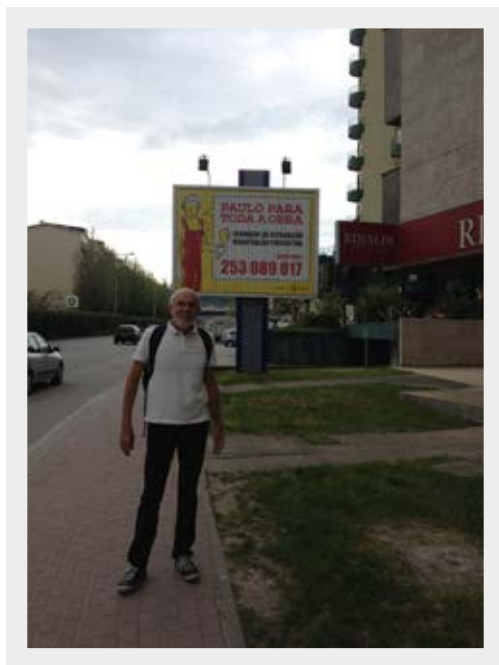


FIGURA 1: Paulo B.

FONTE: arquivo pessoal de Bruno Souza Leal.

Se vi o Paulo sendo muitas vezes brincalhão, frequentemente discreto em relação às disputas e tensões da vida acadêmica, acompanhei, com regularidade, sua impaciente franqueza ao assumir posturas, em defender posições que entendia serem as mais corretas; em dizer, sem papas na língua, o que ele achava que precisava ser dito a quem ele gostava, se preocupava, se interessava. Alunas e alunos da graduação, da pós-graduação, colegas e amigos creio que sabem e assim esperam. Em correria, inquieto, em movimento (nem que seja em razão desta ou daquela série, livro ou filme), aparentemente apressado, Paulo manifesta, sempre que entende ser necessário, um cuidado, uma atenção, um olhar comprometido com o outro. Já vi Paulo aborrecer-se com disputas de poder comezinhas e delas se afastar; já vi, também, ele contrariar supostas hierarquias e defender colegas, explicitar críticas a pessoas próximas de quem discordava; já o vi abrigar e apoiar quem (se) perdeu (n)essas disputas, mesmo às vezes delas discordando; e o vi

cuidar, orientar, aconselhar, sugerir. A impaciência do Paulo pode ser confundida com falta de educação, idiossincrasia ou mesmo irresponsabilidade. Para mim ela é franqueza e cuidado, que têm como baliza ou fundamento a valorização da autonomia e da independência sua e dos que com ele se relacionam.

O cuidado do Paulo com seus orientandos e essa valorização da autonomia leva a atitudes na contramão do que muitos fazemos na pós-graduação. Parece óbvio que quando um de nós tem uma boa orientanda ou um bom orientado de iniciação científica, de tcc ou de mestrado que queiramos manter esse diálogo no nível seguinte de formação (mestrado, doutorado, pós-doutorado...). Mais de uma vez, porém, ouvi o Paulo dizer da importância de “liberar essa menina” ou “liberar esse menino”, algo que ele não só fez como estimulou. Diante de alguém com potencial para o mercado ou a vida acadêmica, o Paulo estimula a abertura de diálogos, de caminhos, de parcerias para além daqueles que já se tem ele. Vai fazer mestrado com XXX, vai tentar doutorado na universidade XX, olha, já leu XX, tem a ver com vc...Algumas das pessoas que escrevem neste livro e que foram orientadas pelo Paulo sabem o quanto ele os estimulou a buscarem seus caminhos próprios, mantendo e às vezes até mesmo ampliando os canais de contato e diálogo entre eles.

Nathanael e a independência

Independência implica autonomia, mas não afastamento ou descompromisso. Aos meus olhos, vejo no Paulo a independência ser exercício da liberdade de pensamento e de ação, da alegria de viver e como uma forma afetiva de diálogo. Pois, da mesma forma que o Paulo é livre para estimular suas orientandas, seus orientados e parceiros a trilharem caminhos únicos o é também para tomar partido, para defender, abrigar, aconselhar, com desinibição, franqueza, afeto...e diversão.

Na década de 1990, quando a Comunicação assistia o retorno de professores recém-doutorados, o que viabilizou a criação do programa de pós-graduação, havia também festas e encontros artísticos e culturais. Num desses, o Paulo foi, já de barba branca, vestido de rosa da cabeça aos pés, atendendo então pelo nome de Pink Freud. Ele também

já criou uma personagem histórica, Tia Stella, uma dama – belíssima, diga-se de passagem – latifundiária do interior de Minas, conservadora e aristocrática. Não tive o prazer de confraternizar com Tia Stella, mas ouvi suas histórias saborosas da boca do Paulo. Liberdade é também irreverência.

Em função dos 500 anos da chegada de Cabral ao Brasil, o Gris começou uma grande pesquisa sobre imagens do país na mídia. Paulo optou, nesse grande guarda-chuva, por pesquisar as imagens das pessoas negras em livros didáticos, mobilizando operacionalmente o “museu imaginário” e chegando a procedimentos, percepções e reflexões inéditas. Não havia, na Comunicação da UFMG, um histórico de pesquisas em torno de questões étnico-raciais e já me perguntei, algumas vezes, o que deu no Paulo para ir por esse caminho. Até hoje, cito em aulas e eventos algumas conclusões e achados dessa pesquisa. Não me lembro de ter perguntado isso a ele. Surpreende até hoje a ousadia de tocar num tema tão complexo, num ambiente que era um relativo deserto de reflexões semelhantes. Liberdade é também coragem.

No final dos anos 2000, Paulo e Christa conversavam sobre um projeto de pesquisa conjunto. À época, estávamos todos ainda no Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), mas em subgrupos distintos (eu no Poéticas – o gris-en-scène – e ele no Culturas do impresso, ou grispress). Ele me chama para participar desse projeto, que virou um Capes/Procad, o que me surpreendeu imenso. Não éramos tão próximos assim e o convite foi para mim um estender a mão gentil e aberta, que me comove e me estimula até hoje. Trabalhamos juntos nesse projeto e em alguns outros depois dele. Aprendi muito nessas pesquisas, mas creio ter aprendido mais com o gesto generoso de abertura e disponibilidade. Vi esse mesmo gesto se materializar outras vezes, em outros momentos, com outras pessoas. Liberdade é também confiança.

Já nos anos 2010, com o Paulo já aposentado e atuando como voluntário na pós-graduação, eu, Elton e Carlos Alberto conduzimos uma longa pesquisa sobre jornalismo e a cobertura da violência contra a mulher. O Paulo, de início, dialogou com a proposta e participava, de modo mais circunstancial, das reuniões e discussões. Uma das etapas mais avançadas da pesquisa envolvia entrevistas com mulheres agre-

didas, conduzidas então pelas pesquisadoras da equipe, e com homens agressores, sob responsabilidade da ala masculina. O Paulo esteve não só muito presente nesses momentos, como mostrou-se fortemente mobilizado e afetado pelo que fazíamos e com o que nos deparávamos. Lembro-me de algumas conversas entre nós, que então nos esforçávamos para lidar com uma situação tão complexa e tão delicada, nas quais o Paulo se mostrava inquiridor, estupefato, incerto e inquietado. Liberdade é também juventude.

Não consigo pensar no Paulo, aliás, sem vir à mente juventudes e grande belezas. *Joie de vivre* é a melhor expressão. Essa alegria de viver está, no Paulo, conectada à franqueza, à liberdade, ao prazer, à impaciência em relação às chatices da vida e, para mim, antes de mais nada à sensibilidade. Se em algum momento essa disponibilidade, essa liberdade de se abrir ao sensível, às formas, à descoberta, ao cultivo da beleza da vida me pareceu enigmática, tenho hoje consciência que ela é, antes de tudo, encantadora (e invejável, sem dúvida). Por isso mesmo, fonte constante de aprendizado...

Escrever este texto foi um desafio. Encerrá-lo é impossível. Não há como por ponto final em uma relação em aberto, mesmo em um despretenso perfil de alguém tão caro. De enigma a parceiro, de franco a carinhoso, de impaciente a livre, de compromissado a independente, de *bon vivant* a educador, Paulo mantém-se como uma referência única e inesgotável de amigo, de parceiro, professor, de pesquisador e de colega, cuja permanência em minha vida e na de várias pessoas é necessária e, sim, sempre cultivada.

SERTÕES

Passagens e travessias transatlânticas – em homenagem ao Professor Paulo Bernardo Vaz

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

Professor e pesquisador em Comunicação

O sonho académico

Foi em 2009 que nos conhecemos. Eu acabava de fazer a conferência de encerramento de um congresso. E o Paulo Bernardo acercou-se de mim. Vinha de Belo Horizonte, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Era professor de fotojornalismo, design gráfico, imagem, tipografia e publicidade nos média impressos. Queria estabelecer com a Universidade do Minho (UMinho), em Braga, Portugal, uma relação de cooperação académica em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais.

No ano seguinte, já o Paulo Bernardo estava na Universidade do Minho para um pós-doutoramento. Calcorreámos, juntos, o país, em conversas prodigiosas. Lembro-me, por exemplo, de termos ido juntos a congressos, à Universidade Nova de Lisboa e à Universidade da Beira Interior, na Covilhã – viagens longas, mas assombrosas, porque cheias de ensinamentos.

Por essa época, eu trabalhava sobre um conjunto de formas contemporâneas da cultura, associadas à imagem tecnológica e aos média –

formas de um imaginário melancólico. Fiz vários estudos neste sentido. Sobre *eXistenZ*, um filme do cineasta canadiano David Cronenberg, de 1999 (Martins, 2007). Sobre o videoclipe “Mercy Street”, de Peter Gabriel, realizado pelo diretor de vídeos de música Matt Mahurin, em 1986 (Martins, 2011a). Sobre três videoclipes da cantora islandesa Björk: *Hyperballad* (1996), realizado por Michel Gondry; *Hunter* (1998), realizado por Paul White; e *All is full of love* (1999), realizado por Chris Cunningham (Martins, 2011b). Os três videoclipes falam de máquinas desejantes e de desejos maquinados, para utilizar uma antiga formulação de Deleuze e Guattari (1972), no *Anti-Oedipe*, quando se refere à hibridez do humano com o inumano.

Foi o encontro com Paulo Bernardo que permitiu, todavia, abrir uma linha de investigação sobre “o sofrimento e a morte nos média e na cultura”, no quadro de um projeto financiado pela CAPES/FCT (Martins, 2017). A equipa compreendia na UFMG os Professores Elton Antunes, Carlos Alberto Carvalho e Bruno Leal. E na UMinho, além de mim próprio, trabalharam no projeto as Professoras Rosa Cabecinhas, Sandra Marinho e Ana Melo. Por sua vez, fizeram um pós-doutoramento no quadro do projeto, Maria da Luz Correia e Lurdes Macedo. E realizaram estágios doutorais em Belo Horizonte as doutorandas Sofia Gomes e Belmira Coutinho.

Com Paulo Bernardo, Elton Antunes e Maria da Luz Correia, editámos dois livros, *O fluxo e a morte – Entre o estranho e o familiar* (CECS/UMinho, 2016); e *Sentidos da morte na vida da mídia* (Appris, 2017), que tiveram uma ampla participação de investigadores, tanto da UFMG, como da UMinho.

Pela minha parte, passei a trabalhar, no quadro deste projeto, sobre o imaginário melancólico da moda contemporânea, tendo como objeto de análise as coleções primavera/verão e outono/inverno, do estilista britânico, Alexander McQueen. Publiquei, então, vários estudos: “O corpo morto: mitos, ritos, superstições” (2013); “*Mélancolies de la mode: le baroque, le grotesque, et le tragique*” (2015); e “Declinações trágicas, barrocas e grotescas na moda contemporânea” (Martins, 2016).

Vi, entretanto, chegar a Braga, em 2011, pela mão de Paulo Bernardo, Angie Biondi, hoje professora na Universidade Tuiuti do Paraná. Angie

Biondi defendeu, em 2013, uma extraordinária tese de doutoramento, numa cooperação UFMG/Universidade do Minho, intitulada “Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo”. Esta tese recebeu, em 2014, o Prémio CAPES de Teses, na área de Ciências Sociais Aplicadas I; o Prémio UFMG de Teses em Comunicação Social; e uma menção honrosa no Prémio Compós.

Entretanto, vários elementos da equipa de Paulo Bernardo vieram, eles próprios, fazer um pós-doutoramento à UMinho, assim como vários dos seus orientandos vieram realizar estágios doutorais. Foi o caso de Adriana Bravin (2015/2016), orientanda de Carlos Alberto Carvalho, e hoje professora da Universidade Federal de Ouro Preto, com uma tese sobre questões ambientais. E Cristian Góes (2016/2017), orientando de Elton Antunes, e hoje Jornalista e professor de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe. Cristian Góes defendeu em 2017 uma tese em Comunicação Social, sobre a herança colonial do Brasil, intitulada “O Jornalismo e a experiência do invisível: Identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira”.

Naturalmente que o movimento de intercâmbio também se realizou, como já salientei, em sentido inverso, de Braga para Belo Horizonte. Eu próprio realizei vários estágios de investigação na UFMG, tendo sido aí responsável por vários seminários. Rosa Cabecinhas e Sandra Marinho participaram em Seminários na UFMG. Maria da Luz Correia, hoje Professora na Universidade dos Açores, e Lurdes Macedo, investigadora do CECS e Professora da Universidade Lusófona, no Porto, também fizeram estâncias de pós-doutoramento em Belo Horizonte. Por sua vez, Sofia Gomes, trabalhando sobre literacia da saúde, e Belmira Coutinho, sobre turismo negro, foram doutorandas da UMinho que estagiaram em Belo Horizonte.

A vida, que é passagem e travessia

O que eu aprendi com a passagem do Paulo Bernardo pela UMinho, assim como com a minha passagem por Belo Horizonte! E que travessia empreendemos ambos! Na passagem existem dois pontos, o de partida e o de chegada - Belo Horizonte e Braga, Braga e Belo Horizonte -, pelo

que o caminho está estabilizado e quase dá para esquecer a viagem. Já na travessia, dá-se o contrário: praticamente, tanto nos esquecemos do ponto de partida como do ponto de chegada, e centramo-nos na viagem, que é repleta de hesitações, surpresas, sustos, perigos, angústias e peripécias.

Quando nos conhecemos, o Paulo Bernardo ofereceu-me *Grande sertão – Veredas*, do grande escritor mineiro, João Guimarães Rosa, numa edição de 2001, da Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro. E pelo meio da trama dos amores de Riobaldo por Diadorim, teve a cortesia de sublinhar, a lápis, um conjunto alargado de passagens, cuja particularidade era a de associar a travessia a uma viagem particularmente rugosa, incerta, enfim, a uma viagem difícil. Retomo algumas das passagens sublinhadas pelo Paulo Bernardo.

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso... (p. 26).

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo (p. 26).

Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (p. 51).

Eu estava meio dúbito. Talvez, quem tivesse mais receio daquilo que ia acontecer fosse eu mesmo. Confesso. Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável. Ah! Naqueles tempos eu não sabia, hoje é que sei: que para a gente se transformar em ruim ou em valentão; ah basta se olhar um minutinho ao espelho – caprichando de fazer cara de valentia; ou cara de ruindade! (p. 62).

O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho.

Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (p. 80).

Relembro, com estas passagens de *Grande Sertão: Veredas*, o caminho que fizemos juntos, o Paulo Bernardo e eu, cada um com a sua equipa, um caminho feito de muitas passagens e de não menores travessias. E vem-me à ideia um trecho de Bernardo Soares, do *Livro do Desassossego*:

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito através da matéria, e como é o espírito que viaja, é nele que se vive. Há, por isso, almas contemplativas que têm vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que têm vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tão cansado de um sonho como de um trabalho visível. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito (Bernardo Soares, 1998, trecho 373, p. 338).

Todos nós andamos a ensaiar o humano, o que quer dizer, a ensaiar uma ideia de viagem. Mas, necessariamente, de uma viagem atribulada, cheia de perigos e obstáculos a transpor. Andamos a ensaiar a viagem como errância, enigma e labirinto, e também como rugosidade, viscosidade e incerteza. Todos andamos a ensaiar a viagem como dúvida, embora, da mesma maneira, como memória de caminhos já andados e de experiências já vividas.

E tem sido assim na travessia que o Paulo Bernardo e eu próprio há uma década andamos a empreender. Ao capítulo que escreveu para *Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia*, um livro que editei em 2015, Paulo Bernardo deu-lhe um título bem sugestivo: “Uma travessia pelo sertão lusófono”. Com efeito, ao projetarmos o sonho de uma comunidade académica de língua portuguesa, temos andado a declinar a vida, nas suas vibrações e intensidades, ressonâncias e modulações, ritmos e cadências, relações e interações, tensões, durações, memórias e desafios.

A vida de toda a gente, mesmo num sonho académico, desenvolve-se na tensão entre equilíbrio e desequilíbrio, entre harmonia e desarmonia. E foi exatamente isso que também me aconteceu a mim e ao

Paulo Bernardo. Para toda a gente, a vida faz corrente e as correntes vivem da duração. Vivências e experiências são fases da corrente que é a duração de uma vida, em que umas vezes somos regato, ou ribeiro, mas também rio e mar, em que tanto podemos ser levada abundante, como fluxo brando, mero fio de água, extenuado. De certos fluxos da nossa vida podemos dizer que rebentam em fartos borbotões, que misturam águas e são tormenta, quando noutros casos os fluxos abrandam, para logo ganharem força, ou para se diluírem, e mesmo se extinguirem.

O encontro entre a UFMG e a UMinho, através do Paulo Bernardo, teve estas modulações todas. Primeiro, foi o entusiasmo à volta do sofrimento e da morte, “um imaginário melancólico, nos média e na cultura contemporâneos” (Martins, 2017). Mas, a páginas tantas, foi para um sonho maior, que lançámos o olhar – o Museu Virtual da Lusofonia (www.museuvirtualdalusofonia.com). As muitas passeatas que ambos fizemos pelo Parque da Pampulha, em Belo Horizonte, ou em Inhotim, no museu a céu aberto, que é um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, ou ainda, pelas ruas da bimilenar cidade de Braga, acabaram por constituir um preâmbulo ao projeto transcultural e transnacional que é Museu Virtual da Lusofonia, uma travessia em que ambos nos embrenhámos e que, hoje, também passa pela equipa da UFMG. A investigadora Lurdes Macedo, do CECS/UMinho, juntamente com Fernando Lopes, de Belo Horizonte, a concluir um doutoramento na UMinho, em Estudos Culturais, têm neste momento em mãos a realização de uma reportagem videográfica sobre as cidades coloniais de Ouro Preto, Mariana, Congonhas, São João del-Rei... precisamente no quadro do Museu Virtual da Lusofonia.

O Museu Virtual da Lusofonia como travessia transcultural e transnacional no espaço de língua portuguesa

Por vezes, a vida jorra às golfadas, em movimento e volume caudaloso. Mas não podemos dizer que tenhamos sempre a cadência certa. Muitas vezes somos hesitantes, confusos, e mesmo tumultuosos. Quer vivamos em ritmo enérgico ou compassado, em ritmo impulsivo ou regular, a nossa vida é sempre marcada pela descontinuidade. E se, porventura, alguma vez é possível falar da continuidade de uma vida,

o que não podemos garantir-lhe nunca é a estabilidade. Sempre que conseguimos algum equilíbrio, logo espregueia a ameaça de nova instabilidade. De facto, não existe o *continuum* de uma vida.

O que sabemos de certo é que ensaiar o humano é viver no infinito, naquilo que está a fazer-se, e não no definitivo. É viver no provisório e no fragmentário, e não no que nos é dado como uma identidade estável, acabada. Muito embora ensaiar o humano também seja figurar a promessa, que todo o humano é – a promessa de quem quer ver-se livre da contingência e ensaia uma transgressão, uma transfiguração.

Nunca ninguém pode estar certo do caminho que ensaia. O que não estamos dispensados de fazer é de ensaiar sempre uma viagem. E o Paulo Bernardo tem feito com a UMinho e comigo uma viagem magnífica, uma viagem grandiosa e luminosa, procurando ensaiar sempre um caminho novo.

O Paulo Bernardo tem colocado paixão no sonho em que consiste o Museu Virtual da Lusofonia. Inscrevendo-se na tradição dos estudos pós-coloniais, este Museu, que se prepara para migrar para a plataforma do *Google Arts and Culture*, reúne, num esforço comum, por todo o espaço de língua portuguesa, centros de investigação e universidades, com projetos de investigação e de ensino pós-graduado, na área das Ciências Sociais e Humanas, tendo em vista fazer do Português, na diversidade das suas variantes, o ponto de partida para a construção, a várias vozes, de uma comunidade transnacional e transcultural lusófona. Abrindo-se, por outro lado, à cooperação com entidades públicas, associações culturais e artísticas, e empresas ligadas à comunicação social, a atividades editoriais, e à produção de conteúdos digitais e de *software*, o Museu Virtual da Lusofonia propõe-se fazer uma “circum-navegação tecnológica”, por todo o espaço de língua portuguesa (Martins, 2018a, 2018b), com as tecnologias da comunicação e da informação, que compreendem as redes sociotécnicas, a conectarem-se na produção de uma comunidade que tem na informação e no conhecimento a sua força geradora (Martins, 2012).

Com efeito, as redes disseminam informação e conhecimento: um site, um portal, um blogue, o Facebook, o Twitter têm essa dupla função, instrumental e cognitiva. Servindo as instituições, os negócios, as empresas e todo o tipo de organizações, as redes servem, sem dúvida, o

desenvolvimento humano. Assim como servem também o desenvolvimento cívico, que é parte do desenvolvimento humano. Ao favorecerem a troca e o debate de ideias, e também o ativismo na rede, em favor de causas sociais, políticas e culturais, as redes sociotécnicas constroem e aprofundam o sentido de cidadania de uma comunidade - o seu sentido crítico e democrático (Martins, 2015b).

Em contrapartida, se tem sentido afirmar que, através desta circum-navegação tecnológica, crescem as possibilidades de desenvolvimento humano, também tem sentido associar o atual funcionamento dos média à ideia de crise da cultura e de crise do humano, através do desenvolvimento do espaço do controle, da violência e da dominação. Marinetti exaltou no *Le Manifeste du Futurisme*, em 1909, a velocidade da época. Mas a Ernst Jünger (1930) não passou despercebida a sua “mobilização total”, assim como a Peter Sloterdijk (2000) o caráter “infinito” desta mobilização, para o mercado, a competição, a estatística e o ranking.

Entretanto, Norbert Wiener far-nos-á saber, em *Cybernetics ou Control and Communication in the Animal and the Machine*, obra escrita em 1948, que os sistemas de informação controlam a comunicação nos animais e nas máquinas. E George Orwell (1949/2012) explica-nos em *Nineteen Eighty-Four* o que é o totalitarismo (o “big brother”).

Há uma década, o Paulo Bernardo decidiu fazer uma travessia transatlântica pelo “sertão lusófono”, que o levaria, anos mais tarde, a acolher o Museu Virtual da Lusofonia como travessia tecnológica, ao serviço de uma ideia de comunidade geoestratégica, transcultural e transcontinental - a comunidade lusófona. Nesta travessia temos partilhado um sonho para o interconhecimento dos povos do espaço de língua portuguesa e para o seu intercâmbio, científico, cultural e artístico. Temo-lo feito como quem declina a vida, nas suas vibrações, ressonâncias, ritmos, relações, tensões, memórias e desafios.

O Paulo Bernardo não se enganou nunca no fundamental. Declinando a vida como um poeta, com proporção, equilíbrio e justiça, o seu trabalho científico, um trabalho artesanal, sempre nos reconduziu à palavra essencial, levando-nos a percorrer os lugares do invisível do visível, nesse lugar de resistência onde se estabelece o sentido de comunidade.

VAGALUMES

Num piscar de olhos

ANA GRUSZYNSKI

Professora e pesquisadora em Comunicação/Produção Editorial

páginas,
parágrafos,
linhas
que
desfiam
palavras
uma
atrás
da outra.

FIGURA 1.

FONTE: autora, 2020.

Tecem a trama de um texto que busca criar nexos, conectando vagalumes que iluminam a memória. Lampejos afetuosos, percorrendo tempos e espaços que escapam do aqui e agora. Trazem luz para dias de quarentena que se desdobram rotineiramente no confinamento, expandindo horizontes para além das quatro paredes.

The image shows the words "vagalumes" and "inspiradores" written in a fluid, cursive script. The letters are connected, and the overall style is elegant and personal.

FIGURA 2.

FONTE: autora, 2020.

que brilham de momentos ordinários dos ritos da vida acadêmica; cintilam em movimentos impulsionados pela empatia; entrelaçam esferas da vida que normativamente poderiam estar apartadas.

The image shows the words "escrever", "sobre", and "paulob?" written in a cursive script. The letters are connected, and the overall style is fluid and expressive.

FIGURA 3.

FONTE: autora, 2020.

O primeiro impulso foi me ver tentando recuperar informações de nossas trocas acadêmicas, retraçando congressos, bancas, seminários, intercâmbios diversos para registrar, de algum modo, uma pequena parte da trajetória desse professor e pesquisador. Minha memória, pouco afeita a datas e a formalidades, esmaeceu. Me senti incapaz, em mais uma manhã de mais um dia que, em sua superfície, parecia iniciar igual ao ontem.

O dia seguiu. Foi se mostrando único e pleno em seu presente. Voltei ao convite do Bruno: “O livro tem a proposta de ser um perfil em mosaico, de caráter afetivo e acadêmico.” Minha memória, que desenha espaços imaginários com cheiros, cores, sensações atmosféricas e trilhas sonoras, relampejou. Me senti envolvida em um movimento em que, ao olhar para esse outro, olharia também para mim mesma. No olhar do outro que me constitui, o olhar do PauloB fez/faz diferença na minha trajetória: vagalumes piscando ora aqui, ora acolá; iluminando territórios ainda não percebidos, atizando a curiosidade de outros que poderiam estar por aí, encarnando a calma de quem confia nos vais evens das estações. Mosaico de afetos é algo que posso dizer dos momentos compartilhados com ele, em que a lida acadêmica foi o mote para tantas descobertas e trocas.

Conheci PauloB em um congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre em 2004. Aproximou-se de mim ao término da sessão em que tinha apresentado trabalho, dizendo que havia lido o livro originado da minha dissertação. Não tinha ainda ideia sobre quem era aquela pessoa simpática que se vestia de modo tão sutilmente original.

Ao vagalume que dá luz a este nosso primeiro encontro caminhando lado a lado pelo corredor da Universidade dei o nome empatia: ele me fez sentir que o que havia realizado tinha alguma importância. Depois que nos separamos, alguém me disse que aquele era o Paulo Bernardo Vaz, da Universidade Federal de Minas Gerais. Fiquei até um pouco constrangida de não ter feito as devidas reverências, ah se soubesse antes que aquele era ele. Pensei: gente como a gente essa referência bibliográfica; sem ostentação, de bem com sua estrada aberta e percorrida.

O Grupo de Pesquisa (GP) Produção Editorial nos congressos da Intercom foi ponto de encontro seguido por muitos anos dali em diante. As imagens e o design orientados às publicações foram gradualmente ganhando espaço para debate no GP, criando e fortalecendo laços que reverberam de modo relevante em nossa produção científica. PauloB, como um pesquisador de referência no grupo, assegurou sua escuta

atenta e crítica, sempre generosa e instigante. Interlocutor raro para pensar essas temáticas especialmente na sua relação com a produção editorial e no jornalismo, foi capaz de me mobilizar positivamente a refletir sobre perspectivas tomadas como certas, levar adiante desafios que estava achando difícil, seguir pesquisando e questionando. E também apreciando as conquistas. São inúmeros vagalumes piscando na memória. Quando piscam, regiões se iluminam com cores em espaços, o tempo se achata e os torna aqui presentes naquilo que hoje sou, naquilo que esse outro em mim ajudou a construir tanto em termos de trajetória acadêmica como pessoal.

Importante lembrar que em torno do GP vincularam-se o GrissPress – Grupo de Pesquisa sobre a Cultura do Impresso – da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Laboratório de Edição, Cultura e Design (Lead) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (Nele) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e o Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil (Lihed) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Seguimos juntos.

Quando passei a atuar também na Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) e ao GP foram se agregando também orientands de pós-graduação, PauloB acompanhou o desenvolvimento de várias investigações de dissertações e teses realizadas por elxs. E aquilo que tinha experimentado em nosso primeiro encontro, vi multiplicar-se entre quem o conheceu: na expectativa do que teria a dizer, a certeza de sua maneira inspiradora de propor novos olhares valorizando a importância do percurso já feito, a generosidade em colocar-se lado a lado com quem está dialogando. Firme em suas posições, gentil no modo de colocá-las.

Veio a Porto Alegre algumas vezes nesses anos para participar de bancas e também seminários. Um deles lembro de modo particular. Em primeiro lugar, porque foi visível sua empatia e capacidade de agregar pessoas de diferentes grupos e mobilizar seus interesses diversos em torno de um foco comum. Em segundo, por conta uma situação inusi-

tada. Durante apresentações de trabalhos que eram comentadas por ele, uma aluna não muito familiarizada com o universo das imagens creditou convicta a um artista impressionista reconhecido um meme que havia sido criado a partir de sua obra. Os colegas desconcertados ficaram olhando aturridos: como o professor vai se sair dessa? Não lembro do que ele disse ou como disse, mas conseguiu contornar de uma maneira mineira tão sua que os gaúchos “faca na bota” membros do Lead recordaram por muitos anos o feito, reconhecendo sua habilidade única de dizer o que caberia ser dito sem deixar que o outro se sentisse menor ou passasse algum constrangimento.

No entanto, há coisas que ainda não consegui aprender com PauloB, mas continuo tentando. Sua capacidade de “saída à francesa” ou de entrar em modo invisibilidade, desaparecendo em momentos estratégicos – aqueles de significativa faceta burocrática ou aqueles estéreis que muitas vezes compreendem alguns dos infindáveis trâmites acadêmicos. O apagar-se dos vagalumes aqui abria espaços para movimentos que iluminavam reencontros inventivos ali adiante, no exercício da autonomia de sua posição e no foco do que entendia como sua contribuição para construção dos coletivos.

Suas estadas em Porto Alegre tiveram também outro ponto de encontro além da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O restaurante Atelier das Massas, espaço mantido pelo artista visual Gelson Radaelli e sua família. Nele PauloB conheceu minha família e ganhou admiradores que viu crescer da infância à vida de jovens adultos, além de compartilhar sua sensibilidade e conhecimento da literatura e da arte com meu companheiro, o que o levou também a outras voltas acadêmicas na UFRGS, dessa vez no Instituto de Letras. Filé a Payard nunca mais foi nominado enquanto tal no cardápio familiar quando se vai ao Atelier, tornou-se o nosso “prato do PauloB”, o que ele pedia quando estava por aqui. E claro, com um bom vinho para brindar a alegria dos encontros.

Essa aposentadoria tecida aos poucos veio permitindo

que esses
vagalumes
continuassem
a voar por aí

FIGURA 4.

FONTE: autora, 2020.

trazendo aquela luz que vai e vem em movimento, nesse impressionante cenário que cria mesclando o claro e o escuro. PauloB é um ser humano que alumia a escuridão, que faz brilhar o que de melhor de humano há em nós. E sou muito feliz e grata por poder imaginar e ‘designar’ tantos de meus dias em sua companhia, que não foram necessariamente estar ao seu lado, mas ter o seu olhar em mim. E se o normal não voltará a ser algo que algum dia conheci, o isolamento físico que se impõe torna ainda mais forte

os afetos
que fazem
a casa da alma.

FIGURA 5.

FONTE: autora, 2020.

Ao lado deles, os anos passam num piscar de olhos.

AnaGru

Porto Alegre, 15 de abril de 2020.

VENTANIA

De livros e ventos: breves notas sobre um percurso acadêmico

ANGIE BIONDI

Professora e pesquisadora em Comunicação

Qualquer mínimo exercício empreendido dentro de uma instituição acadêmica precisa ponderar um conjunto de elementos, agentes, vozes, entre outros aspectos, despendendo esforços para revelar o funcionamento ou o modo de operação de certas práticas. Grosso modo, trata-se de entender como um seu objeto de pesquisa se movimenta em certo campo do conhecimento — bem delimitado, bem conceituado e bem definido — enfim, como age.

Na *episteme* ocidental, ainda, e desde o século XVI, o campo do conhecimento se apresenta como campo científico legítimo na medida em que revelam alguns de seus pontos fundadores; a) o estabelecimento dos limites entre saber e conhecimento, b) a definição do referencial teórico e conceitual de uma área específica, c) a leitura precisa dos modelos de formalização que constituem um problema científico — funções, normas, conflitos, significações, relações, sistemas. Mesmo na grande e plural área das Humanas, feita Ciência — como nos advertiu

Michel Foucault —, falar de ciência *do* homem seria ainda puro e simples abuso de linguagem¹.

Como *démarche* científica, um pesquisador deve apresentar, como recurso a seu favor, a esperada destreza no manejo destes vários elementos a sua frente, que compõem o então (outro) campo, o de observação e de análise, que deve se mostrar, afinal, pesquisado. No entanto, até que todas as fases, etapas e atividades deste exercício se mostrem devidamente cumpridas e finalmente aceitas com o louvor de ciência, o percurso trilhado, em geral, se mantém invisível, contido, restrito pela trama conceitual, teórica e metodológica que precisa ser cuidadosamente evidenciada e refinadamente identificada.

Para si, o pesquisador poderá guardar tudo aquilo que parece não ter feito parte — ou não ter servido — ao fazer científico. Todas as anotações, pensamentos, angústias, associações, devaneios, trechos de músicas, rabiscos de viagens, catálogos de visitas, retalhos de livros, desenhos e ilustrações, como vestígios, poderão compor seu mosaico de lembranças em uma espécie de *sketchbook* acadêmico. Mas, e quando a trilha realizada se mostra mais necessária à compreensão do que se pôs problemático e do que se abriu em crise fazendo desta andança imanente sua única condição de acesso?

Pesquisar em verso livre

[Em uma agenda, breve referência à reunião em uma tarde de 2010, na Fafich. Ponto único da pauta: discussão do livro *O que é o contemporâneo*, Giorgio Agamben. Na abertura da comunicação, poemas do livro *Leaves of grass*, de Wall Whitman].

Aqui, o processo de reflexão assume uma dimensão efetiva - e afetiva -, de *recriação* (COMPAGNON, 2012), ou seja, possibilita o trabalho de reconstrução criativa que ultrapassa a mera transcrição de termos e conceitos estanques. Recriação compõe um processo que ativa uma forma de produção conjunta de significados e significantes em uma

1. Em referência à crítica endereçada às Ciências Humanas feita por Michel Foucault, na célebre obra “As palavras e as coisas”, de 1966. A passagem aqui retomada pode ser encontrada no capítulo X, intitulado propositalmente “As Ciências Humanas”.

relação dinâmica e complementar, logo, não é recreação, nem restituição, mas renovação de sentidos e afetos via ritmo, metro, paralelismo... Trata-se de pensar a linguagem como um *medium* emergente.

Pelos poemas de Whitman, libertamo-nos dos efeitos coativos da verdade dos discursos formulados para a uma restrita compreensão dos sentidos em seus efeitos expressivos.

Ao olhar atento é inerente uma série de metamorfoses que dão conta de um crescendo em receptividade, em fertilidade, em precisão e abundância: a visão transforma-se em ligação, em conexão, atravessando a contemplação e a meditação. (MOLDER, 2010, p.62).

No exercício de entrecruzamento de leituras, o processo de recriação usa, como um percurso possível à compreensão, *transleituras*; convida à reflexão através da observação das linguagens como potencialidade, transitoriedade, fluxo, temporalidades. Uma pesquisa não se constitui exclusivamente pela colocação de operadores conceituais bem aplicados, nem pela apropriação de grandes e sofisticadas teorias, muitas vezes, provenientes das áreas afins, como parâmetro metodológico. Para conhecer, método é desvio, jornada, e sua experiência, sempre um limiar². Ao final, alcançamos o contemporâneo em Agamben.

Acolher alteridade na escrita

[Em uma troca de e-mails sobre a primeira versão da tese, em abril de 2012, os rabiscos em vermelho, feitos entre um gole da original e uma anchova grelhada, demandavam: “quais sujeitos às imagens?”]

“Tudo começou com um ensaio sobre alguns problemas, estéticos e morais, propostos pela onipresença das imagens fotográficas; mas, quanto mais eu pensava sobre o que são as fotos, mais complexas e sugestivas elas se tornavam”. É assim que começa o prefácio do famoso e tão referenciado texto de uma das mais profícuas pensadoras da fotografia, Susan Sontag, em 1977. Apesar de passadas quase quatro décadas deste escrito, o mesmo conjunto de problemas que intrigava Sontag

2. Passagem inspirada na discussão benjaminiana empreendida por Maria Filomena Molder (2010).

ainda persiste. As imagens fotográficas ainda preenchem os nossos dias. Elas conferem uma validade aos fatos diários, propõem desejos, estimulam fantasias, fazem convergir percepções dos tempos, interpretam acontecimentos, denunciam atos, exibem corpos, demarcam rostos, movimentam afetos e crenças.

A tal onipresença das imagens fotográficas, como menciona Sontag, de fato, nos faz reconhecer que sua capacidade e, em certo sentido, o poder que exerce quanto à realidade não se limita em captar, selecionar, recortar e enquadrar os fatos do mundo, mas evidenciar sua complexidade; indicar que a própria realidade, esta, que denominamos de “nosso mundo cotidiano”, se efetiva com e através das imagens fotográficas. É, portanto, um cotidiano impuro, contaminado, forjado na feitura dos encontros entre sujeitos e objetos.

No esforço de compreender tal dinâmica entre imagens fotográficas e a realidade do mundo cotidiano, fica claro que não são os objetos – as fotografias – únicos e singulares, mas as relações, que podem ser articuladas através deles, que são constitutivas da experiência. O reconhecimento dos códigos que marcaram convencionalidades no modo de ver fotografias de imprensa apenas como registro dos fatos ocorridos, mesmo que ainda hoje esboce certo horizonte de expectativa, pois baseado em um quadro de referências dado ao longo do tempo, não é suficiente porque não está isolado ou independente da situação concreta que lhe caracteriza; a experiência do ver.

Em certa direção de análise muito recorrente nos estudos da comunicação em que se problematiza algum produto da mídia colocaríamos, quase impulsivamente, um tema sob a regência do gênero discursivo e midiático, a fim de indicar quais as estratégias visuais seriam utilizadas que viriam lhe emoldurar. Sendo assim, seu tema, qualquer que fosse, atenderia a uma questão de gênero ou formato, onde personagens seriam “capturados” em seus eventos e, oferecidos em seus produtos - a fotografia de imprensa-, serviria apenas para orientar o espectador em seus modos de apreensão.

Sob esta perspectiva, a fotografia estaria comprometida a uma dupla função. Por um lado, seu trabalho seria o de encontrar formas de controlar a manifestação mesma do evento que informa o tema sele-

cionado na realidade dos seus fatos, em suas ocorrências cotidianas, colocando-o sob uma espécie de apaziguamento visual adequado aos seus vínculos institucionais e discursivos. Por outro lado, esta mesma produção visual, em dada imagem, deveria atender à função de constranger ou conformar os espectadores no contato com estes “produtos”. Assim, haveria uma ênfase na dimensão determinista da imagem fotográfica que acabaria restringindo suas operações ao quadro de uma demarcação superficial e condicionada dos lugares do fotografado, da fotografia e do espectador.

Pensamos que a experiência de ver fotografias, uma das práticas mais cotidianas de nosso tempo, é sempre da ordem de um contato, de um encontro com as imagens em uma situação material e concreta. De modo mais específico, ver fotografias apresenta uma complexidade própria por conta das implicações convencionais dos seus códigos culturais, indiciais, sociais, mas também plásticos, expressivos e sensíveis que se entrelaçam às referências do espectador produzindo formas e modos de interações.

Neste contexto, precisamos considerar que um espectador, ao se defrontar com fotografias que mobilizam temas tão diversos como catástrofes, violências, doenças, entre outros, pode articular, de tal modo, o conjunto destes elementos que, mesmo em uma situação das mais corriqueiras é possível acionar deslocamentos e desvios que potencializem, para além de sua função referencial ou de índice, uma interação de natureza propriamente afetiva. Trata-se de acolher a alteridade e repensá-la no exercício da escrita.

Continuar o percurso, além do objeto empírico

[Em um encontro fortuito, pós defesa, um presente; o catálogo da exposição fotográfica Retratos, de Assis Horta].

O trabalho de pesquisa sempre se desdobra em novos e outros caminhos, como um constante “a seguir”.

*Para Paulo Bernardo Vaz, sujeito que ainda
ensina a pensar por entre livros e ventos*

Referências

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007

AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e a Ciência sem Nome. Dossiê Warburg, *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro; n. 19, Janeiro de 2010. p 132-143.

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. São Paulo: Hedra, 2012.

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. “Qui est qui dans cette histoire? L’Autre intérieur dans l’iconographie des manuels scolaires d’histoire du Brésil”. *Horizons universitaires*, Université Mohammed V-Souissi. vol. 3, nº 4, outubro 2007. p. 327-340.

ANTUNES, E. ; TAVARES, R. ; KURRLE, G. P. *Jornalistas políticos: os parlamentares da notícia*. Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação, 1988. (Relatório de pesquisa).

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Mídia: um aro, um halo e um elo. GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-60.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Presse Pocket, 2007.

BELTING, Hans. *Antropologia da Imagem: Por uma ciência da imagem*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas v. 2).

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *Rua de mão única*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas II). p. 227-235.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1).

BIONDI, Angie. *Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2016.

BORGES, Jorge Luis. *Borges, oral & Sete noites*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAVIN, Adriana. *Gandarela, a serra e o movimento: Ação coletiva e ação comunicativa na antecipação aos danos da mineração*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de Fazer*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012

CORRÊA, Laura G. *De corpo presente: o negro na publicidade em revista*. 2007. Belo Horizonte, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

CORRÊA, Laura G. Intervenções sobre as superfícies urbanas: dissenso, consenso e ambivalências em Londres. *Galáxia* (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019. p. 114-127.

CORRÊA, Laura G. Mães Cuidam, pais brincam: metodologia, bastidores e resultados de uma pesquisa sobre publicidade e gênero. Niterói: *Contracampo*, v. 28, n. 3. 2013. p. 136-154.

CORRÊA, Laura G.; VAZ, Paulo. B. F. “La figure du Noir dans la publicité brésilienne: un jeu de cartes marquées”. Sílvia Capanema P. de Almeida; Anaïs Fléchet (Orgs.). *De la démocratie raciale au multiculturalisme - Brésil*, Amériques, Europe. 1ª ed. Bruxelles: PIE - Peter Lang Bruxelles, 2009, v. 1, p. 171-188.

CORRÊA, Laura G.; SALGADO, Tiago B. P. ‘Você suja minha cidade, eu sujo sua cara’: práticas de escrita urbana sobre a propaganda eleitoral. *Comunicação, Mídia e Consumo* (Online), v. 13, 2016. p. 131-149.

DEBORD, Guy. Théorie de la dérive. *Les Lèvres nues*, n° 9, 1956 e Internationale Situationniste n° 2, 1958. Disponível em: <<http://www.larevuedesressources.org/theorie-de-la-derive,038.html>>. Acesso em: 24 abr 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas, ou, O gaio saber inquieto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2013.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FLUSSER, Vilem. *Mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994. p.111.

GÓES, José Cristian. *O Jornalismo e a experiência do invisível: Identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2017.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Márcio Souza; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Comunicação e tempo: reflexões em favor das diferenças. *Galáxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, Especial 1 - Comunicação e Historicidades, 2019, p. 113-125. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/41739/29552>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage; Thousand Oaks: Open University, 1997.

HARA, Kenya. *White*. Zürich: Lars Müller Publishers, 2010.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes Limitada, 2015.

JÜNGER, E. *La mobilisation totale. L'État universel - suivi de La mobilisation totale*. Paris: Gallimard, 1990.

LAINEZ, Manuel. *Bomarzo*. Lisboa: Sextante, 2010.

_____. *El Unicornio*. Barcelona: RBA Ed, 1995.

LEAL, B.S., MENDONÇA, C.M.C., GUIMARÃES, C. (Orgs.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MÃE, Valter Hugo. *O paraíso são os outros*. São Paulo: Cosac Naif, 2014

MARINETTI, F. T. Manifesti Futuristi. DE MARIA, Luciano. (Org). *Tommaso Marinetti e il Futurismo*. Milão: Mondadori, 1973. Disponível em: <http://www.classicitaliani.it/futurismo/manifesti/marinetti_fondazione.htm>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, M. L.; Correia, M. L.; Vaz, P. B.; Antunes, E.. *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS, 2016. p. 187-205. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/43355>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, M. L.; Correia, M. L.; Vaz, P. B.; Antunes, E. (Orgs.). *Sentidos da morte na vida da mídia*. Curitiba: Appris, 2017.

MARTINS, Moisés de Lemos. La nouvelle érotique interactive. *Sociétés*, Paris, v. 96, n. 2, 2007. p. 21-27. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/23767>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média e melancolia: o trágico, o grotesco e o barroco. ACCIAIUOLI, Margarida; BABO, Maria Augusta. *Arte & Melancolia*. Lisboa: Instituto de História da Arte / Estudos de Arte Contemporânea e Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, 2011a. p. 53-65. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/24106>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Tecnologia, corpo e imaginário. MARTINS, Moisés de Lemos. *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Famalicão: Húmus, 2011b, p. 179-186. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/29167>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média digitais: hibridez, interactividade, multimodalidade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, 43/44, 2012. p. 49-60. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/25606>>. Acesso em: 27 out. 2019.

MARTINS, Moisés de Lemos. O corpo morto: mitos, ritos, superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Braga 1 (1-2), 2013. p. 109-134. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/29225>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Mélancolies de la mode. Le baroque, le grotesque et le tragique. *Les Cahiers Européens de L'Imaginaire*, v. 7, 2015a. p. 114-119. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/35333>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média digitais e lusofonia. MARTINS, Moisés de Lemos. (Org.). *Lusofonia e Multiculturalismo. Promessa e Travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2015b. p. 27-56. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/39698>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Declinações trágicas, barrocas e grotescas na moda contemporânea. MARTINS, M. L.; CORREIA, M. L.; VAZ, P. B.; ANTUNES, E. (Orgs.). *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS, 2016. p. 187-205. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/43358>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. “O Fluxo e a morte: desafios teórico-metodológicos em torno do ‘acontecimento mediático’”. *Relatório técnico/financeiro final* [do projeto]. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/45044>>. Acesso em: 3 jul 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica. *Comunicação e Sociedade*, 34, 2018a. p. 87-101. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/57437>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11(1), 2018b. p. 3-11. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/55280>>. Acesso em: 2 jul 2020

MENDONÇA, R. F.; VAZ, P. B. F. Só preto sem preconceito?. *Texto* (UFRGS. Online), v. 1, n. 14, 2006. p. 1-15.

MOLDER, M. F. (2010). Método é desvio – uma experiência limiar. OTTE, G.; SEDLMAYER, S.; CORNELSEN, E. (Orgs.) *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 27-75

MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA: www.museuvirtualdalusofonia.com

ORWELL, George. 1984. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Antígona, 2012.

PASTOUREAU, Michel. *Preto: história de uma cor*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

RAMPLEY, Matthewa. Iconology of the Interval: Aby Warburg's Legacy. *Word & Image*, 17 (4), 2001. p. 303-324.

RANCIÈRE, J. *Dissensus: on politics and aesthetics*. London: Bloomsbury Academic, 2015.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SÁ-CARNEIRO, Mário. *Poesia Completa de Mário Sá-Carneiro*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2018.

SLOTERDIJK, P. *La mobilisation infinie*. Paris: Christian Bourgois, 2000.

SOARES, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim. Edição de Richard Zenith, 1998.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2007.

STALLYBRASS, P. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2007.

VAZ, P. B. F. ; ALMEIDA, S. C. P ; MENDONÇA, R. F. Quem é quem nessa História? Iconografia do livro didático. Vera Regina Veiga França. (Org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 47-85.

VAZ, P. B. F. “Livro, eterno livro?” *Geraes Revista de Comunicação Social*, Belo Horizonte, n.49, 1998. p. 50-54.

VAZ, Paulo B. F.. MENDONÇA, Ricardo F. ALMEIDA, Sílvia C. P. Quem é quem nessa história? Iconografia do livro didático. FRANÇA, Vera R. V. (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VAZ, Paulo Bernardo. Uma travessia pelo sertão lusófono. MARTINS, Moisés de Lemos. (Org.) *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2015. p. 471-484. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/39693>>. Acesso a 1 jul 2020.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Cristo revisitado: experiência estética e fotojornalismo. LEAL, Bruno; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Orgs.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 189-201.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; MINTZ, André Goes. Piauí, em busca do leitor perdido. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2014. p. p. 277-290. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n1p277>>.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; VALLE, Flávio. Vida e morte nos retratos dos ocupantes do edifício 911. MARTINS, Moisés de Lemos. et al (Orgs.). *Sentidos da morte: na vida da mídia*. Curitiba: Appris Editora, 2017. p. 213-228.

VAZ, Paulo Bernardo. Imagem ao pé da letra. VAZ, Paulo Bernardo; CASA NOVA, Vera. (Orgs.). *Estação imagem: desafios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 171-179.

VILAÇA, Gracila. *Publicidade e feminismos: tramas da campanha "Reposter, redondo é sair do seu passado" da Skol*. 2020. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WARBURG, A. Mnemosyne. Arte & Ensaios. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - EBA, UFRJ*. 19, 2009. P. 125-31.

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Akal, 2010.

WIENER, N. *Cybernetics: Or control and communication in the animal and the machine*. Paris, Hermann & Cie & Camb. Mass., MIT Press, 1948.



POSFÁCIO

Carta-resposta de Paulo B

Minhas queridas e meus queridos Ana Gruszynski, André Mintz, Ângela Marques, Angie Biondi, Bruno Guimarães Martins, Bruno Souza Leal, Calebe Asafe Bezerra, Carla Mendonça, Carlos Alberto de Carvalho, Carlos de Brito e Mello, Carlos Magno Camargos Mendonça, Christa Berger, Daisy Turrer, Diego Belo, Elton Antunes, Flávia Miranda, Frederico de Mello Brandão Tavares, Gracila Vilaça, Laura Guimarães Corrêa, Márcio Souza Gonçalves, Moisés de Lemos Martins, Rennan Mafra, Renné Oliveira França, Ricardo Fabrino Mendonça, Sílvia Capanema Pereira de Almeida, Vanessa Costa Trindade, Vera Casa Nova e Vera França,

Jamais escrevera uma carta endereçada para tantas pessoas. A vontade era de manuscrever com tinta lilás em papel personalizado, e despachá-la pelo Correio, em envelope selado e carimbado pela agência “Barro Preto”. Mas hoje só posso digitalizar a carta e enviá-la pelo e-correio.

Peço desculpas pela demora nesta resposta. Sinhá Sílvia em seu texto contou o caso sobre minha “falta de educação” em ficar calado ao receber um presente. Mas, como ela disse, o e-mail de PauloBlimblão



seguir no mesmo dia. O de vocês segue cerca de 40 dias depois de recebido seu presente. E que presente! Regalo inimaginável: cartas, bilhetes, dedicatórias, gravuras, fotografias, relatos, casos e mais casos, segredos revelados, inconfidências mineiras e bracaraenses, invenções de moda, até aulas. Tudo bem ajeitado, editado e encapado com o Selo PPGCOM-UFGM.

Houve época – até recentemente – em que ao receber cumprimentos elogiosos sobre algum trabalho, eu me retraía, intimidando-me. Retrucava recorrendo a uma fala do GTO. Conto o caso. O Sr. Geraldo Teles de Oliveira, o GTO, começou a esculpir em madeira já na maturidade. Circulava pelas ruas de Divinópolis vendendo seus bonecos de madeira, como artesanato. Sua bela arte não demorou a ser descoberta por *experts* do Brasil e do mundo. Foi considerado o maior escultor primitivo brasileiro na segunda metade do século XX. Ele vivia numa modesta casa no bairro Niterói, e eu o visitava sempre que desembarcava na cidade. A cada visita, ao me mostrar seus trabalhos – estupendas composições de homenzinhos entrelaçados em rodas e engenhos – eu fazia os mais altos elogios àquela magnificência que tinha em minhas mãos. O Sr. Geraldo ouvia, sorrindo, e com a fala mais acanhada do mundo, repetia a mesma, a mesmíssima frase: “tô aprendendo a trabaia...” Assim também dizia eu.

Volto a esta carta-resposta para lhes dizer que, tendo à mão este *Perfil em mosaico, glossário em aberto* preparado por vossas mercês, jogo às favas minha modéstia, não mais falando como o GTO. Aceito este magnífico presente, profundamente emocionado. Apenas aceito e agradeço, através desta carta. Carta-agradecimento por demais longa, decerto, mas que sinto ser curta por não responder a vocês individual e longamente, tal como uma conversa que não acaba, pois nem sabemos onde está seu começo.

Pois então, vou me dirigir a vocês na ordem alfabética dos verbetes, com a intimidade que sempre mantivemos. Empregarei a terceira pessoa do singular, só para dar um ar de impessoalidade aos recados individuais. Aos três apresentadores me dirigirei na ordem de seus verbetes.

Começo agradecendo ao **Rennan** Mafra por seu gentilíssimo Prefácio. Vejo em Rennan aqueles apresentadores do teatro shakespeariano, que adentram o palco fazendo medidas, proferindo alto palavras



bem medidas em versos metrificados, a convocar a plateia para o que vai entrar em cena. Rennan já embarca no que se seguirá, um turbilhão de afetos que ele resgata de cada um dos 26 textos subsequentes.

Christa me propõe a re/leitura e encontro literário sobre “Rebeldes” de Sándor Márai (*Hungria 1900 + USA 1989). À Christa, proponho ampliar as atividades a quem se interessar pelo autor, pela obra, pela conversa. Já vacinados, a conversa poderia acontecer na Serra do Cipó ou nas Serras Gaúchas, presencialmente. Não vacinados, acontecimento online, pois todos conectados permanecemos. Sobre a sugestão de escrever alguma biografia, esta não encaro. Grande dileitante de textos biográficos, já me coloco como o primeiro da fila para receber o autó-grafo da Christa e ler depressa a biografia que ela escreve, atualmente, da jornalista brasileira Jurema Finamour – que secretariou por um tempo Pablo Neruda, em traumático convívio. Agradeço à Christa pela publicação de fotografias que me encheram de saudades, estendendo este agradecimento a quem mais as disponibilizou ilustrando seus textos.

Ao **Márcio**, Mars, M. Ars, acato o elogio rasgado à minha elegância, colocando-o, contudo, no rol de projeções que fui percebendo neste seu, e em vários outros textos do livro. Projeção mesmo ou sintonia fina? A sempiterna elegância – no vestir e no porte/allure – de Márcio é re/conhecida por todos de seu convívio. Confesso que quando vou à cata de roupas novas, penso sempre no modelo marsiano. Márcio é re/conhecida por todos de seu convívio. Confesso que quando vou à cata de roupas novas, penso sempre no modelo marsiano. Márcio é o primeiro, na ordem de entrada dos textos, que fala de meu súbito desaparecimento das grandes mesas rodas de conversas ou de reuniões noiosas. Vocês concordam que o italiano *noia* e o francês *ennui* definem essa coisa melhor que o espanhol e o português? Marcou-me fundo o dizer centenário de minha avó (que nasceu em 1886) quando às vezes me interpelava: “deixa de ser ‘burrrrrrricido, minino!’. Bem aprendido, tentei deixar de sê-lo, largando mão dos aborrecidos, e passei a fugir das rodas noiosas como o diabo da cruz.

Ma très chère et douce amie **Ângela** fala de astúcias e singelas invejas. A ela me dirijo no imperativo: toma jeito, Ângela, toma jeito, pois você é quem mais leva jeito para praticar tantas astúcias por você mui sabidas! Todos nós, professores, sabemos bem – ou desconfiamos no dizer rosiano – daquilo que Mujica Lainez nos alerta, a sugerir que cuidemos das coisas fundamentais além daquelas difíceis que somos instados a



aprender. Siga o conselho de Manucho, sem mais delongas, Angelita!

Daisy Turrer nos brinda com a arte e o encantamento poético de uma gravura que encapou o livro e a fotografia de um seu trabalho na p. 41. Que encantamento. Pura boniteza de texto em arte. Sem palavras para cá nem para lá, comunicamo-nos saltitantes como passarinhos. Assim, piando, agradeço à Daisy.

Do **Renné** acato prazerosamente a conclamação: “Que se abra a torneira e deixe jorrar Thomas Mann, Woody Allen, Homero (et al.)... e vinho verde.” (“Alvarinho” como Moisés e Rosalina bem me serviram). Sou grato ao professor Renné por sua excelente aula explicando a metodologia do caos. “O caos não como balbúrdia, mas como método” (p. 46). Descrevo uma cena descortinada numa tarde de calor na FAFICH, quando interrompi uma aula ministrada pelo, então, meu monitor de pós-graduação, Renné França. Interrupção abrupta, peço desculpas mais de dez anos depois. Ao abrir a porta olhei para a direita, vendo a sala lotada de alunos atentos; olhei para a esquerda e me deparei com um quadro repleto de anotações, com a letra cursiva mais bonita que já vi numa lousa. Nada li do quadro. Nada perguntei aos alunos. Percebi que ali o Renné aplicava a “metodologia da ordem”, fazendo acompanhar sua oratória cadenciada com sua escrita ordenada no quadro. Com tamanha dedicação não há ensinamento que se perca. Conto isso para declarar: Renné França é o melhor professor que poderíamos ter tido, e não tivemos. Ganhou o Instituto Federal de Goiás. Quanto à sua revelação de meu “poema” publicado no *Carol*, com/prometo-me nunca jamais dar sequência a tal “exercício literário”.

Gracila me associa com imagens de Piet Mondrian. Meudeus, meudeus! se embarco nesta ideia, terei de tomar muitas providências. Tantas que não sei se terei tempo para tanto. Aprender holandês para viver por uns tempos nos Países Baixos, colaborar com a De Stijl, mudar meu guarda-roupa, trocando bermudas e shorts por calças de linho, camisetas regata por camisas de bom caimento, óculos com aro de tartaruga (imitação em resina, ok, ok), chapéu panamá e bengala de castão de prata e madeira firme e leve (já foi até escolhida em uma linda loja em Viana do Castelo, só preciso voltar lá, pagar e trazer). Nada é para já. Mas, pós-vacinação, hei de fazer essa repaginada para mudar minha



própria imagem. Terei de fazer jus ao que Gracila fala de mim, não é mesmo? Adorei o “Painel PauloB” (Fig.1, p. 55). Desculpem-me pelo excesso, mas estou “me achando!”

Minhas cumplicidades com a **Vera Casa Nova** são plurais. Cúmplice amizade, cúmplice convívio, cúmplices compartilhamentos, cúmplices cooperações. Sinceramente? sinto que mais explorei de Vera, do que a Vera ofereci. Um caso: quando um meu orientando de pós-graduação encasquetou que queria-porque-queria (ênfase demonstrativa de que o interlocutor não se convenceria do contrário) enveredar sua pesquisa Semiótica adentro, encerrei a conversa dizendo “Então converse com a Vera Casa Nova”. Vera não só recebeu “meu” orientando, mas o orientou, efetivamente, generosissimamente. Isso comprova que nossa cumplicidade não passava por “toma lá dá cá”. Mais ainda: nunca escrevi nem publiquei nenhuma crítica sobre sua obra poética e artística (e não é pouca), que só fiz admirar. Ela, sim, publicou a mais bela crítica ao meu trabalho editorial: *Mine(i)rações: mineiras ações*, poético título de sua matéria guardado em minha memória.

George Bryan “Beau” Brummel. Declino o nome completo para que o texto da **Carla** possa ser melhor compreendido, facilitando a pesquisa sobre aquele dandy, figura icônica na Inglaterra do séc. XIX. Beau Brummel, quem me dera, Carla! Faço uma confissão: nunca me olho no espelho. De que(m) tenho medo? Seria o receio de passar através dele, como Alice? A resposta dependerá do retorno ao divã de minha psicanalista. Sobre minha elegância, como já comentei com o Márcio, vejo em Carla mais projeção. Explico para quem ainda não a conhece: Carla já nasceu fazendo pose na maternidade e foi para seu batizado arrasando em sua entrada na nave central da igreja em Lafayette, com as faces rosadas por uma tênue camada de rouge, o cabelinho ruivo penteado numa única volta na cabeça, vestindo um pagãozinho de cambraia sobreposto com a manta branca bordada em ponto cheio branco com detalhes em ponto ajour por todo o entorno da peça. Devo corrigir um pequeno equívoco da Carla ao narrar o anúncio de minha mudança temporária para fazer pós-doutorado em Braga em 2010. Pequeno e interessante. Ela disse que eu estava prestes a me mudar para Paris, onde



eu já vivera entre 1978 e 1983. Paris é meu passado. Braga, ah Braga, considero meu futuro. Quem me dera.

Falando em Paris entra em cena **Vera França** que comentou sobre minha instalação em fuleiro e charmoso hotel na Montagne Sainte-Genéviève, onde imaginamos ter vivido Jean-Nicholas Arthur Rimbaud nos idos da década de 1870, tempos em que ele era pobre em Paris. Que me importava se minhas pernas não cabiam no WC (em francês se diz “vêcê”) se a janela de minha *mansarde* no último andar se abria para as torres de Notre Dame que elevava minha torturada alma aos céus ao tanger de seus sinos? Meus agradecimentos à Reverenda Madre serão eternamente reiterados por me instalar naquela histórica espelunca, mesmo me obrigando a arrastar arrobas de bagagem escadas acima até o quarto - no quinto piso - esvaindo minhas combalidas forças de cônego em trânsito na maratona europeia. Curioso, mergulhei, agora, no Google Maps para conferir se o hotel permanece ativo em 2021. *Non plus, hélas!* Os cafés à porta, sim.

Falo do **Fred** como representante de *tutti quanti* mudaram seu status de aluno/aluna orientando/orientanda para grande amigo/amiga, sem nenhuma sombra de paternalismo. Repito o que disse em minha “Conversa ao pé do ouvido” os filhos e filhas desses ex-alunos e ex-alunas se tornaram meus netos e netas, ou bisnetos e bisnetas, por “afinidade eletiva”. A rede amical familiar desses ex-alunos e alunas só se fez ampliar, pois seus pais se tornaram meus amigos: Izar e Zé Osvaldo, mãe e pai do Frederico; Maria Karam, mãe de Daniela; a mãe de Ricardo, Isabel-prima (que trato como a trata minha amiga Daisy Turrer, sua prima de verdade); Ângela, mãe de Renata Lobato; Regina Capanema, mãe de Sílvia; Val Braga, mãe de Calebe. Nada de comadrio ou compadrio, mas amizade, forte e simplesmente. Do mesmo jeito, faço meus amigos os maridos e, amigas, as mulheres de meus amigos e amigas: João Paulo, de Fred; Rosalina, de Moisés; Sílvia, de Lena; Renê, de Sílvia; Sílvia, de Renné (pela primeira vez noto essa feliz coincidência onomástica); Fred, de Sylvie; Larissa, de Calebe; Bel, de Bruno Martins; David, de Bruno Leal; Gera, de Carlos Alberto; Múcio, de Vera; Mark, de Christa; Martinho, de Bia Bretas; Beto, de Gracila; Túlio, de Vera; Halevy, de Carla; Felipe, de Vanessa; Felipe, de Carlinhos; Paulinha, de



Ricardo; Beth, de Elton; Antônio, de Anagru; Alcino, de Rosa Cabecinhas; Fernanda, de Fernando. E muitas outras esposas e muitos outros esposos *tutti buoni amici*. Benza-oh-Deus!

Ser escolhido como madrinho de casamento, admitamos, é privilégio de poucos. Pois, eu fui. Madrinho de **Calebe** em casamento principesco. Calebe fala de Esbanjamento no meu livro. Insisto na minha interpretação das projeções encontradas nos textos. Projeções elogiosas que adoro. Calebe esbanja talento na mesa de trabalho, na cozinha, em casa como pai amoroso de duas meninas e um menino que esbanjam beleza. Calebe esbanja solidariedade. Um caso: quando era estagiário no Atelier, eu me afastei do trabalho para fazer uma cirurgia. Nos dias precedentes à intervenção, fui informado de que teria de arrebanhar doadores de sangue. Pânico do paciente: a quem pedir socorro? Sabedor disso, Calebe liderou uma “campanha publicitária” de doação de sangue na Faculdade para que a cirurgia ocorresse sem percalços. Emociono-me muito ao me lembrar daquele empenho na ação de salva vida. A minha vida. Esbanjamento, eu? Qual o quê! Esbanjamento de afetos seus, destinatários desta longa e interminável missiva.

Ao caríssimo **Mintz** – tal como Ângela Marques, incorrigível –, prenomeado André, além dos agradecimentos dou alguns puxões de orelha. Delicados e simbólicos, claro. Então, se bem entendi, a edição espanhola de *Bomarzo* (Mujica Lainez) permanece em posição de sentido em sua estante, esperando por sua benevolência para ser ainda descoberto? Só não lhe atiro pedras porque tenho parte de meu telhado de vidro. Explico: por cerca de quatro décadas meu *Ulisses* permaneceu fechadinho da silva joyce. Seu deslocamento para minha cabeceira só aconteceu no confinamento recente. Agora, entretanto, com o *Ulisses* aberto sob meus olhos, posso intimar o Mintz a retirar o *Bomarzo* de seu descanso. Ô André, ô André, predisponha-se à fruição (mesmíssimo recado já dado à Ângela), ao bel-prazer. Em sua próxima ida a Córdoba/Argentina, certamente, não deixará de visitar a casa de Manucho. Já emendo uma sugestão para sua próxima viagem à Itália: esticar até o castelo de Bomarzo para conferir o Parque dos Monstros, no vilarejo de mesmo nome, não muito distante de Roma. E em sua passagem por Veneza, fazer uma visitinha à Academia para conferir os detalhes do



Ritratto di giovane gentiluomo, de Lorenzo Lotto, inspirador de Manuel Mujica Lainez. Devidamente apreciada a leitura e as visitas turísticas, talvez André Mintz consiga demonstrar aos dirigentes de Netflix, AmazonPrime e outros concorrentes, o que estão perdendo por não produzir a minissérie *Bommarzo*. Perdem eles, perdemos nós. Ah, outro conselho personalíssimo: tirar seu *clown* do armário, deixando de se fazer (só) de sério. “Que conversa é essa, PauloB?”, indagarão outros leitores. Quando era meu bolsista de IC, André fez curso(s) em escola(s) de palhaços. Quando me contou isso, louvei a iniciativa, levando muito a sério sua formação paralela (tendo a acadêmica como principal). Pronto, falei. *Ipsa facto* proponho uma barganha ao Mintz: ao final da leitura de *Bommarzo*, ganhará de presente minha linda e bem conservada edição de *Clowns & Farceurs* (Ed.Bordas, 1982). Aguardo resposta.

Ao **Carlos Alberto** agradeço – desta vez quase envergonhado – pelo generosíssimo exagero de minhas “refinadas tradições de pensamento”. Honestamente, remeto a resposta a Walt Whitman, que se refere com propriedade a um mestre do século XIX. Em seu poema “O fundamento de toda metafísica” (na edição portuguesa da Relógio D’Água) arremata o assunto: (*Assim falou o velho mestre aos seus alunos, / No fim de seu concorrido curso.*) *Depois de ter estudado os modernos e os antigos, os sistemas gregos e alemães, / Depois de ter estudado e dissertado sobre Kant, Fichte e Schelling e Hegel, / E exposto os conhecimentos de Platão e Sócrates, maior do que Platão, / Depois de ter estudado longamente e explicado o Cristo divino, maior do que Sócrates, / Relembro hoje os sistemas gregos e alemães, / Vejo todas as filosofias, as igrejas cristãs e seus dogmas, / Vejo, porém, claramente em Sócrates, e em Cristo, o divino, / A terna dedicação do homem pelo seu companheiro, a atracção do amigo pelo amigo, / Do marido e da mulher felizes no casamento, dos filhos e dos pais, / Da cidade pela cidade e do país pelo país.* Obrigado, Carzalberto, por me encher de saudade da Livraria 100Página, meu preferido canto de trabalho em Braga. Centésima Página de meus amores literários, onde, aliás, comprei a bela edição bilíngue de *Leaves of Grass*, supracitada, minha preferida. Enfim, a grata surpresa revelada: ter sido o agenciador de seu casamento. Isso me coloca em débito com o casal. Esta é



parte da “distribuição de brindes” desta carta. Seguindo à promessa do livro ao Mintz, está prometido ao Gera & Carzalberto um presente de padrinho de casamento.

Esta resposta epistolar é de inspiração flaviana. A deliciosa e bem-humorada carta de **Flávia** Miranda fez renascer em mim uma verve adormecida desde o retorno de Paris aos meus penates em 1983. A carta foi minha imprescindível e salvadora mídia durante cinco anos de exílio voluntário além-mar. Nos seis meses de estada bracarense em 2010, já nos comunicávamos bastante por telefone e, muito já, por email, tirando a graça da escolha do papel de carta, cor da tinta, desenhos e colagens, quando não de poéticos cartões postais, e da exigida paciência do vai e volta dos correios. À Flávia, vai um esclarecimento: a tal “placa tipográfica” que escorava a porta do Atelier, era parte de um longo e custoso processo na produção de jornais diários. Aquela peça instalada na máquina rotativa, devidamente tintada, imprimia o jornal. Chamada de “telha”, pesadíssima, como quem nela tropeçou sabe, era fundida a partir do “flan”, uma matriz em massa de papelão moldada em cima da composição tipográfica (textos em linotipo e títulos em monotipo) e dos clichês fotográficos. Os linotipistas recebiam os textos dos redatores em folhas datilografadas, devidamente diagramados, para orientar seu comprimento e largura na composição das matérias. O cheiro forte e intoxicante do chumbo dominava o ambiente das oficinas do *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, ali na rua Goiás, quase esquina com Bahia. Por que falar dessa relíquia jornalística só agora? Porque à ocasião, em atendimento à comissão do MEC, fui impedido de fazê-lo aos futuros jornalistas. Só publicitários em formação poderiam saber disso.

À **Laura** quero lembrar que sou eu seu aprendiz. Aprendo coisas que supostamente eu tenha lhe ensinado. Iconologia dos Recortes de Paulo B: em seu texto, Laura atende e responde às muitas cobranças que já me fizeram para colocar no papel essa metodologia. Obrigado, gentil colega. Muito obrigado também por se lembrar das visitas dos alunos a um pedaço do mundo editorial belo-horizontino. Na visita à Mazza Edições, podia demonstrar, de pinga, “o que pode uma mulher negra”. Pode tudo, deusas. Sou-lhe grato por deixar entrever em seu texto meu



eterno e indestrutível amor por Maria Mazzarello Rodrigues que, ainda quando eu era graduando na PUC Minas, tomou-me pela mão e passou a me guiar pela vida profissional e acadêmica.

No verbete Imagens **Vanessa** dá continuidade à exposição de Laura, ajudando a saldar minhas dívidas com meus cobradores de exposição dessa metodologia. Desta forma Vanessa, Laura, e outros autores que também abordam o tema, proporcionam-me maior tempo para desfrutar de meu à toa de andorinha de Manuel Bandeira: “*Andorinha lá fora está dizendo / passei o dia à toa, à toa*”. Naquela conversa do dia 15 de dezembro, para não extrapolar o tempo que me deram, omiti algo que gostaria de ter narrado, que Vanessa apresentou em seu texto. Sempre gostei de trazer para as pesquisas objetos inusitados, nunca colocados lado a lado e muito menos nelas inseridos. E.g., o *Animalário Universal do Professor Rovillod* (outra preciosa aquisição na 100Página, em Braga), arrancando um produto editorial da estante de literatura infantojuvenil para elegê-lo como parâmetro de análise de capas de revistas de informação semanais brasileiras. Vanessa completou minha Conversa falha.

Carlinhos, em seu Olhar, nos presenteia com uma aula magistral. Ahhhhh, a roda da fortuna, roda da fortuna que roda. “O sucesso da colheita depende da qualidade da plantação”. Tento avançar um pouco, qualificando aquela “qualidade”. Acho que o sucesso da colheita depende dos “cuidados” com a plantação. Olhar, mirar, tomar em consideração. A busca da semente da cebola – que o Elton me perdoe, todos sabem que a cebola é o terrível *ordalium*, a extrema tortura do Elton, não sabem? – como tentativa de encontrar o ponto inicial que vincula um significado a um significante. Metáfora mais que perfeita. Obrigado, ainda, Carlinhos, pelo repasse d’O casaco de Marx.

No verbete Partilhas, o escritor psicanalista Carlos de Brito e Mello mais uma vez apresenta projeções e mais projeções expressas neste livro *Paulo B.* Ora, ora, quem melhor do que psicanalistas para praticar essas partilhas? Quem melhor do que boas e bons psicanalistas para exercer aquele papel outrora dado a lideranças religiosas, gurus, diretores de consciência, mães-de-santo ou chamem como quiser? Ah, **Trovão** que troveja em céus e terra fazendo Virgílio falar de Sibila em seu gambito,



quanto tenho a agradecer por seu texto, e quanto a agradecer por minha derradeira tese orientada. Vai agora a resposta a uma questão trazida em seu texto “Como o meu nome completo, dois pré e dois sobre/nomes se reduziram a PauloB?” O apelido foi-me atribuído por colegas da PUC Minas nos anos 1970. Para documentar a redução onomástica, Lilla Ayres compôs um curto poema em letraset, que reproduzo com prazer:

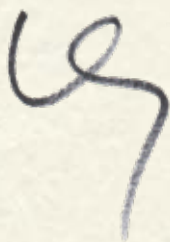


Bruno Guimarães Martins exagera ao mencionar minhas leituras de *Passagens*. “Ler, reler e tresler”. Para não o desmentir, trarei o Benjamin para a cabeceira, ladeando-o com o *Ulisses*. Maior elogio eu não poderia receber – dentre tantos que fizeram neste “perfil em mosaico” – do que a associação feita pelo Bruno entre as *Passagens* benjaminianas e meus métodos de trabalho em salas de aula. Cito (final do primeiro § da página 151): “Além de potencialmente aumentar a possibilidade de epifanias, nos convencíamos que a criação ainda era possível e, mais ainda, necessária.” Em tempos tão sombrios como estes em que vivemos, ao nos depararmos com o olhar fixo na aridez do deserto que se abre às nossas janelas, ler e incorporar isso é um grande e promissor alento, Bruno.



Ao **Ricardo** agradeço pela lembrança de nosso intenso convívio quando eu fazia dos bolsistas de IC meus colegas. Prática de ensino e pesquisa sempre adotada, exercitando os preceitos whitmanianos – poema citado na Conversa de 15 de dezembro – na menção ao Mestre dos Atletas. Misturo orgulho e emoção neste coleguismo antecipado, sendo Ricardo, atualmente, professor no Departamento de Ciência Política da FAFICH, mesma faculdade onde passei meus últimos 30 anos; e tendo a coautora do verbete Presença, **Sílvia** Capanema, se tornado professora na mesma Université de Paris XIII, Paris-Nord, em Ville-taneuse onde, 40 anos antes, fiz Mestrado e Doutorado, hoje chamada Université Sorbone Paris Nord. *Et par dessus le marché*, Sílvia é seguidora de minha *playlist* no Spotfy “Musiques de mon coeur”. *Je suis très fier de vous, chers collègues*.

“O P&B é um ambíguo obstetra de seus e de nossos devaneios”. Nesta síntese definidora apresentada por **Diego** Belo me encaixo, recluso. Que boniteza de texto em arte gráfica, textos em design. Se vale desenhar uma resposta, aqui imprimo meu “Vale Desenho” nesta rubrica, traço curto que desenha o P e o B. O desenho lhe será entregue na primeira oportunidade que tivermos de voltar ao saudoso cumprimento de abraços fraternos (que aliás, deveria ter sido dado por esses dias passados, no dia 21 de janeiro, seu aniversário). Minha rubrica:



Em seu texto, **Elton** termina dizendo que sempre fui seu professor. Projeção, mais uma vez, projeção. Ora, pois, esclareço: em 1997 fui eu quem me tornei, aos 47 anos, o mais novo e o mais velho aluno de



Elton Antunes, quando ele assumiu seu cargo de professor na UFMG. Nunca lhe revelei isso. Pois saiba, Elton, seu aluno fui, sou e continuarei sendo. Bem pentelho, reconheço, como soe acontecer com eternos adolescentes, segundo a interpretação astrológica: geminianos são assim.

Bruno Leal fala de Sensibilidade, recorrendo a um misterioso e poético Nathanael, segundo a Bíblia, um bem-dotado, “um verdadeiro israelita, em quem não há dolo”. Ao apresentar Nathanael como exemplo da sensibilidade aplicada, da paciência e independência, o professor Bruno rememora passagens de minhas experiências em classe, sensibilizando-me mais e mais, pois me derreto em lágrimas ao me lembrar do aluno com deficiência visual – também chamado Bruno – a manipular palitos de diferentes espessuras para perceber as hastes das letras, os ângulos, as serifas pontudinhas etc. Não me perguntem como – e poderão obter o testemunho de seus companheiros de classe –, na interpretação/representação visual da música *Ária para a Quinta Corda (suíte III)*, de Bach, também no trabalho realizado pelo aluno Bruno predominavam os tons azuis e as linhas horizontais, em perfeita harmonia com a melodia e com os trabalhos dos demais colegas. Enxugo as lágrimas e passo ao texto seguinte, em viagem para os Sertões minhotos.

“Viagens longas, mas assombrosas, porque cheias de ensinamento”, diz **Moisés**. Viagens chamadas travessias, onde percorríamos rotas sobre as rodas do seu carro ou nos trilhos dos comboios. Nas autoestradas portuguesas, Moisés conduzia tão entretido com a prosa que, tempos depois, andou recebendo alguma(s) multa(s) por excesso de velocidade. (Devo-lhe, não nego, pago quando ele voltar a percorrer as estradas mineiras). O percurso de algumas horas do comboio Braga-Lisboa parecia reduzir-se a poucos minutos com a conversa ininterrupta. Passeando pelo gramado de sua casa à beira do rio Cávado, nas alamedas entre os galpões de Inhotim, ou sentados no amplo restaurante da UMinho dávamos curso à nossa prosa interminável. Prosadores comensais no restaurante universitário às vezes éramos interrompidos pelo simpático garçom falando sobre a atuação do Benfica. Para atazaná-lo, eu dizia ser adepto do Sporting Braga, chegando a lhe presentear com a bandeira vermelha da equipe bracarense obtida em minha única visita ao lindo e imponente estádio da cidade, o Axa, em uma partida vitoriosa da equipe bracarense.



AnaGru (Ana Cláudia Gruszynski, lindo verso hexassílabo adaptado em haicai) me lança em um fascinante enxame de vagalumes. Remete-me às noites escuras e iluminadas de minha infância interiorana, quando eu me deslumbrava com o fenômeno bioluminoso, sem entender, mas bem vendo, a perceber o pisca-pisca que iluminava o breu e, muito mais tarde, vim a saber, iluminava também o pensamento de Pier Paolo Pasolini e, depois, de Didi-Huberman. Como a manifestação gráfica artística do Diego, AnaGru me brinda com haicais tipo-manuscritos maneirísticos, maneiríssimos. E, então, faz um comentário sobre algo que ainda não conseguiu entender: como entrar no modo invisibilidade? Uai, AnaGru, não será essa a mágica habilidade dos vagalumes? Só pisca-piscar. Pirilampear.

O livro termina onde poderia começar, com **Angie** a falar de Ventania, fazendo-me lembrar da peça infantil de Maria Clara Machado, *A Menina e o Vento*, para a qual fiz cenário em uma produção divinopolitana dirigida por Osvaldo André em 1968. No texto da Professora Angie, contudo, não há pretensões teatrais. Didáticas, sim, como é do seu feitio. Apresenta-nos uma aula perfeita para falar de um percurso acadêmico. Se eu ainda atuasse no PPGCOM-UFMG, pediria para ministrar a disciplina de metodologias de pesquisas para adotar e explorar o magnífico e sintético texto biondino, a demonstrar com facilidade alguns dos pontos fundadores para a construção do campo científico; a saber: a) o estabelecimento dos limites entre saber e conhecimento; b) a definição do referencial teórico e conceitual da área; b) a leitura precisa dos modelos de formalização que constituem um modelo científico. Peço desculpas por esta aplicação na carta-resposta coletiva (no sentido de “aluno aplicado”, cdf, bem comportado, que copia no caderno o que a professora escreve no quadro). Compreendam, *la rigueur de Angie oblige*.

Finalmente, não posso deixar de observar algo que me surpreendeu ao ler este livro de vocês: nossa perfeita sintonia. Sintonia entre seus surpreendentes, sinceros e emocionantes textos e aquela minha “Conversa ao pé da orelha” no PPGCOM-UFMG em 15 de dezembro de 2020. Quem ali me ou viu decerto notou algum alinhamento. Parecíamos combinados. Mas o que “acertamos” foi mesmo o comprimento



de nossas ondas médias, curtas e de frequência modulada. Sintonia fina. Vendo-me mexer e remexer por dias seguidos no texto que eu apresentaria na teleconferência, Jullian se intrigava com meu vai e volta, com o bota e tira ingredientes, na tentativa de resumir uma ópera de três décadas a 45min de fala. Ele, que bem sabia da preparação deste regalo-surpresa, nada deixou transparecer, guardando-se para aquele momento de revelação, ao final da Conversa, com o sinal dado pelo Bruno para que “tirasse da cartola” e me entregasse o livro. Ainda bem, pois soubesse eu o que já estava escrito/publicado, eu emudeceria. Ficaria afônico, como já me ocorreu na apresentação em um evento científico em Florianópolis, onde fui salvo pelo Fred. Mas esta é conversa para contar pessoalmente.

Na formal despedida epistolar, expressei-me em inglês, que tão bela e singularmente diz

Sincerely yours,

ÂNGELA MARQUES

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Doutora em Comunicação Social pela UFMG. É pesquisadora do CNPq e tem pós-doutorado na Universidade Stendhal, Grenoble III, na França. É autora dos livros *Apelos solidários* (Intermeios, 2017), escrito com Angie Biondi; *Diálogos e Dissidências: M. Foucault e J. Rancière* (Appris, 2018), com Marco Aurélio Prado; e *Ética, Mídia e Comunicação* (Summus, 2018), com Luis Mauro Sá Martino. É organizadora do livro *Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas* (SELO PGCOCOM, 2018).

BRUNO SOUZA LEAL

Professor titular do Departamento de Comunicação e do PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais. Doutor em Literatura Comparada, Mestre em Teoria da Literatura e bacharel em Comunicação (Jornalismo) pela UFMG.

ELTON ANTUNES

Professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador permanente do PPGCOM/UFMG. Dedica-se às pesquisas em torno do jornalismo. Foi coordenador de comunicação do Projeto Manuelzão, ação de extensão da UFMG (2002/2013). Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG (2014-2016). Integra o Grupo de pesquisa em historicidades das formas comunicacionais (ex-press), é pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência, ambos da UFMG.